ISTORIA

DO

CATIVEIRO DOS PREZOS D'ESTADO

NA

TORRE DE S. JULIÃO

DA BARRA DE LISBOA

DURANTE A DEZASTROZA EPOCA DA UZURPASÃO

DO

LEGITIMO GOVERNO CONSTITUCIONAL

DESTE REINO DE PORTUGAL.

POR

JOÃO BATISTA DA SILVA LOPES,

Um dos martires da referida Torre.

TOMO IV.

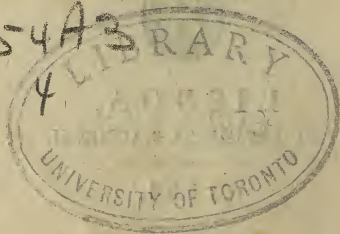
LISBOA,

NA IMPRENSA NACIONAL.

1834.

"Toglietè un momento ai vostri piaceri per condurvi nelli carciri, ove più migliaja de' vostri sudditi languiscono per vizi delle vostri leggi, e per l'oscétanza de' vostri ministri Gittate gli occhi sopra queste tristi monumenti delle miserie degli uomini, e della crudelta di coloro, che li governano. Approssimatevi a queste mura spaventevoli, dove la libertà umana è circondata da'ferri, e dove l'innocenza si trovà confusa col delitto.,,

"*Roubai um instante aos prazeres, em que de continuo andais nadando; lansai os olhos para esas lobregas e escuras masmorras, onde por cauza das vosas viciozas leis, negligencia e incuria dos ministros, jazem entorpecidos milhares de cidadãos. Considerai com atensão eses tristes monumentos da mizeria omana, e da crueza dos que governão. Aproximai-vos desas orriveis e medonhas muralhas, dentro das quaes, ferropeada a liberdade, com o crime confundida mora a inoccncia.* ,,

Filangieri. Liv. III. Cap. VI.

ISTORIA

Do Cativeiro dos Prezos d'Estado na Torre de S. Julião da Barra, durante a dezastroza epoca da uzurpasão do Legitimo Governo deste Reino de Portugal.

CAPITULO XIII.

Remosão para Cascaes. = Governo do brigadeiro Tiago Pedro Martins.

ULTIMOS DIAS DE MAIO, E JUNHO DE 1833.

Pela volta das 3 oras da tarde abicamos ás praias de Cascaes, onde dezembarcamos: fomos conduzidos entre soldados armados a uma bateria da cidadela, defronte das cazas do governador: ali estivemos demorados bastante tempo, sendo contados e recontados varias vezes pelos oficiaes, que nos entregavão e recebião, á vista d'umas informes relasões de nomes, que na praia, ao embarcar, tinhão feito a lapes. Marxamos

dali em direitura a uma obra esterior da cidadela, revelim, a que xamavão o *inferninho*, nome, em verdade, não mal apropriado. Descia-se para esta nova morada por uma escada de muitas voltas, bastante estreita e escura; aos 17 degraus se encontravão umas cazas pequenas, e continuando a descer mais, se xegava no fim de vinte tantos a um pateu de figura triangular com 22 pasos de lado, uma cisterna proxima a um deles, e cinco escadas para outros tantos cubiculos de dois andares e lojas, ao todo vinte duas cazinholas, nas quaes nos acomodamos 241 individuos, incluindo os demais companheiros das outras prizões da Torre, que em pouco se nos unírão, ficando todos mui apertados, e sem camas, ou coiza de comer, nem comodidade de qualidade alguma, valendo-nos de muito serem as cazas de sobrado, e aver tarimbas nas lojas. Governava Cascaes o brigadeiro Tiago Pedro Martins, omem velho, e axacado, daqueles que não são carne, nem peixe.

Era composta a guarnisão d'uns 200 omens do regimento de milicias de Lis-

boa ocidental, e outras tantas recrutas de n.° 19, pelos quaes fomos tratados com algumas maneiras decentes, mormente pelos oficiaes das milicias, que, em modos, contrastavão sobremaneira com os que deixavamos na Torre, e até ao fim de nosa estada aqui asim continuárão. Nesa tarde, quazi nada de comer se pôde alcansar, e mui pouca agua: nada estava providenciado para nos receber, e tudo faltava, a menos baionetas, que era o que mais nos aparecia.

No dia 29 ainda sofremos faltas de comida, e agua: a vila tem poucos recursos; nem pão avia em abastansa, e menos carne: o governador, como dise, não tinha sido prevenido d'antemão; alem diso tinha ele pouco dezembaraso para dar as primeiras providencias, que o cazo demandava. A muito custo vinha alguma agua; valeu-nos de muito a cisterna, que por mais de 20 dias ainda alguma conservou, e de que, á necesidade nos servimos; posto que nos disesem que não a bebesemos, porque fazia sezões; a necesidade porem não tem lei. Xá, e pão com manteiga, ou para falar mais verdade, agua quente, tinji-

da com rarisimas folhas de xá, e pão que a custo xeirava a manteiga, porque a faca com ela corria pelo pão mais velós do que o fino galgo atrás da lebre, foi o meu sustento e de meus companheiros de ranxo nas primeiras 48 oras; outros pasárão a pão e queijo, e não poucos com ele seco, que sabia ao melhor manjar. A penas se puderão alcansar uns 10 ou 12 jantares de pouca carne, e algumas sardinhas fritas, que a mui poucos xegou.

Soubemos que viera um barco com bagagens da Torre, mas nese dia não nos forão entregues; e asim, comendo mal, e dormindo peor, não era d'admirar que a molestia continuase a fazer progresos. No meio de todas estas privasões, que se reprezentavão com instancia aos oficiaes para o fazer constar ao governador, recebeu o sr. Valadas, que da policia ou diresão da prizão continuou a ficar encarregado, ordem por escrito = para todas as noites rezarmos o terso de N. S., com um Padre Noso, e Ave Maria, pela conservasão da saude de S. M. o senhor D. Miguel 1.º, para felicidade deste reino. = Providen-

cia maravilhoza, prodigiozisimo maná, que com a barriga vazia nos fes dormir a sono solto no fôfo sobrado, ainda mais outra e outras noites!

Já na tarde deste dia não vierão os oficiaes ao pateu com as grilhetas trazer algum pão ou agua, como tinhão vindo de manhan, e no primeiro dia: comesárão a tomar mais cautelas para falar á porta. Conhecêrão que era imposivel estar tanta gente em tão poucas cazas, (a 30) mudárão 16 para outros cubiculos, que tinhão umas pequenas janelas com grades de ferro, as quaes deitavão para o páteu, podendo-nos por tanto falar, com a entrada porem pela caza da guarda, que demorava á entrada, ao descer para o noso inferninho. Ficando ainda muitos, e tendo vindo a 3 de junho mais 12 dos companheiros, que ficárão na Feitoria, deliberou-se o governador, depois de reiteradas reprezentasões da nosa parte, apoiadas pelo cirurgião do ospital, e o sr. Leonardo, a mudar 50 para um quartel de soldados ao lado da igreja, com 35 pasos de comprido, tarimbas nos lados, coxia em que bem cabião 3 ou 4 pesoas a pasear, uma ja-

nela por cima da porta e duas aos lados, caza muito mais espasoza, o dobro, do que a maior das nosas.

Ainda não satisfeito o Teles com os medicos, cirurgiões, e boticario, que lá tinha deixado ficar na Feitoria, reclamou mais um praticante de Farmacia do sr. Simão Pedro Neves e Melo, que pela asiduidade de seus trabalhos ali sucumbiu á molestia, de que foi acometido, e com efeito partiu logo o referido praticante, o sr. Silvestre dos Santos Ferreira, que com os maiores desvelos para com os enfermos ficou sustituindo seu mestre.

Tinhão vindo dois barcos com bagagens até oje 3, os quaes apenas trouserão as d'uns 50 ou 60, que vimos serem as que ficárão no pateu, nas quaes encontramos faltas de varias coizas, que nos forão roubadas, já na Torre, já mesmo ao dezembarcar e carretar para a prizão; e tão escandalozamente, que ainda se foi dar com uns 4 lensões e um lenso de seda, que os grilhetas andavão vendendo, e que só pasado muito tempo se entregárão a seus donos. Por

esta ocazião entrárão alguns baus e caixas sem serem abertos e revistados.

Tinha-se feito uma representasão ao governador sobre a falta das demais que na Torre se prometera seguir-nos de perto, e atégora só esa pequena porsão avia xegado, e tão dizimada, que receavamos ficar sem a que ainda por lá estava; mormente grasando, como grasava, o boato de que a Torre estava de todo abandonada, e grilhetas e soldados andavão vendendo camizas a seis vintens, lensoes e outras coizas por baixos presos. O Tiago oficiou com esta representasão ao Teles, o qual respondeu, que não tinha de quem dispôr para o embarque e remesa das bagagens, e que asim poderia ele mandar de Cascaes alguns dos prezos e tropa para as conduzir. Não quis o governador anuir a que fosem alguns prezos em barcos da terra; e a muito custo permitiu que fose o criado do sr. Caula, o qual não era prezo, e voluntariamente acompanhava seu amo; este porem só trouse da prizão pequena do revelim as dos poucos, que pode acomodar em 3 carros, com que xegou no dia anterior 2. Para a sua familia dise

o sr. Caula os incomodos e privasões que estava sofrendo com todos os companheiros, e em resposta teve, que as senhoras tinhão ido espôr ao duque o ocorrido com as bagagens, e a falta que de tudo estavamos sofrendo; e que ele prometera mandar logo pasar as ordens para serem remetidas todas, e melhorar no mais a sorte dos prezos. Ilusorias forão semelhantes espresões, asim como inutil um requerimento energico, que sobre o mesmo asunto se lhe dirijiu por via do governador. Todos se divertião com os nosos padecimentos, e querião com eles dar cabo de nosa ezistencia, não se atrevendo, por uma aparencia de respeito ao publico da Europa, mandar-nos matar a ferro e fogo.

Vendo eu no dia 5 que nada rezultava das promesas de nos ser remetida a bagagem, e doendo-me a barriga pelos papeis, que metera no colxão, deliberei-me a falar ao recoveiro; (porque iso aqui não nos era vedado, nem a cada um falar tambem a seus criados, ou a quem quer que o procurase, em publico e prezentes oficiaes, bem entendido); prometeu ele encarregar-se de fre-

tar barcos, e trazer tudo o que lá encontrase pertencente a prezos, segurando-lhe eu que tudo lhe avia de ser pago, e recompensado o seu trabalho; sem contudo lhe falar pozitivamente na minha cama e caixa, por não acordar o gato que talves dormise, e não mostrar empenho pesoal; continuando no entanto a dormir, como a maior parte dos companheiros, vestido, e embrulhado no capote. Valeu-me terem todos os companheiros do meu qnarto recebido as suas camas, pelo que me cedêrão os seus capotes, em que dormia melhor talves do que o patriarca nas silvas.

A 7 veio com efeito o recoveiro com algumas bagagens, roubadas pela maior parte; e ainda não veio a minha, que já me dava cuidados, não tanto por continuar a dormir no xão, como pelo rexeio do colxão; mas enfim não avia remedio, sofrer e cara alegre. Paguei ao recoveiro doze mil reis, que pediu de frete, e que foi rateado por todos que recebêrão alguma coiza. Faltavão varias que mais mingoavão nosos poucos teres. Muitos não tinhão roupa para mudar, e tiverão os que alguma recebêrão, de a

prestàr aos outros, no que avia a mais cordial franqueza. Não avia quem quizese lavar a suja; dizendo-se-nos que as lavadeiras temião o contagio da molestia, e mais de 10 ou 12 dias nos andárão embaindo com estes embustes, até que depois diso apareceu então quem lavase.

A 13 veio avizar-nos um ajudante de ordens do governador, Cristiano Joze Garsão de Carvalho, de que recebera um bilhete de seu primo Estocler, no qual lhe dizia, que partecipase aos prezos, mandasem buscar o resto das bagagens, aliás nem o governador da Torre, nem os oficiaes se responsabilizavão por elas. Avizo capciozo e iluzorio, pois eles bem sabião, que nós careciamos de meios para as mandar conduzir, e eles os tinhão á sua dispozisão, e o podião e devião fazer, asim como fizerão para com as primeiras. Sofrer era a nosa sorte: as reprezentasões, por mais bem fundadas, erão baldadas!

Aparece um miliciano que ajusta por tres moedas o frete de todas as bagagens, que na Torre ouvese. Neste comenos prezenta-se o recoveiro, dizendo que tudo estava na praia a dezembar-

car, e que só ficara lá alguma loisa, e as barras, que o Teles não consentira embarcar, para escolher primeiro as que pertencião ao estado; pediu outros 12 mil reis, e afirmou que as engomadeiras, em cujo poder avia ficado a roupa que mandaramos lavar, lhe diserão que ainda não estava pronta, e a traria na seguinte recuvajem. Nada entrou ainda nese dia; xoveu de noite, molhárão-se muitas coizas, e a não ser tal ou qual o oficial da guarda, que mandou meter debaixo d'um alpendre as camas, tudo ficaria ensopado. Com efeito recebêrão-se no outro dia, pasando o Garsão revista a tudo, é verdade que não muito escrupuloza; mas asim mesmo ficárão muitas coizas para o outro dia, e vimos que ainda faltava o trem de muitos: veio porem a minha cama e caixa, com o que fiquei mais dezasombrado.

Dei-me, logo que meti a cama no quarto, a descozer o colxão e encontrei todos os meus papeis incolumes, do que tive grande satisfasão. Deliberei-me a livrar-me de sustos futuros, e ajustei com o sr. Leonardo Severo ir pondo nem só eses, mas os outros manuscri-

tos, a salvo, o que ele teve a bondade de fazer, levando alguns deles, todos os dias que saía fora, para o que sempre ia de capote; e asím pasou tudo para caza de suas benemeritas filhas, que na vila moravão. Aconteceu porem um incidente que continuou a dar-me cuidado; e vem a ser: no dia em que mandava os primeiros doze capitulos desta obra, bem cozidos em um lenso, mandou tambem o sr. Marsal certos livros e papeis para a filha do sr. Leonardo entregar a seu criado: ela, não recebendo um bilhete de seu pae, que lhe esplicava o que devia entregar ou guardar, entregou tudo ao criado. Bem certo estava eu de que este os poria a recato com os de seu amo, mas receava algum estraviu imprevisto, o que felismente não ouve: andei porem até á nosa soltura com a pedra no sapato, como dis o proverbio.

Já esta noite dormi em cama e entre lensoes, o que não me acontecia á 18; confeso porem que não dormi melhor que nas anteriores; estava á prova de tudo; podia dormir na ponta d'um alfinete; nada me dava abalo: a colera não

me intimidava, e gozava a mais perfeita saude. Faltava-me um xergão, que dei por perdido ou roubado, sem mais fazer conta com ele. Quem diria que esta falta ainda me avia de vir a ser util! O certo é que á males que veem por bem.

Novos roubos nas bagagens, novas despezas: recebemos a roupa das lavadeiras, com que pouco contavamos, mas com suas faltas. Vierão dois carros com algumas camas e baus, e mais duas moedas de despeza, dizendo o condutor que ainda lá ficárão varias coizas que não lhe deixárão trazer, prezentando-nos um bilhete, que, dizia, lhe dera lá um capitão, e que simplesmente continha: = „*O portador não leva varias miudezas por não terem o nome de seu dono.*„ = Como se tudo o que lá estava não pertencese aos prezos! Enfim, por encurtarmos razões, basta dizer, que tantas e tantas vezes mandamos buscar bagagens, que em fretes despendemos mui perto de cem mil reis, sendo roubados em tudo, de sorte que com verdade se pode afirmar, que não ouve uma duzia de pesoas, a quem não faltasem camizas, lensoes,

calsas, ou qualquer outra coiza, vindo muitos a ficar depenados; isto roubado asim cá, como lá, e com o maior descaramento. Mandou o sr. fr. Fortunato de Santa Roza entregar na prizão nova ao sr. padre Menezes a cama do sr. padre Faria; faltárão 3 lensoes que dentro levavão, e nunca mais aparecêrão. Os oficiaes desculpavão-se com os da Torre, com os soldados, e grilhetas: imputavão a culpa de tudo á falta de metodo e desleixo, com que na Torre a este respeito se avia procedido, mas nós ficavamos sem o que era noso, tendo despendido o que nos teria servido para nos sustentarmos muitos dias. Um dia veremos que tão ladrões erão os de Cascaes, como os da Torre. Vis, infames, baixos, escoria da especie omana!

No primeiro de junho fomos avizados de que iriamos a paseio, 60 por cada ves, de manhan e de tarde; o que logo se pôs em pratica, levando-nos entre fileiras d'outros tantos soldados armados de baioneta, alguns sargentos e um oficial. Atravesamos a cidadela em diresão á bateria de Santo Antonio defronte do convento dos Marianos, de

bastante estensão, e arejada, onde paseavamos á vontade, pouco mais ou menos, ora e meia. Conversavamos com soldados e oficiaes; e entre uns e outros avia bons e maus, sendo maior o numero dos primeiros em aparencia. Alguns dos oficiaes mandavão dali mesmo buscar por um soldado o que queriamos das vendas ou lojas. Só um brutal sargento das milicias é que, um dia, por nos mostrar o seu despejo e boa vontade, comesou com o tersado a decotar os novidius d'uma figueira, que avia em um pequeno quintal junto á bateria, dizendo para os seus camaradas: = „*Esta tambem é lá do Algrave; asim ei-de fazer a tudo que é lá deses Algravius.*„ = Rimo-nos os que ali andavamos dos Algarvius, e que em todas as prizões bem avultavamos em numero; e atribuimos aquela torpe ameasa a um fasanhozo sargento d'artilheria 2, Joaquim Manuel Lopes Medina, que conhecia de Faro muitos de seus patricios, que em tempos anteriores, por seus dezaforos contra o sistema constitucional, lhe avião xegado a roupa ao coiro, e tinha sido o primeiro que, no aziago 28 de

maio de 1828, vertera em Faro o sangue do infelis e desditozo Chateauneuf. Em toda a parte se encontravão destes valentões, mas aqui em Cascaes forão menos.

Foi aparecendo mais alguma coiza de comer; a vaca era boa e a 40 reis o arratel, e tudo o mais por presos comodos; mas logo aos primeiros dias foi encartado, para se encarregar de todas as compras do que quizesemos, um sujeito que fôra emigrado para Espanha, e se asinou como testemunha em uma procurasão, que o sr. Januario Antonio Monteiro mandou fazer, = *Joze Maria Afonso Alves Bacelar*, *Aprezentado a S. M.* = Este sujeito, como estava faminto, tratou de tirar o ventre de mizeria; trazia-nos tudo mais caro, e mingoado nos pezos e medidas, roubando-nos a dois carrilhos, e sendo tudo da peor qualidade. Alguns dos que forão ao ospital, diserão, quando voltárão, à diferensa que avia nos presos, que tambem já conheciamos em algumas bagatelas que do paseio mandavamos comprar. Era fado noso: em toda a parte encontravamos destas almas caritativas:

em tudo, e por quazi todos eramos roubados! Santas criaturas! Calunias, ou colunas, da religião, que dos labios não lhe pasava!

Como no ospital conhecesem, como dise, os companheiros os roubos que se nos estava fazendo, oferecen-se um certo Vicente Joze, comprador do ospital, que junto á igreja tinha sua loja de mercearia, para nos prover de tudo pelos presos correntes, vindo todas as tardes receber as relasões, e na manhan seguinte entregar as encomendas. Prezentou a relasão dos presos: o arros era a 50 reis, que o sr. Aprezentado a S. M. trazia a 60; o asucar a 80 reis, este a 100; manteiga a 240, este a 280; toucinho a 100, este a 120; xá a 90 reis por onsa, este a 110; marmelada a 150 este a 200, papel pardo a 40 reis a mão, este a 70; branco a 20 reis por caderno, este a 30 etc. Era bem vizivel a ladroeira, entretanto não permitiu o oficial da porta, que o Vicente levase a lista das encomendas, dizendo que, pór ordem do governador, só aquele sujeito por ele nomeado era o que devia fazer as compras, e ninguem mais. Tolheu-se

até o serem providos os srs. Marsal, e Caldeira Pedrozo por uns seus conhecidos, que, do principio, lhes mandavão o que para seus ranxos precizavão!

Era demaziado escandalozo o roubo; nós clamamos: a diferensa era grande, não sabião como se avião desculpar; mostrou-se a um tenente do 1.º d'artilheria João Manuel Felgueiras, e ao Garsão, que ordinariamente vinhão asistir á repartisão, e entregas das encocomendas, a relasão dos presos. Logo no outro dia (9) veio ordem para que tudo se comprase para 8 dias, escéto pão, carne, e carvão: espôs-se a imposibilide de levar ao fim semelhante determinasão, por falta de meios para comprar por junto, e comodidades para ter eses provimentos em cazas tão acanhadas. Estas razões, ou o ser mui calva a proibisão de comprar as coizas mais baratas para nos obrigar a comprar mais caro, recomendando todavia comprar nas maiores porsões, fes alguma impresão; e o tal mordomo por devosão comesou a acomodar-se aos presos do Vicente, desculpando-se de ter sido enganado nas lojas. Que inocente!

Ainda lá vinha o Vicente escorregando algumas coizas, que por groso mandava ao sr. Domingos Francisco de Abreu, o qual por miudo repartia com os companheiros sem lucro algum; repetiu-se porem a 13 a ordem de não ser admitida coiza alguma do Vicente Joze, Reprezentou o sr. Barradas, por escrito, ao governador o prejuizo que esta ordem cauzava aos prezos, não só pela diferensa dos presos, mas pela qualidade dos generos, e prontidão do serviso, que cada um encomendava a pesoas de sua confiansa, etc. Mandou em resposta por um oficial, que se provese cada um donde quizese, e como melhor podese. A 15 renova-se a ordem antiga, e tendo os individuos desta prizão encomendado a uma pesoa da cidadela, que por obzequio a algum dos prezos os quería servir, certas coizas, não foi permitido entrar um pouco de pão, galinhas e outras coizas compradas na vila, mandando o oficial da guarda estrema-las d'outras, que por via do mesmo vinhão das familias dos prezos, em Lisboa. Reprezentou de novo o sr. Caula esta injustisa de cunho particular ao governador,

que não deu resposta alguma; deliberou-se a fazer reprezentasão direta ao duque, a qual teve identico rezultado. O governador estava pateta; tudo isto erão manejos do tal Felgueiras, e Garsão que levavão rasca com o *Aprezentado*, a fim de matar a fome, que os devorava, por aver muitos mezes que não tinhão soldo; aproveitávão com avidês tudo o que se lhes oferecia, fose ou não justo, e decente; contanto que conseguisem seus fins, todos os meios erão bons. Todos lião pela mesma cartilha, e o Felgueiras já tinha tomado lisões do Teles na Torre. Santas criaturas, incomparaveis eroes, no dezaforo e semrazão jubilados!

Faltava a diaria, posto que insignificante, da intendencia, relativa aos ultimos 15 dias de maio, para os poucos que com ela erão abonados; reprezentou-se esta falta, asim como a necesidade absoluta, a que muitos estavão reduzidos: os oficiaes militares não recebião soldo á 6 mezes; as prasas de pret nem só não tinhão este, mas nem pão. Desculpava-se o tal ajudante d'ordens Garsão, dizendo, que da Torre não ti-

nhão vindo as guias, nem tão pouco esclarecimentos ácerca da prestasão da intendencia; afirmava que o governador já tinha dado parte, porem que não se lhe respondera. Instava a necesidade, e repetírão-se as instancias: e a 9 mandárão uns 34 arrateis de carne, dizendo, que era para se darem duas rasões, por estraordinario, ás prasas de pret, esceto os srs. Jeronimo Joaquim Nunes, sargento ajud. de 16, Antonio Inacio da Silva, sargento da brigada da marinha, e o tambor Macedo, sob preteisto de que tinhão soldos grandes; mas não os recebendo estavão na mesma necesidade que os que tinhão pequenos. Viu-se que a carne era demaziada para duas rasões dos que erão prasas de pret, pediu-se esplicasão, e no dia seguinte disse o Felgueiras. que tambem era para os que recebião prestasão da intendencia da policia, e que receberião pão, o que com efeito se verificou; ficando desd'então uns e outros recebendo meio arratel de carne por dia, e arratel e meio de pão de munisão, sendo 7 os militares e 31 os da intendencia. Acrescentou dali a dias o Garsão, que era uma eta-

pe que se mandava dar; porque o governo não queria matar a ninguem á fome. A bom tempo se mostra caritativo! Que impostura! Com ela só os pacovios se deixarão enganar!

Continuou esta rasão diaria, não obstante receberem os abonados da intendencia, a 14, a ultima quinzena de maio, menos o sr. Carlos Bramão, cujo nome não vinha na lista, e sim o de Joze Gomes Rua, que, muito tempo á, tinha ido para a Trafaria: mostrou-se o engano; ficárão com os 16 tostões que jámais forão restituidos ao sr. Bramão. Os dois oficiaes prizioneiros forão, por ultimo, contemplados nesta rasão d'etape. Ora importava ela em 50 reis, porque o meio arratel de carne custava um vintem, e o pão 30 reis; e a diaria da intendencia era ainda de 75 reis; mas estes sujeitos querião ver o menos com que um omem se podia sustentar. Em tempo do Simões comesou-se na Torre a dar 400 reis por dia; depois pasou a 200 reis; Teles reduziu a 100 reis, tirando estes mesmos a varios, asim como os 200 reis, que a poucos ficou conservando; o Raimundo igualou todos a

75 reis para dar a mais algum; agora ficavão a 50 reis com o tal etape. Melhores economistas é dificil d'encontrar! Por bem pouco não descobrem a incognita de que os omens vivão d'ar; e ese pouco, e imundo. Em verdade, nós a iso quazi estavamos reduzidos. Falou-se ainda por algumas vezes na prestasão da intendencia; respondeu o Felgueiras que ignorava, e nem o governador sabia como vinha ese dinheiro; se o mandavão da intendencia, ou se era necesario ir lá busca-lo.

Quando disto se tratava, conseguiu o noso benemerito companheiro o sr. Aquino e Silva, vir fazer-nos uma vizita com o sr. Silvestre; e a 5 de julho aparece entre nós acompanhado do alf. Mira. Festejamos muito esta vizita, que foi de pouca durasão, mas como veio acompanhado tambem dos srs Barata, e J. P. Judice Biker, estes nos consolárão com algumas noticias, de que a seu tempo falarei. Aqui dise o Mira, que não esperasem o dinheiro da intendencia porque o Teles, quando agora se despediu da Torre, levou nem só toda a prestasão do mes de junho, mas

todo o dinheiro que avia pertencente a certas obras, e repartisões. Este sujeito por onde vai deixa tudo limpo.

Tinhão, poucos dias depois d'estarmos em Cascaes, sido soltos uns tres companheiros, a saber os srs. J. N. de Azevedo Salgado, padre Forte, e Teotonio Joze Ferreira, suceso, que sempre que acontecia, nos dava muito prazer, e solenizavamos como podiamos. Com a ordem de soltura deste veio tambem outra para o desditozo cego Castro, que nesa noite, de 3 para 4 de junho, tinha falecido no ospital. Desgrasado, que avia dois anos estava prezo, sem culpa formada, e só agora á forsa d'empenhos, e dinheiro era mandado pôr em liberdade, a tempo que a morte lhe segava os dias de vida, que, a não ser tão injusta prizão, talves prolongase! Muitos outros, a quem estes barbaros conservavão prezos sem imputasão de culpa, ou já em suas mesmas iniquas sentensas tinhão absolvido, ou na prizão avião cumprido a condenasão que lhes impozerão, muitos, digo, morrêrão em prizão, o que por outros tantos asasinios se deve reputar; pois restituidos á

sua liberdade, ainda quando de molestias fosem acometidos, tinhão outros meios de ser tratados, e escaparião ao asoite. Procedendo deste modo, apelidavão os monstros em seus escritos, no pulpito, e periodicos a semelhante governo o governo paternal da justisa! Que impudencia! E ainda averá quem se deixe embair de taes embustes! Que credito merecerão os ministros da religião, quando eles tão infame e descaradamente postergão a verdade na cadeira a que xamão da verdade? Não dá azos este seu indigno procedimento aos sarcasmos dos inimigos desta? Não terão estes razão de sobejo para dizer, que, sendo o pulpito intitulado a cadeira da verdade, é onde mais falsidades, embustes e blasfemias até, se tem espendido? O bom governo não carece de panegiristas asalariados; as suas obras lhe dão o louvor ou vituperio. *Ex fructibus eorum cognoscetis eos.* Obre ele com retidão, e justisa, terá amigos que o sustentem e defendão por interese, e convisão, e não por medo da forsa que sobre eles a cada momento peza. O ministro da religião trate só das coizas que a ela res-

peitão; deixe as do mundo: o seu divino instituidor bem dise que o seu reino não é deste mundo. Ai dos povos, cujo governo carece de panigiristas outros, que não sejão os seus atos de retidão e justisa: palavras já não iludem. Comparemos as gazetas d'um governo livre com as d'um governo absoluto e tiranico, a sua linguagem é a mesma; ambos são governos paternaes, e de justisa! As obras pois são que os destinguem, e não as palavras d'escritores asalariados, e ministros venaes.

Em poucos dias tivemos outro ezemplo desta justisa. A 14 forão soltos tres Brazileiros, os srs. Joze, e Joaquim Marques, e Tavares, e o sr. Domingos Ribeiro de Faria, vice-consul do Brazil, prezos, á mais de dois anos, sem culpa formada, e ainda 6 dias não tinhão decorrido, é o ultimo de novo agarrado, metido nos segredos do Castelo, onde esteve alguns dias, e lá se conservou depois prezo; suceso que nos desgostou tanto, quanto de prazer nos servira a soltura.

Não deixavamos de vir eivados da molestia, e nesa noite em que xegamos

a Cascaes, e dia seguinte, 29, adoecêrão varios com diarreia, que alguns já da Torre traziamos. Estava doente o diretor do ospital ali estabelecido, Jozé de Sequeira Moreira, ajudante de cirurgia do regimento n.º 19, e avia perto de 140 enfermos da guarnisão com diferentes molestias. Foi logo xamado pelo governador um dos cirurgiões, que nos acompanhou, o sr. Leonardo Severo, păra os tratar; e conseguiu-se irem para o referido ospital os nosos doentes, que nese dia forão em numero de oito, dos quaes logo faleceu um. Tambem nos acompanhou o sr. E. A. Velozo, mas nunca foi xamado fora, e na prizão não fes menos servisos aos que dele carecião, asim como os srs. Corujo em o ajudar, e Silva Reis em preparar os remedios.

Bem provido estava o ospital; pois era um dos criados de novo para o ezercito miguelista, e os nosos enfermos ali erão bem tratados pelo noso infatigavel companheiro, o sr. Leonardo, em todo o tempo de nosa estada em Cascaes, ainda mesmo depois que melhorou o cirurgião diretor do ospital, com o qual

continuou sempre na mais perfeita armonia o noso companheiro; e da qual rezultárão consideraveis beneficios aos que tinhão a infelicidade d'ir ocupar esta caza; pois ambos de mãos dadas se esmeravão no melhor tratamento, que aos doentes se podia dar. Adoecêrão e forão para o ospital 53 dos prezos até 30 de junho; deles morrêrão 16, sendo 8 nas primeiras 24 oras. Bem sensivel nos foi a falta de tantos e tão benemeritos companheiros, e muito mais particularmente a do sr. Borges Carneiro, que foi o ultimo que adoeceu. Entrou no ospital a 30 de junho e faleceu a 4 de julho, xorado de todos, prezos e soltos, que ternamente o amavão por suas eminentes virtudes, e patrioticas qualidades. Omem de vastos conhecimentos, bondade estrema de corasão; bemfazejo, afavel, meigo para com todos; pomba sem fel, não podia conservar rancor a pesoa alguma. No meio dos ferros trabalhava, escrevendo sempre a favor da sua patria: os seus escritos nas masmorras, em que fomos companheiros, dado que incorretos, util seria fosem publicados para utilidade geral, principal-

mente algumas das cartas dedicadas á Mocidade Portugueza, que compôs nas abobadas do revelim, e me fazia obzequio de mostrar. Sei que no estado, em que as deixou não podem ser publicadas por terem a maior parte dos nomes escritos só com as primeiras silabas, e varios periodos truncados, com receio de não serem encontradas em alguma revista, a que escapárão por ter tido oportunidade de remeter alguns papeis a seu benemerito e onradisimo criado Manuel Luis, e morar em uma das cazas interiores, aonde os oficiaes, já cansados, fazião a vista gorda; escapando-lhe por iso na ultima revista alguns escritos, por lhe lansar o sr. João Pedro da Silva um capote por cima do saco que os continha, e afirmando outros companheiros que para aquele lado já se avia pasado revista. A espozisão destas verdades é um justo tributo á memoria deste digno varão, e onrado patriota, e de que a amizade, que lhe profesava, e com que ele me onrava, não me podia dispensar. Ele não carece d'elogius; bem estabelecida está em Portugal e fora dele a sua no-

meada, cumpro porem o dever de fazer justisa ao merecimento.

Não fes a molestia maior progreso depois do dia 4 de junho entre os prezos: espalhou-se então mais pela vila e na guarnisão; a mortandade porem não foi consideravel. Não deixarei de comemorar aqui um suceso, que parece contrariar os preceitos da medecina. Aconselhavão os facultativos que nos reduzisemos, mesmo sãos, a uma simples dieta, não fazendo uzo de peixe, bebidas espirituozas, leite, café, frutas etc., e asim a maior parte cumpria. Forão, como dise, 50 companheiros para a nova prizão, muitos dos quaes forão acometidos de diarreia nos primeiros dias, mas sem funestos rezultados. Enfastiárão-se da dieta; e como entre si não tinhão facultativo, que com ela lhes estivese a pregar, visem o peixe e leite barato, principalmente sardinhas que estavão a vintem o cento, e não estivesem muito sobejados de meios, derão-se a fazer caldeiradas destas, que almosavão, jantavão, e ceavão, afogando-as bem com vinho e alguma gota d'aguardente; e co-

mo o leite tambem não era caro, a 40 reis por canada, fazião boas taxadas d'arros com ele, não sendo mũi escrupulozos na ora de comer, almosando-o tambem ás vezes com café. Parou a diarreia, e nenhum mais foi ao ospital, depois que fizerão esta alterasão na sua dieta. Notou-se mais, que os omens vinhozos, que da molestia forão acometidos, e xegárão a ir ao ospital, sairão curados, ao paso que outros, ásás comedidos no uzo desta bebida, sucumbírão. Não me meto em disputas; não é minha tensão elogiar os escesos, principalmente nas bebidas, que tornão o omem desprezivel, e indigno da confiansa publica, arruinando em geral a sua saude. Os fatos são verdadeiros, e observados por bastantes pesoas: espliquem lá a cauza, e alterquem entre si os Brownianos, e Brousistas, ezagerando cada qual seu sistema.

Deixei na Feitoria os doentes que para lá tinhão sido conduzidos, e os medicos e cirurgiões que deles, e dos da guarnisão tratavão. Na tarde de 2 de junho reunírão-se-nos, vindo daquele sitio 12 companheiros, e por eles, e car-

tas do sr. Aquino e Silva soubemos que o numero dos enfermos era consideravel; que até 30 de maio tinhão entrado no ospital 223, dos quaes sairão curados 47, estavão em convalecensa 43, em perigo 43, livres dele 53, e mortos 48. O ospital estava mal montado; de tudo carecia; nem para sangrar avia bacias: dirijia-o o sr. Aquino e Silva, ajudado pelos srs. Brandão, e Brito, cirurgiões, Neves e Melo, boticario; porque os snrs. Azevedo, e Bernardino andavão por fora acudindo á guarnisão e povo dos arredores; faltavão enfermeiros; os soldados, que niso erão empregados, nem dos seus tratavão bem, como o farião dos nosos! A isto suprião com a melhor vontade, e com todo o desvelo algum dos nosos, que com mais forsas se sentia, distinguindo-se mui particularmente Martinho d'Araujo, soldado de cav. 7, que mais prestes se restabeleceu. Muitas vezes esteve parado o espediente da botica por não aver agua, nem carvão: um dia, erão já 10 oras dadas, ainda não avia carne para os doentes: foi necesario que o referido medico dése dois cruzados novos pa-

ra se ir comprar; aliàs Deus sabe quando os mizeros enfermos terião de que se fizese um caldo!

Para rematar a desgrasa caírão doentes os snrs. Aquino, e Melo e Neves, o que sobremaneira a todos consternou, e a alguns, que já do perigo estavão livres, tal abalo cauzou a noticia da molestia do primeiro, que recaírão com sintomas de funesto resultado, muito mais porque os malvados, de propozito, e cazo pensado, forão asoalhar pelas enfermarias, que a sua molestia se avia de tal sorte agravado, que não dava esperansas de vida. A esta fatal nova sucumbem os mesmos convalecentes, e contão com a morte, cujos asenos se lhes antolha na orfandade, a que se considerão reduzidos. Sabe ele da impresão, que a sua molestia nos amigos e companheiros de desgrasa cauzara: não lhe sofre o animo preferir a conservasão da sua saude á daqueles; levanta-se tal qual pode, reasume as poucas forsas que a molestia lhe poupára, e encostado a dois companheiros se dirije á cama daqueles que nele sua confiansa teem depozitado, a fim de os confortar,

e tornar á vida se posivel fosse. Para alguns porem é tarde! Baldados são os confortos; o desfalecimento foi mortal! O desventnrado, e onradisimo sr. Figueiredo apenas lhe pode apertar a mão, e espira! O estimavel sr. Alvarenga não pode rezistir, e tambem sucumbe! Mais felizes alguns outros recobrão alentos, e ainda por seu incansavel zelo, e esforsos, e pelo prestadiu auxilio dos demais companheiros são salvos. Nesta tremenda agonia de que embates não se viu asaltado o corasão do benemerito sr. Aquino! Que eroismo sem par não dezenvolveu ele a favor de seus desventurados companheiros! Por eles prazenteiro fes o sacrificio de sua vida, e se cobriu d'imortal gloria. Asões desta monta comsigo trazem o galardão, pois em verdade o premio da virtude é a mesma virtude. Jamais da memoria de seus agradecidos companheiros tão eminentes servisos poderão riscados ser. Eis os omens a quem os infames escravos cobrião d'improperios, apelidavão inimigos da religião, da moral, e de Deus, e tratavão com a mais fera brutalidade! Compare-se este com o insensivel Car-

los Joze Pinheiro, fizico-mor do reino, que ali aparese um dia a vizitar o ospital: aprova ele o tratamento; louva o zelo do dirétor; conhese as faltas; promete remedia-las; mas tudo fica no mesmo estado. Ora ele era uma autoridade, a quem competia de certo dar as providencias, que a omanidade demandava, a favor de tantos desgrasados, a maior parte da sua mesma comunhão: não aconteceu porem asim; concluida a vizita, retirou-se, sem que jamais rezultase beneficio algum desta vizita d'impostura. Aqui está a caridade cristan, de que tanto alardeavão estes defensores do altar e do trono!

Os ultimos dias de maio, e primeiros cinco de junho forão orrorozos. A molestia lavrava consideravelmente: restabelecião-se do primeiro insulto; as recaidas porem erão d'ordinario mortaes. A mortandade era escesiva; da tropa de linha e milicianos muitos tinhão morrido; e destes os que escapárão, mudárão-se sem ordem, ignorando-se para onde: a Torre estava abandonada; o baxá tinha seu quartel em Oeiras, e acolá só avia uma pequena guarda. Um

dia não ouve quem quizese ir rendê-la: tocou-se a xamada para o regimento de milicias, aparecêrão 27 soldados, que mui pozitivamente recuzárão ir de guarda para a Torre, onde supunhão o foco do mal; quer obriga-los o ten. Quintal; arreganhão-lhe os dentes, e ele teve de se retirar.

Desta confuzão se aproveitou no 1.° do mes o sr. Lopes Guimarães para se evadir, mesmo ás 10 oras do dia, tomando a estrada de Lisboa, nos mesmos trajos em que andava, e que fóra o tornavão desconhecido: conseguiu xegar a Lisboa e poder embarcar para o Porto. Não fes o Teles muita bulha por esta falta, de que o oficial da guarda lhe deu parte; prendeu a este, e não ouve outra novidade. No dia seguinte aproveita outra ocazião o sr. Velho Costa, e escapa-se, pelas 10 oras da noite: ao render das sentinelas dá-se com a falta: tem o oficial de o partecipar ao Teles, que toma o cazo em serio; manda pasar revistas; toma pesquizas, e indagasões; prende o oficial da guarda e sentinelas; manda meter no calaboiso todos os prezos, até mesmo os doentes.

Vendo o sr. Aquino e Silva, que este barbaro e iniquo decreto se ia pôr em ezecusão, trata d'amansar o Tigre, espondo-lhe com acertadas reflesões quanto aos doentes e convalecentes seria fatal o ser encerrados em tal caza, na qual de certo encontrarião a morte. O monstro porem, deslembrado já dos beneficios que este caritativo medico tem feito, e está fazendo a ele, seus oficiaes e soldados, nem só o dezatende, mas ó injuria na prezensa de soldados, e gente do povo, que ali se apinha; xamalhe pedreiro livre, porque pelos outros seus irmãos asim pede; que tão bom é ele como eles; e mil outros despropozitos e vituperios que só nesta viperina lingua teem cabimento. Revoga a ordem; manda porem sair os dois cirurgiões, e boticario para a Torre logo e logo, deixando só o medico ainda muito doente, e sem ter quem o ajudase, nem tratase. Torna de novo este a reprezentarlhe o estado do ospital entulhado d'enfermos, quazi todos da guarnisão, a que ele só não pode acudir, e muito menos manipular os poucos remedios que á na botica: insta para que fique pelo menos

o praticante de boticario, que com tanto desvelo se empregava, não só no ezercicio da sua arte, mas em prodigalizar socorros e consolasões, como escelente enfermeiro, a todos os doentes. Consegue a muito custo esta grasa, sustentando-o á sua custa, e pagando de mais um tostão diario, alem de comer, a um soldado que para lhe fazer algum serviso fica dispensado; pois a estes, servindo com tal zelo, nem para o mesquinho sustento se lhe fornece, ao paso que aos mandados de Lisboa se paga generozamente. Que diferensa tão injusta! Bem certo é que dos máus ninguem se deve fiar, porque seus galardões sempre são conformes á sua condisão.

Ainda enfurecido manda o baxá intimar a todos, os que estão a pé, para sairem para Cascaes: e com efeito logo são postos em marxa todos, em numero de 12, com boa escolta, e amarrados dois e dois, escéto os srs. Frederico, e Faria, que são dispensados de vir manietados: tomão o caminho de Cascaes, e só em Carcavelos lhes tirão as cordas d'esparto que atéli tanto os avia ator-

mentado, quanto mais por estarem ainda quebrantados da molestia. Outra injustisa e dezaforo, pois estes jámais deverião sofrer coiza alguma pela evazão dos outros. Não admira porem, porque este é o costumado proceder dos tiranos. Celebramos muito a evazão dos dois companheiros, a quem dezejavamos boas venturas, pelo menos em quanto não xegasem ao destino, a que se propunhão: sentimos não irem de mais acompanhados, e invejamos-lhe a boa maré que aproveitárão.

Foi a molestia diminuindo progresivamente. Pelo boletim de 9, que me mandou o sr. Aquino e Silva, tinhão entrado no ospital 245 militares, dos quaes falecêrão 86; saírão curados 132; e ficavão 27, sendo 4 em perigo. Dos politicos, ou prezos d'estado, avião entrado 48; morrêrão 24, e ficavão 4, sendo um em perigo, o qual veio a falecer. Avia tres dias que a molestia cesára de fazer estragos, mas a 8 adoeceu um enfermeiro, e dois artilheiros: de noite morrêrão 12 em Porto Salvo, pequena povoasão dali perto, que apenas constava de 50 ou 60 pesoas, e avia renova-

do em Paso d'Arcos. O sr. Azevedo tinha adoecido, por certo, das fadigas que avia sofrido, e tratava-se em Oeiras. Os nosos benemeritos companheiros esmeravão-se em prodigalizar os seus socorros, até ás pesoas das povoasões vizinhas, sem galardão de qualidade alguma, ao paso que o tal governo mandava medicos, cirurgiões, e até os discipulos do 4.° ano do ospital de S. Joze, ás terras proximas da Feitoria, dandolhes meia moeda por dia, cavalgadura, e cazas para morar; e aos prezos nada, e maus tratos! Finou-se da tal molestia no mesmo ospital da Feitoria, onde por ultimo apareceu, o aselvajado Lus, que, se á mais tempo tivese ido para os anjinhos, não teria tantos infelizes mandado á sepultura.

No documento N.° 1 darei a lista dos mortos, cuja perda lastimamos. Até ao dezenvolvimento desta fatal molestia, apenas tinhamos perdido trinta e tres companheiros, de mais de 600, que nas insalubres e terriveis masmorras de S. Julião tinhamos estado aferrolhados pelo espaso de perto de cinco anos; e de que modo!!! Agora em menos de 15

dias perdemos 41, dos quaes 3 não erão da nosa comunhão; os mais, pela maior parte, quazi todos pesoas de muito merecimento, probidade, e virtudes. Perda sensivel, que sempre teremos de xorar!

Trouse-nos de prezente o noso bom companheiro o sr. Aquino e Silva a Cronica do Porto de 10 de junho, e as instrusões de 13 dadas ao Duque de Palmela; e então pudemos esplicar o dezasocego em que estava a guarnisão, á dias. O brigue, 13 de maio, andava sempre bordejando até ao Cabo, recolhendo-se de noite á baía de Cascaes. Os soldados no paseio deixavão escapar por entre dentes, que o Imperador saíra do Porto: por aqueles papeis vimos que, se não foi ele, foi a divizão espedicionaria.

A 30 tiverão alguns companheiros cartas de Faro, anunciando o dezembarque das nosas tropas em Cacela, ocupasão de Vila Real e Tavira; e que marxavão para Faro. Não se podia duvidar da noticia; ezultámos de prazer, sabendo que se quebrára o encantamento, que no Porto os nosos, á tanto, encer-

rava: agoirámos bem da tentativa; e a alegria, que de nós se aposára, não nos permitia sentir a falta de noticias de nosas familias, de que pela interrusão do correio estavamos privados. Tambem se nos deu noticias, porem confuzas, de que em Punhete, e circumvizinhansas tinha avido alguns movimentos a favor da cauza. A guarnisão estava em armas varias noites. Vinha um ferreiro duas vezes ao dia, acompanhado de duas sentinelas correr os ferros d'umas grades que davão para o mar, o que ao principio fazião uma ves só por dia, com a materialidade de correrem até os d'umas janelas que davão para o páteu. O governador Tiago caiu com um ataque de parlezia, e tomou o comando da prasa o fasanhozo tenente-rei Antonio Inacio Judice, que agora estava mais ezaltado realista servil, do que em 1820 fôra liberal sem limites.

Para a Torre tinha vindo, depois que a molestia diminuiu, o Teles com a demais tropa que escapára. Reprezentou-lhe o sr. Bernardino o muito trabalho, de que estava sobrecarregado, e o dano, que á sua saude cauzava o an-

dar por cazaes distantes a vizitar enfermos (afilhados do baxá) quando avia facultativos pagos pelo governo, os quaes podião e devião acudir aonde fose necesario, pedindo, se lhe permitise o descansar, tendo bastante sem premio trabalhado. Mandou-o encerrar em um dos cubiculos do farol, em galardão de seus servisos: não lhe pôde mais fazer, porque em a noite de 23 a 24 de junho foi xamado a Lisboa, e sustituido pelo Santa Barbara, que para tirar a desforra do modo com que o despedíra, quando do governo, que este ocupava, veio tomar pose, o fes sair da fortaleza mesmo de madrugada. A 30 saiu a esquadra miguelista composta de duas naus, uma fragata, tres corvetas e dois brigues.

O tenente-rei Judice diminuiu-nos os paseios; já não saíamos em dias marcados; era quando menos o esperavamos. Dificultava-se o falarmos a quem nos vinha procurar, e não se permitiu ao pae do sr. Serrão falar ao filho.

Neste estado, d'uma especie de convulsão, pasámos os ultimos dias de junho, e primeiros de julho; quando a 8 deste fomos avizados pelo Felgueiras de

que nos preparasemos para sair, com os mesmos misterios inquizitoriaes d'ocultar o local, dignando-se apenas consolar-nos de que era para perto, e lhe parecia que não seriamos todos mudados. Outro oficial deixou escapar que a mudansa era para a Torre, mas não para todos, e só para alguns mais notaveis. De noite porem recebemos um bilhete do noso companheiro o sr Aquino e Silva, partecipando-nos que no dia seguinte eramos transferidos todos para a Torre, cujo governador tinha sido prevenido por ordem do duque de Cadaval; isto em virtude de repetidas reprezentasões do tenente-rei; o que nos foi tanto mais facil d'acreditar, quanto muitos dos Algarvius, que ali estavamos prezos sabiamos muito bem de sua vida e costumes antigos e modernos; e ele não ignorava quem eramos, posto que em todo o tempo, que estivemos em Cascaes, não dése a menor demonstrasão de conhecer alguns, nem ainda seu sobrinho o sr. Judice Samora, e seus primos J. J. Biker, e J. P. J. Biker, em caza dos dois primeiros tinha por varias vezes estado temporadas, de cama e

meza, principalmente em caza do pae do primeiro, onde tinha tido mulher e filhos. Não admirava porem isto d'um omem, cujo procedimento era diametralmente oposto ás suas ideias. Tinha ele sido acerrimo admirador, e propugnador da nova ordem de coizas, que deu origem á constituisão de 1820, da qual foi um dos mais zelosos partidarios; fes nese tempo varias memorias ás Côrtes; estava em correspondencia com quazi todas as sociedades patrioticas de Lisboa, ás quaes tambem dirijiu varias memorias em sentido ezaltado; de quazi todas as quaes me remetia copias, asim como de certas pesas que elas lhe enviavão. Acompanhava em Faro com os mais decididos constitucionaes; e quando em 1823 baqueou infelismente a constituisão, da qual ele, á pouco, dizia em publico que não queria ver alterada em uma só virgula, muda de comportamento; deixa seus antigos amigos; pasa aos que erão tidos por dezafeitos á cauza, os quaes o desprezavão, por verem sua repentina mudansa; leva a ipocrizia até a dar origem na sua rua a um terso de N. Senhora, que de noi-

te entoava da janela com a mulher, convocando as vizinhas á toque de campainha! Em 1826, ao proclamar-se a Carta, comesa a dar satisfasões do seu anterior procedimento, asiste em Faro ao conselho do seu regimento, no qual vota pela retirada, não anuindo ao convite dos rebeldes de Tavira; mas. entrando estes naquela cidade, une-se lhes, abandonando os que seguião o partido pelo qual votára. Ora, em prezensa deste procedimento, que credito merece este omem? Como deve ser tratado? Que se deve dele esperar? A resposta é obvia; não é mister espende-la. Em quanto os omens não se conhecem, podem enganar; mas uma ves conhecidos, parvo é o que se deixa embair. Não nos fiemos em conversos; nunca de bom Moiro se fes bom Cristão.

Na manhã de 9 somos por fim dezenganados pelo Felgueiras, que já nos dispozitivamente que vamos para a Torre; mas ainda continua dizendo, que não vão todos; acrescentando que se está esperando barcos para as bagagens, que de perto nos ão-de seguir, a fim de não sermos roubados, como quando viemos

para Cascaes. Nestas incertezas entrámos em duvidas, se cuidariamos dejantar ou não, pois quazi todos cozinhavão na prizão aos ranxos, ignorando a que oras seriamos xamados. Não fiando porem na pronta remesa das bagagens, que tanto se nos prometia, por estarmos escaldados do pasado, arranjámos nosos emburnaes para levar alguma roupa branca, o mais necesario, e provimentos de boca para o que dése e viese; e maior carga fizemos na supozisão de ser curto o caminho até ao embarque.

Outra razão mais avia para asim nos prepararmos: logo que se soube com certeza que iamos embarcados para a Torre, lembrando-se alguns, de que os soldados, que nos conduzírão da outra ves, vinhão pela maior parte nauzeados, e que muito facil nos seria, pondo-nos a geito, apoderarmo-nos das armas que eles trazião, e pasar de réos a autores; lembrados disto, tinha-se entre alguns combinado pôr agora por obra este projeto, se se oferecese ocasião, levando cada qual um ou dois pães, e uma garrafa com agua, o que nos bastaria para as 16 ou 18 oras que no mar gastaria-

-mos metendo a prôa ao Algarve; as faluas, em que contavamos ser transferidos, erão embarcasões suficientes para o intento. Rompeu-se isto, e formárão-se conventiculos; opunha-se ao projeto o receio de sermos encontrados por algum vazo da esquadra miguelista, que supunhamos estar por esas paragens. Estas reflesões, em verdade, erão acertadas; ignoravamos o acontecimento do dia 5, e julgavamos ainda inimiga a esquadra de Lisboa; mas tambem lembravão outros, que, sendo os nosos barcos mui pequenos, iamos á beira-mar, e saindo ao meio da tarde dobravamos de noite o Cabo de S. Vicente, e tomavamos terra em qualquer parte; e quando antes fosemos perseguidos, igualmente tomavamos terra aí por Porto Covo ou Sines; e contando em apurar 150 homens, capazes de manejar as armas e munisões que tirasemos aos soldados, levando no centro os mais quebrantados e débeis, podiamos por este lado atravesar a xarneca, dirijindo-nos por Aljezur a Lagos, se os nosos já lá estivesem, ou a Faro, tomando o caminho da serra á esquerda. Não nos metia medo o marear das em-

barcasões; porque entre nós tinhamos quem tomase o leme, e até fose pratico da costa.

Asim pasámos a manhãn, e não sei o que aconteceria; eis que pela volta das 3 oras da tarde se dá o ultimo rebate com ordem de sair tudo já e já sem escesão, acrescentando que iamos por terra, visto não terem xegado barcos para as bagagens, as quaes ficavão a seu cuidado, protestava o Felgueiras e o Garsão. Acabárão-se as questões: tivemos de diminuir o pezo dos nosos emburnaes, pois o caminho por terra era de duas leguas de má calsada, e pedasos d'areia; e a maior parte limitou-se a uma muda de roupa branca, pão no saco, e capote ás costas; pois ainda quando as bagagens fosem logo, não tinhamos camas esta noite.

Saimos, por ultimo, pouco depois das 4 oras, e entre escolta armada fomos conduzidos á prasa da cidadela, reunindo-se-nos de caminho os companheiros da outra prizão. Ali encontrámos mais aparato de tropa; conhecemos que era tambem da Torre, e vimos o cubico toxugo, cap. Carvalho, em ár de co-

mandante daquela forsa, dando de mamar á banda, xapéo redondo sem laso, parecendo mais um rexonxudo franciscano guerrilheiro, do que oficial militar.

Muito não tardou que este sujeito pozese por obra as suas costumadas groserias e torpezas. Estreou-se, xamando á frente o Branco, ao qual pediu lhe disese quem erão os oficiaes militares, e pesoas de distinsão. Primeiro insulto, de que o mesmo malvado Branco se pejou, respondendo secamente que ali avia muitos, e sem contudo os declarar, voltou a seu logar. Xamou então para a direita os srs. Caula, Barradas, oficiaes militares, alguns ecleziasticos, e outros poucos, que pelos já xamados forão apontados. Estreitados estes, vierão uns sargentos e tambor com madeixas de cordel, e comesárão a atar-nos uns aos outros, como bestas d'arrieiro. Foi meu companheiro o sr. Manuel Venancio de Figueiredo, baxarel em leis. Recebemos este novo ultraje com a serenidade, e estoicismo, com que outros muitos temos encarado e sofrido; dos mesmos amarradores alguns nos davão satisfa-

sões, desculpando-se com o estribilho ordinario destes escravos de libré: — « *Sou mandado; tenha paciencia.* » —

Ocorrêrão no intervalo desta operasão algumas circunstancias, que não devem ficar em silencio. Alguns companheiros preferírão a sorte do maior numero ao cómodo que lhes rezultava de não ser amarrados. O sr. Manuel Dionizio de Paiva rompeu com quem lembrou a um dos oficiaes esbirros, que ele fôra tenente d'inf. 2: dise-lhe que agradecia a lembransa, mas que se onrava mais de partilhar com o maior numero de seus companheiros o tratamento que se lhe preparava, do que uma escésão, da qual nenhum outro bem lhe rezultava mais do que uma pequena comodidade. O mesmo subalterno, que isto ouviu e prezenceou, fes-se vermelho, e retirou-se, não asistindo ao ato, que continuou a ser feito pelo sargento. Os srs. capitães Asis, Vitor Jorge, dezembargador Silvino, frei Antonio da Conceisão Bastos, frei Fortunato, prior de Jurumenha, e outros que, posto não fosem das clases escolhidas, gosão alguma distinsão na sociedade, beijárão o cordel,

com que erão amarrados, como aconteceu ao sr. J. J. Biker, acrescentando este, que muito se gloriava de lhe ser dado aquele tratamento, onde governava um seu parente, o tenente-rei, a quem não poucas vezes tinha prestado alguns beneficios. Entre estes esbirros portou-se com dignidade o ten. Delfim, o qual não consentiu que fosem amarrados os individuos do seu pelotão, dizendo ao mesmo Carvalho, que ele não conduzia amarrados omens de bem; que daria conta deles; não permitindo que se praticase tal insulto e infamia.

Na ocazião, em que tão atrós procedimento se praticava para com omens, que no largo prazo de sinco anos de prizão se avião sempre portado com moderasão, dava o ten. de 19, Carlos May, satisfasões ao sr. Caula, e aos demais que estavão na direita, desculpando-se daquele procedimento, que não aprovava, etc., etc. Como quer que alguns soldados da guarda da vanguarda, que ele comandava, prezentados de n.º 1 e 13, visem isto, e estivesem muito bebedos, porque para tal se lhe avia dado largas, e talves de propozito, saltárão

com ele em descomposturas, xamando-lhe malhado, e tão brejeiro como os outros, com quem estava falando; ameasando-o, e aos prezos de descarregar em todos as armas que trazião carregadas, e os 60 cartuxos, com outras quejandas palavradas. Quis o oficial manter, de certo modo, a subordinasão que estava perdida; corre a eles; argue-os da sua falta; prende-os; porem eles cada ves mais se altanão. O que avia comesado com 3 ou 4, pasa a alguns outros; recrescem os insultos e improperios ao mesmo official, e aos prezos. O Carvalho, em ves de reprimir a sedisão comesada, desculpa de certo modo os soldados, inculpando o oficial: reclama este uma satisfasão condigna do insulto; dirije-se ao tenente-rei, que estava em uma casa proxima; representa-lhe o ocorrido; manda-se tirar da forma os soldados, cuja embriaguêz é bem conhecida; recuzão estes obedecer, proseguindo em insultos, sarcasmos, e ameasas. O oficial, que vê a froxidão, com que os superiores se portão, afasta-se, não querendo comandar gente insubordinada, e pasa para um pelotão: cresce o

barulho; vimos o cazo bem feio, tranquilos espetadores d'uma dezordem, cujo desfeixo podia ser todo contra nós, e demais estando já amarrados: neste comenos vem nova ordem para a conduta se pôr imediatamente em marxa. Asim o manda o Carvalho; mas os oficiaes entrão em duvida sobre a maneira de seguir a marxa comesada pela direita, pois nos tinhão amarrado voltados para a esquerda. Sem embargo do susto, que nos cauzava a dezordem da borraxeira, rimo-nos do embaraso, e inepcia de taes militares; e para não nos demorarmos mais, fizemos nós mesmos uma contramarxa, cada pelotão em si, e seguimos a direita. Os pelotões terião, de 8 a 10 filas cada um.

Avia alguns doentes, que não estavão em estado de marxar, e forão para o ospital os srs. Lara, Samora, e J. P. Biker; mas ainda bem o logar não tinhão aquecido, xega ordem para que acompanhasem os demais os srs. Ramon, que á muito lá estava, Joaquim Francisco da Silva, ten. cor. d'Ultramar, que entrára de manhan, e Lara, á pouco; ficando só os srs. Biker, e Samora, a quem por este

modo quis o ten. rei obzequiar por serem seus parentes. Vierão pois aqueles incorporar-se-nos, e ainda encontrárão, deitado no xão o sr. Pereira do Carmo, que em todo o tempo de nosa morada em Cascaes estivera gravemente enfermo, e ainda tinha abertas as xagas dos causticos nas pernas, e não podendo por iso andar, reclamava uma cavalgadura que ele pagaria; asim como outros por sua proveta idade, taes os srs. Barradas, Caula, Ferrão, Lopes Ferreira, e alguns mais, por uma, ou outra cauza. Aparecêrão com efeito umas cavalgaduras menores, que alguns aproveitárão, pagando-as e bem, já se sabe. Reprezentou o sr. Seromenho ao Carvalho, que não podia fazer a jornada a pé por ser côxo, e padecer do peito; respondeu-lhe secamente, que não avia bestas, e mandando-o meter na fórma, o ezimiu, a rogos do sr. Caula, de ser amarrado. A poucos pasos espôs ele ao comandante do pelotão a imposibilidade de continuar a pé, o que este conheceu, e lá se pôde encontrar um maxinho, em que o sr. Seromenho montou, pagando logo á vista dés tostões: muito porem não tinha

andado, aparece Carvalho, vê que o prezo ia a cavalo no maxinho; manda-o descer, dizendo que só lho consentiria, se fose em besta menor. Lá se forão os dés tostões, e o prezo teve de vir arrastando-se, encostado a dois caritativos companheiros; e talves fose sacudido por se atrazar, como de continuo o comandante e alguns soldados vinhão prometendo, se o sr. Pesoa não lhe cedese por intervalos o burrinho que alcansára.

Não teve este alivio o sr. Firmino de Miranda, o qual não obteve cavalgadura, e teve de vir a pé, levantando-se da cama para marxar, e na qual, avia 7 dias, estava a caldos com uma febre erutiva. A natureza, mais benigna do que estes monstros, nem só lhe deu forsas para fazer a jornada; mas, quer fose pelo abalo, ou qualquer outra cauza, ficou de todo bom; o que aconteceu a todos os que mais ou menos se queixavão de doentes.

Postos finalmeute em marxa, perto das 5 oras, comesão os bebedos, logo ao sair da porta da cidadela, a dar vivas ao seu digno rei, a que nem a maior

parte dos seus responde, e nós menos; nem se quer os xapeos levantámos, o que pasou em claro, não fazendo os taes sujeitos cazo dese, outrora, pecado imperdoavel. Atravesámos a vila, e em onra de seus abitantes cumpre dizer, que no rosto dos poucos omens, que nas ruas encontrámos, vimos pintado o désgosto e mágoa, que mais sensivel se notava em as mulheres, dos olhos de muitas das quaes distinguimos derramar lagrimas, que as faces lhes aljofravão, vendo-nos amarrados, e clamando alguns pelo aperto que do cordel nos brasos sentiamos; pois sendo os lasos corredisos, e não marxando todos a paso certo e igual, o que em verdade era impraticavel, por cauza do mal calsado das ruas, pejamento dos capotes, e maior ou menor pezo do embornal com que cada um carregava, nos atormentava sobre maneira; sendo de mais ameasados de continuo por alguns soldados de ser á coronhada obrigados a adiantar, e seguir a direita, que ia dezembarasada. Um deses prezentados de n.° 1 ainda, depois de groseiros insultos aos que não andavão depresa, descarregou uma pan-

cada com a espingarda nas costas do sr. padre Valentim, por este alguma coiza se adiantar.

Aquelas sensiveis criaturas nos penalizavão, ao paso que nosos corasões enternecião, por vermos que esas demonstrasões da pureza e bondade de seus corasões dezafiavão os torpes sarcasmos e motetes, com que nosos barbaros condutores as tratavão em dezentoados e roucos gritos; o que mais o peito nos dilacerava, por ver que eramos a cauza inocente de tão brutal procedimento, que o fasanhoso Carvalho andava de fileira em fileira com o mais descarado despejo acorsoando; e os bebedos com mais vivas ao seu rei festejavão, os quaes erão friamente repetidos por alguns dos mesmos soldados, e nunca por nós, nem pelos rapazes da rua. Gostozo pago este tributo de reconhecimento e gratidão áqueles benemeritos moradores, mormente ao sexo femenino, que de perto mais me tocou, por ouvir injuriar algumas que as faces de lagrimas tinhão banhadas.

Neste dolorozo estado fomos progredindo em nosa marxa, mostrando sem-

pre o rosto prazenteiro, sereno, e até rizonho, do que os taes bebedos se davão por mui escandalizados. O meu companheiro de cordel fes algumas observasões ao oficial, que comandava o noso pelotão, ácerca do aperto, em que levavamos os brasos, e a imposibilidade, em que nos viamos, d'avansar mais; desfazia-se ele (o referido ten. May) em satisfasões, dizendo que não era culpado, e muito sentia semelhantes tratamentos, que bem sabia erão improprios para nós; não se atrevia porem a dirijir-se aos soldados. O acazo nos deparou ao lado uns dois, ou tres de melhor catadura, os quaes nos insinuárão que fosemos puxando o cordel para o pulso; o que com efeito fizemos, e não nos démos mal; porque asim menos nos incomodava. Daqui tomou pé o May para nos dizer que fosemos largando do pulso o tal cordel, mas que o conservasemos na mão para não dar tanto nos olhos d'alguns. Aproveitámos o conselho, e soltámos o fatal cordel quazi no fim da vila; neste comenos veio pasar por noso lado o bravo Carvalho, e vendo-nos dezamarrados esclama: — « *Ora aí está; já vão*

sem cordas; não importa; em movendo um pé, ei-de mandar atirar-lhe uma balada.» — Dando esta fatal sentensa seguiu adiante a vêr como suas ordens se ezecutavão. O noso ezemplo já os demais pelotões avião seguido, e só o ultimo, de imediato comando do Carvalho, foi amarrado uma legua até ao sitio de Paredes, vindo eses 14, que o formavão, a padecer mais, conservando os vergões nos brasos por alguns dias.

Mais dezembarasados seguimos a nosa marxa: a estrada é, pela maior parte, de calsada não em muito bom estado, com um pedaso d'areia solta, o que tudo não deixava d'incomodar. Ninguem, contudo, ficou atrás; os mesmos soldados, maravilhados, dizião uns aos outros: — *«Olha estes diabos, como vão ainda ligeiros, e a rir-se, depois de terem estado tanto tempo prezos.»* — Em verdade, não é pouco para admirar, que pesoas de idade adiantada, metidos em imundas masmorras, á 5 anos, atenuados com os maus tratamentos, ultrajes, e privasões de toda a qualidade, que por tão largo espaso do tempo avião sofrido, fizesem a pé duas legoas de mau

caminho, mais ou menos carregados, sem descansar um só minuto a tomar folego; pois querendo em Carcavelos alguns refrescar, bebendo um copo d'agua com vinho, iso mesmo lhes foi vedado, não permitindo os verdugos até, que qualquer aceitáse o copo d'agua, que as caritativas mulheres á porta e á rua de bom grado nos vinhão trazer! Aqui tambem observámos no rosto das que, ás janelas e portas aparecião, o mesmo desprazer e angustia, que nas de Cascaes já tinhamos notado.

Não pudemos, ao certo, atinar com a cauza de sermos conduzidos por terra, e isto tão de repente, quando todos, minutos antes, ainda nos dizião que era por mar a viagem; e com efeito, xegárão embarcasões com tropa da Torre para nelas nos escoltarem: em pouco porem toma o ten. rei nova deliberasão; junta á tropa da Torre outra da sua guarnisão, cujo numero ao todo não seria muito menos de 300 prasas, sendo nós apenas uns duzentos e trinta e tantos. Ora esa manhã tinha entrado e saido por vezes a mexeriqueira ingleza, fundeando por ultimo, pela volta das 10

oras da manhan, defronte da cidadela. Perto dela avia dado fundo pouco antes uma corveta de guerra franceza, com á qual a mexeriqueira tinha estado á fala. Outras embarcasões se avistárão de manhan na baía, fazendo sinaes; e quando já iamos amarrados ao sair da vila, entra um brigue frances, que esteve á fala com ambas as referidas, e depois tambem lansou ferro. Os soldados, ao ver estas embarcasões, e sinaes em que sempre estiverão, já para o mar, já para o interior do riu, deixavão cair certas palavras soltas, que algúma coiza encoberta, para nós, querião significar. Uns dizião: — « *Ao fundo fosem aqueles diabos*, apontando para as embarcasões; *por cauza delas vamos nós por terra.* » — Outros: — « *Lá estão elas; vinhão buscalos; pois enganão-se.* » — A' entrada na Torre, que foi ao anoitecer, vierão alguns oficiaes esperar-nos fóra, entre eles o sordido Jaimes, e se mostravão admirados da marxa por terra, o que bem indicava que não nos esperavão asim. O Carvalho respondeu á um, que mais pozitivamente lhe perguntou a cauza daquela novidade: — *A' cazos*

impervistos. — Fose o que fose, a aparisão das embarcasões fe-los desconfiar: o misterio conservou-se para nós, como em quazi tudo acontecia, pois a monita para toda esta gentinha era a mesma. Temos pois xegado á Torre, terminarei aqui este Capitulo, deixando para o seguinte a nova morada nestas infernaes masmorras: não estava porem o Teles, e os sofrimentos não serião tão gravosos. Era anniversario do dezembarque do ezercito libertador no Porto, e não agoiravamos mal desta coincidencia: entre tanto pouco sabiamos das ocorrencias do Algarve.

CAPITULO XIV.

Regreso para a Torre de S. Julião. = Governo do coronel Pedro José de Santa Barbara.

JULHO 1833.

ENTRAMOS de novo em a tenebroza Torre, em que tantos e tamanhos tor-

mentos por largo espaso de tempo aviàmos sofrido! Fomos conduzidos ao pateu do revelim, onde aparecêrão varios oficiaes, demorando-nos ali multo, sem embargo de virmos cansados e suados, o que, pelo vento que fazia, nos poderia cauzar dano, de que eles bem pouco se lhes dava. Ali separárão 25, que forão metidos na prizão pequena do revelim, 7 no quarto xamado d'Aparicio, e os mais em numero de 202 nas abobadas do révelim.

Vimos no pateu restos de bagagens, que nos diserão ser das nosas, que, tendo decorrido 41 dias, não nos tinhão ainda xegado á mão! A cazoalidade me deparou o xegar-se para o logar, em que eu estava, o Alferes João Correia, aquele mesmo que me pasou a revista, de que falei no cap. 12. Dirijiu ele a palavra a alguns seus conhecidos de Tavira, e por seus oferecimentos para o que nos podese servir, lhe agradeci eu a maneira, com que para comigo se avia portado na referida revista, do que o omem se mostrou muito penhorado. Falando-se de bagagens, lembrou-me dizer-lhe: =*talves esteja ali o meu xergão,*=

aquele que, dise, não recebera em Cascaes: logo que o tal alferes estas palavras ouviu, pede-me alguns sinaes que lhe dei, e ele em um instante volta, dizendo: = Cá está; logo lho meto para dentro. = o que prontamente cumpriu, vindo em pesoa entregar-mo. Esta aquizisão foi um cavalo na guerra, tive onde descansar o corpo embrulhado no capote; e por esta ves me serviu de bem o mal que lamentára, supondo ter sido roubado. Quando entrámos, estava tudo ás escuras; encontrámos alguns bancos e taboas de barras, que não coube a todos; quem apanhou, apanhou: eu fiquei sem elas: mas pelo menos tive onde me deitar, e os demais ficárão uns sobre as taboas, que puderão alcançar, e outros na dura terra. O cansaso nos fazia supôr, que não sentiriamos a dureza da cama, nem os roncos da barriga; pois algum pedaso de pão e queijo, que algum trazia, tinha pelo caminho sido devorado, e agora nada mais avia para fazer, do que estender os corpos, porque a cama estava feita, e bem fôfa. Naquela parte tambem não foi tão dezastrada a minha sorte, pois me fes favor de xamar

o meu amigo o sr. João Pedro da Silva, e repartiu comigo, e alguns mais, a ceia que lhe mandou seu irmão, o sr. Aquino e Silva. Tomei pois um pouco d'arros, galinha e vinho, e fui deitar-me no meu xergão, no qual, a falar a verdade, dormi toda a noite, como se fose em uma cama de plumagem, e na mais rica e agazalhada camara, sem que me fizesem mósa os cardumes de pulgas, de que no dia seguinte ouvi queixar os companheiros em geral. Erão pulgas de diversas nasões, pois nese dia tinhão sido transferidos para as cazamatas os estrangeiros prezentados, ou prízioneiros, a soldo dos constitucionaes, que aqui desd' o primeiro do mes estavão alojados; e querião elas com seus saltos e dansas festejar o aniversario do dezembarque da primeira parte do ezercito restaurador no Porto. Quem diria que já tinha decorrido um ano, e nôs aos baldões! Misterios que não sabiamos esplicar. Quando os saberemos nós decifrar?

A cazoalidade me deparou o meu antigo logar, o que bem estimei; pois ali tinha enterrado o meu cofre, em que á saida

meti, como dise, os papeis de meu bom amigo, o sr. Pereira do Carmo: queria tira-los, mas o malvado Branco tinha vindo asentar a sua cama defronte da minha, e sempre estava de vigia; por fim, uma noite, lá mui tarde, quando tudo estava ás escuras, dei-me á escavasão, tirei os papeis, que sãos e salvos entreguei a seu dono. deixando o cofre para o que podese acontecer.

Debalde esperamos a bagagem no dia 10, confiados nas promesas do tal Felgueiras, que mesmo á despedida nos avia segurado, de que ele proprio cuidaria da remesa, não devendo nós recear os descaminhos, morozidade, que da outra ves tivemos de sofrer. Infame como os demais! Em poucos dias viemos a conhecer que lia pelo mesmo breviario; e por tanto nada bom tinhamos d'esperar.

Fomos avizados de que a correspondencia, e encomendas seria, como no tempo do outro governo do Santa Barbara, dividida em dois dias, quartas e sabados. Deixou-nos ele a porta de pau aberta, fexada só a de ferro: estavão tambem abertas as janelas da prizão vi-

zinha, que o baxá Teles mandára trançar; e estabeleceu-se logo o correio noturno pelo modo e maneira antiga. A comida foi escasa nese dia, porque faltavão os arranjos para se fazer na prizão, como era noso uzo anterior; e tivemos de a mandar vir da caza de pasto, donde xegou fria, e aladroada. Querião elas em pouco tempo saldar a falta dos 41 dias d'auzencia; estavão com presa, não sabião o que aconteceria.

Apareceu-nos á entrada o Jaime, mas não encarregado de coiza alguma. Servia de major da prasa o capitão Francisco da Gama Lobo, que antes estava governando um forte na vizinhansa; é irmão do noso companheiro, o sr. Joze da Gama Lobo Soares, ten. de cav. 4. e portava-se bem para com nosco. A guarnisão estava aumentada com o batalhão de voluntarios realistas de Portalegre, que no dia, em que o Teles saiu da Torre, ali entrara para sustituir a perda, que a molestia cauzou ás milicias da Guarda, e aos outros destacamentos; era, em geral, gente mal encarada, e dos fasanhozos. Com a corda na garganta ainda o atrós governo con-

tinuava sua proterva tirania. A 10 veio um escrivão buscar o Alfaiate Magalhães, e Luis Luzano para irem cumprir a sentensa de trabalhos nas galés a que estavão condenados: este porem já tinha ido cumprir a fatal sentensa de morte, a que a colera o condenara; o outro teve d'ir a seu mofino destino.

Vendo que não avia noticias de bagagens mandou o sr. Caula, a 11, o seu criado buscar as da sua prizão; e de tarde xegárão as da prizão de fora, que os seus abitantes avião recomendado a um soldado miliciano da guarnisão. Comesão de novo as despezas, que bem pouco se podião fazer; porque os meios ião em progresiva decadencia. Só por estas pedírão duas moedas: o Santa Barbara porem não consentiu, que levasem mais de seis mil reis, preso ordinario dos transportes; a que se juntou meia moeda de gratificasão ao miliciano, que diligenciára a remesa. Faltárão algumas coizas, mas não tanto como nas que vierão pelo criado do sr Caula: estas forão mais roubadas, e poucos ficárão sem perder calsas, camizas, lensoes, ou outras pesas.

Não contando com a promesa do tal Felgueiras, e seus consocios, dirijimo-nos a um barqueiro de Cascaes, para que fizese transportar todas que lá ouvese, antes que inteiramente se desluzisem. Quis o onrado miliciano ir vigiar na condusão para fora do revelim daquela prasa, e embarque, a fim d'impedir, quanto podese, os descarados roubos que via cometer; foi ameasado e maltratado, tendo de se retirar para não ficar feito em pedasos; e escreveu-nos uma carta, partecipando o ocorrido, a qual nos foi entregue a 12 pelo barqueiro, que trouse algumas coizas: ela demonstra asás a que ponto xegou a delapidasão, e descaramento dos impudentes ladrões; por iso a copio no seu todo:

» Sr. Guimarães e mais srs. — Partecipo a Vm.[es], que dando-me ordem para conduzir para a Torre aquele seu trem, o não pude fazer, por cauza do sargento Medina deixar entrar dentro da prizão as recrutas e artilheiros com os prezos (da grilheta) a tirarem tudo quanto podião, e eu a repreende-los, que não mexesem em nada: não fazião cazo; continuavão no mesmo: já não me

parecia senão um saque, e vendo eu isto me dezonerei de tomar entregue, só sendo por uma relasão daquilo que se axase, porque não queria ficar encarregado e depois ficar com a reputasão de dar contas daquilo que não recebi; ese o motivo porque não fui no barco dar contas daquilo que os srs. me tinhão encarregado. Seu v. e c. Dionizio Alves. »

Bem á risca veio verificado o espendido nesta carta. Encomendou-se ao barqueiro que voltase pelo resto, antes que tudo se roubase; o que com efeito fes, voltando no dia seguinte, 13, juntamente com o miliciano, o qual, na prezensa do governador e oficiaes da guarnisão, confirmou o que na carta disera, e á porta da nosa prizão o veio ratificar em prezensa do alf. Mira, que estava de guarda, do soldado de milicias do termo Joze Inacio, e de muitos prezos e soltos, acrescentando que, por mais esforsos e reprezentasões que fizese aos oficiaes, jámais pôde conseguir o pôr-se cobro em semelhante escandalo; pois os soldados artilheiros, e recrutas principalmente, roubavão tudo quanto lhes agradava, capitaneados pelo tal sargen-

to Medina, arrombando caixas e baús, despejando sacos, abrindo camas, e tirando tudo quanto querião, o que, á vista dos oficiaes, levavão para os quarteis, e andavão pela vila vendendo com o maior despejo, e sem vergonha, sem que algum destes indignos oficiaes o estorvase, interpondo a sua autoridade. Não era roupa de Francezes; mas de *Malhados*, que outro tanto vale para verificar o rifão.

Mandou o comandante das milicias, para diminuir ou lavar a nodoa, que em seus soldados os ladrões querião lansar, proceder a um conselho d'investigasão, que o Judice em parte atalhou, por desculpar o seu afilhado Medina, dizendo: — *Não importa; é a melhor coiza que podião fazer; queimadas devião ser as bagagens com os donos, e todos os Malhados.* — Avendo um governador que tinha esta criminoza impudencia, que farião os soldados? Em verdade, o saque foi o mais escandalozo que imaginar-se pode; ninguem deixou de ter faltas: vierão caixas, e baus arrombados; metido em uns o que era d'outros. D'uma condesa do sr. Antonio Joze Si-

mões tirárão toda a roupa que continha, e metêrão-lhe umas poucas de vasoiras, e metade d'um capote velho, de que com os empuxões, de certo, rasgárão a outra metade! As camas vinhão escorxadas de lensoes e do mais que encerravão: o sr. Joze Antonio Gião, alf. d'inf. 2, perdeu o seu bau, não lhe ficando mais do que a roupa que trazia vestida: eu perdi um saco, em que metera toda a minha roupa branca, estojo de barba, e outras miudezas: enfim não ouve um só que deixase de se queixar, e com razão: ficamos depenados, e dezenganados de que lá nada ficára; vimos consumado o saque mais perfeito, consentido, aprovado, e talves ordenado por aqueles mesmos oficiaes, que poucos dias antes tanto gritavão, e levavão a mal os descaminhos, que aviamos sofrido. Este agora foi geral, e muito maior do que se pode imaginar, atentas as nosas circunstancias, em que um trapo, de que outrora não faziamos cazo, agora nos servia, pois não tinhamos com que o sustituir. Roubos parciaes tinhamos sofrido muitos; entanto queixavão-se uns, outros não; agora to-

dos nos queixavamos: em menos de 600, ou perto de 800 mil reis, não se pode avaliar o que nestas mudansas perdemos. Ainda tivemos de pagar os fretes deses farrapos, que nos deixárão, e que montou a mais de 30 mil reis. Santa religião! Neste mesmo dia, quando fomos á misa, os realistas nos brindavão com o nome de ladrões, que queriamos roubar a coroa a elrei!! Fes-se uma reprezentasão ao Duque, que não teve rezultado algum.

Reunírão-se-nos os dois enfermos, que no ospital de Cascaes ficárão. O sr. Biker vinha bastante doente, mas asim mesmo preferiu vir morrer entre os seus, do que ficar ali abandonado em mãos estranhas e inimigas. E' singular o aparato belico, com que saírão do ospital. Mandou-se-lhes embargar dois jumentos, declarando-se-lhes que pagarião o frete pelo preso que os donos quizesem: pedírão estes oito tostões por cada um, e oito tostões tiverão os prezos d'esportular. Que ato de justisa, emanado da retidão do ten. rei, tiu dos doentes! Montárão estes nas alimarias dentro do pateu; e á porta forão impedidos de sair,

e obrigados á prezensear as cautelas, que para evitar a sua evazão se tomava. Avia um sargento com seis soldados, aos quaes aquele mandou carregar as armas com bala, abrir fileiras, para entre as quaes deu a vós de — *marxa* — aos pacientes burros. Maiores cautelas não se tomaria para levar prizioneiro o invito D. Quixote montado no seu rocinante!

Pela volta das 11 oras fomos á misa, no dia 14, entre fileiras de soldados, postados na forma antiga, desde o principio da ponte até á porta da igreja. Serião uns 240 omens: 120 a 130 das milicias da Guarda, alguns de primeira linha, e uns 100 dos realistas de Portalegre, os quaes ainda nos jogárão alguns ditos picantes, principalmente os taes sabujos de Portalegre, e alguns mais fasanhudos da Guarda, que tomamos, como da mão de quem vinhão, e que, já calejados de semelhantes mimos, não nos cauzavão o menor abalo. Reuniu-se toda a tropa á porta da igreja, formando em coluna cerrada, do mesmo modo que anteriormente este governador praticára; e no fim da misa fomos restitui-

dos com as mesmas formalidades a nosas respetivas prizões.

Moderado se mostrava o Santa Barbara, e nele não encontravamos os dezabridos e groseiros modos e maneiras do torpe e tosco Teles: não nos aparecia, no que alto favor nos fazia, mas não nos incomodava demaziado. As pesoas, que vinhão procurar por seus parentes ou conhecidos, não erão por ele maltratadas, ainda que os sevandijas Carvalho, Marinonio, Jaime, e companhia, já de mui longe abituados aos tratamentos de seu amigo baxá, não podião mudar o que tinhão por tão estirado espaso de tempo praticado. e que devião demais á falta de educação que jámais tiverão: deitavão seus remoques a vizitantes, e vizitados; sizavão o que lhes caía na mão, e em tratamento para com nosco avia seus altos e baixos, conforme o que lá ouvião ao governador, ou alguma gorgeta que esperavão. Enfim, estes, e os de Cascaes, os de Cascaes, e estes, todos erão da mesma laia, ladrões, descarados, malvados, e estupidos sandeus, com cara de cão, cabesa de burro, e corasão de tigre.

Nunca vi em todo este bando de carcereiros, aguazis togados e não togados, agaloados, ou não agaloados, que por mais de sinco anos me teem atormentado, um omem com cara de juizo, ou onrado; e dizia um frade na minha terra, que a cara é o espelho da nosa alma, e quem tem cara de tolo é tolo, e mais metade dos que não a tem, asim o verifiquei agora, e o terei em axioma. Toda esta boa e religioza gente está empatada, corre parelhas, será pena que se lhe perca a rasa.

Não tinhão as barras, que na prizão do revelim encontráramos, xegado para todos; muitos dormião no xão; algumas reprezentasões a ese respeito forão dirijidas ao governador, a que respondia que não as avia na fortaleza, e se darião as providencias, que, felismente para nós, forão bem diferentes daquelas, com que eles contavão. No anterior governo deste Santa Barbara, e do Diogo da Cunha tinhão varios mandado fazer barras, que ali ficárão, quando fomos para Cascaes; o Teles delas avia feito o uzo que bem lhe pareceu, e seus donos agora não as encontravão, nem por elas se

lhes dava outras, e dormião no xáo. O sr. padre Fernando Antonio de Carvalho Serra, padecia consideravelmente de ser asim obrigado a dormir na terra solta e umida, tendo barra sua, que mandára fazer quando estivera na conceisão superíor, e que o Teles não lhe permitiu levar para a abobada, quando aqui reuniu todos os eclesiasticos: requereu-lha então, e teve em despaxo: — *Não é permitida a sua entrada, mas será entregue a quem determinar.* — Dezignou o sr. Serra pesoa a quem se entregase, e o Teles asim o mandou, mas o bom Carvalho, então xaveiro da prizão ecleziastica, não esteve pela ordem, e taes desculpas e trapasas forjou que nunca entregou a barra, que de certo a si apropriou, porque tudo lhe fazia conta.

Tornou agora o sr. Serra a requerer se lhe entregase, alegando o esposto, e o Santa Barbara mandou informar o Carvalho; teve este a impudencia de dizer na informação que deu (a 11), que de tal coiza não sabia, nem ouvira falar; e que o Suplicante era um traidor ao *Noso Amabilisimo Soberano*, *e que por tal estava prezo*, etc. Em con-

sequencia desta informasão tão mentiroza, quanto petulante não diferiu o governador, e o padre foi ás nuvens. Quis desmentir o fementido Carvalho espondo a verdade do acontecido ao governador, mas como estava escandecido, e por estremo resentido do arrojo do informante, dise ao sr. Ferrão, que então estava na caza pequena do Aparicio, fizese uma minuta de nova espozisão do que tinha acontecido com o Carvalho ácerca da barra, como ele avia prezenceado, e lha mandase para a enviar ao Santa Barbara, porque ele de certo se escederia se a fizese. Redijiu-a o sr. Ferrão, espondo não só ese cazo, mas varios outros praticados pelo mesmo Carvalho, em quanto fòra seu xaveiro, principalmente na ocazião da colera morbus, mostrando energicamente o procedêr do tal *capitão tomate*, tão indigno de fé, quanto despido de sentimentos de probidade, e acompanhando a tal minuta com um bilhete para mim a entregou ao oficial da guarda, que se mostrava menos mau, pedindo-lhe me dese aqueles papeis. Este, para não nos enganar com as suas ipocritas aparencias,

guardou os papeis, leu-os á sua vontade, e vendo a catilinaria contra o seu digno camarada Carvalho, foi mui lampeiro mostrar-lhos. Soletrou o Carvalho, e a muito custo pôde entender o borrão, onde encontrou muito calvas as suas patifarias, e pensando que o seu alto grau de capitão xaveiro não devia sofrer tal menoscabo, foi-se ter com o Santa Barbara; mostrou-lhe o papel, e pediu se lhe dése uma satisfasão, castigando-se o autor da reprezentasão. O pobre diabo foi buscar lan, e veio tosquiado: já saboreava o gostinho de meter os padres em algum segredo do suterraneu, e vomitar contra eles suas costumadas sandises, mas em logar diso, foi mui bem ensaboado, repreendido fortemente pelo Santa Barbara, que o despediu a toque de caixa, e mandou pelo major da prasa os papeis ao sr. Ferrão, dizendo lhe que ficase certo de que bem conhecia o omem; mas que nem todas as verdades se dizião. — Este papel sempre produziu o efeito que seu autor se propunha: leu-o o governador, e acreditou o seu conteudo, vindo a saber o que ignorava ácerca do tal Carvalho. Como me

veio depois á mão, e o bilhete, com que me era remetido, aí vão ambos transcritos no Doc. Ilust. n.° 2.° — Ainda que algumas daquelas coizas já tenhão sido relatadas, aqui se verão mais confirmadas; nunca é demais o que de semelhante gente se dis.

Vierão avizar o sr. Leonardo para sair, sem com tudo se lhe dizer para onde. Voltou na seguinte noite (16), dizendo que tinha ido a Cascaes vizitar varios enfermos, a requizisão do juis de fóra e camara daquela vila.

Contou que lá se vendêrão publicamente os roubos das nosas bagagens. Deu noticia do gloriozo combate naval de 5, em que os Miguelistas perdêrão toda a esquadra, esceto duas corvetas que entrárão ontem, e um brigue: que a nau D. João VI, uma fragata, e uma corveta aparecêrão bordejando na baia, com bandeira bicolor: que a guarnisão estivera a postos todo o dia, e a porta da Cidadela fexada. Estas noticias nos esplicárão a cauza de virem ás 11 oras fexar a porta de pau, fazendo o mesmo nas demais prizões; deixando-as contudo so fexadas com as grades, quando

ás 3 da tarde vierão dar o jantar; tendo tambem nese tempo a guarnisão a postos. —

Reprezentou o sr. Carlos Bramão a falta que sofrera da prestasão dos ultimos 15 dias de maio, como fica dito, veio o major da prasa dizer-lhe que escrevese ao Felgueiras, para que lha mandase entregar, pois em seu poder ficára. Respondeu-se-lhe que o Felgueiras disera que a tinha remetido para a Torre, donde a poderia reclamar. Afirmou o major o contrario, pelo que mais nos convencemos de que aquele pingão não se envergonhára de furtar dezeseis tostões. Que parte não levaria ele no roubo das nosas bagagens!! Esta tarde (17), ao fexar a janela, correu o sargento da guarda os ferros de todas, o que nos admirou, por ser a primeira ves que tal acontecia. Novidade avia, e grande; mas para nós tudo era misterio. Ainda a 21 vierão trazer a prestasão da intendencia relativa á primeira quinzena de julho: perguntou-se pela de todo o mes de junho, e respondeu o Mira defronte da guarda, e de quem o quis ouvir. — *Bem podem dezenganar-se de perguntar*

por tal dinheiro, pois o Teles, quando o recebeu, logo dise: — „ este já cá está seguro: — o que confirmou a ladroeira de que o mesmo Mira já em Cascaes nos falára.

Nesa tarde tivemos tres companheiros, que vinhão da Torre do Bogiu, pelo que ficamos 202. Deles pouco soubemos, a não ser que a 7 de junho fôra removido para o Alem-Tejo o sr. D. Joze Maria de Souza Coutinho; e que para aquela Torre tinha entrado mais guarnisão. Falava-se de que a divizão espedicionaria ocupava todo o Algarve, e marxára para o Alem-Tejo: ao certo nada sabiamos, nem mesmo se era verdade que o Teles pasara ao sul do Tejo com a tropa do seu comando. Na tarde de 23 sim entrou o srs. Bernardino, e por poucos deixou cair, que o duque da Terceira xegára a Palmela, nada mais juntando, e asim pasamos a noite nadando em conjeturas.

A 24 de manhan, já avião dado 8 oras, ainda não tinhão vindo abrir a janela, nem a porta, o que costumavão fazer, pouco mais ou menos, ás 7. Pasou das 9, e nada de novo; nem ao me-

nos se avistava alguem no pateu; ouvia-se artilheria ao longe, sem sabermos o que seria. Perto das 10 ouvimos vivas ao Miguel, o que aumentou a nosa admirasão: conheciamos que avia novidade; mas qual ela era, de todo ignoravamos. Agitasão, discursos, reflesões, argumentos, nos ocupavão por então, mas nada de baze em que se fundasem: neste comenos ouvimos marteladas em bronze, e alguns companheiros vírão da janela da caza da agua, que erão artilheiros encravando a artilheria do baluarte do Perdigão, que ficava em frente, e jogava para terra. Novas conjeturas, que já não indicavão ser o negocio contra nós: entanto não viamos pesoa alguma, e reinava fora o mais completo silencio; eis que lá depois das 11 oras ouvimos golpes na porta da guarda, vivas á sr.ª D Maria II, ao sr. D. Pedro, e á Carta. Qual foi o alvoroso em todos é inesplicavel; parecia sonho; corrião uns á porta, mas ela estava fexada, e debalde a pretenderiamos arrombar: outros á janela a ver se alguem aparecia; avista-se o sr. Gama que vinha dar á janela da caza do meio dois maxados,

com os quaes comesárão alguns a arrombar a porta, ao mesmo tempo que nosos companheiros das outras duas prizões, que já tinhão arrombado as suas por mais fracas, e estavão no pateu, ajudavão a arrombar as nossas com pés de cabra, que o mesmo sr. Gama tambem fornecera, o que, depois de perto d'uma ora de trabalho, a final se conseguiu, juntando-nos todos no pateu, aos abrasos e beijos uns aos outros, fazendo resoar nos ares alegres e repetidos vivas aos objetos porque, á tanto, anciozos anelavamos, sem com tudo ainda saber esplicar a cauza desta novidade para nós tão asombroza, nem para a indagarmos termos vagar, pois pouco era o tempo para reciprocamente nos darmos os emboras. Dezafogado o primeiro impulso do prazer e alegria, soubemos que a Torre estava abandonada; então cedêrão os transportes á reflesão: foi o sr. Caldeira Pedrozo com outros companheiros tomar pose, e fazer fexar a porta da fortaleza; metemo-nos em ordem no pateu, e elejemos por unanimidade o sr. Carreti para noso comandante, visto estar mui doente o sr. Cau-

la; ali nos dividimos em porsões ou pelotões, a cada um dos quaes se asinou comandantes, e lansando mão d'algum pau ou taboa, que o acazo nos deparou, e os pés de cabra e maxados, unicas armas que ali tinhamos, asim marxamos então para o corpo da prasa, atravesando a ponte. Pasamos uns ás baterias, outros aos baluartes de terra, estes a aumentar a guarda da porta, outros a conter os estrangeiros que estavão no suterraneu, os quaes nós por então não sabiamos se deviamos considerar por amigos ou inimigos; aqueles a indagar se a guarnisão teria deixado algumas armas, etc. Encontramos o capitão frances D'Aguisant, que, dise, era prizioneiro, o que acreditamos, e dele tomamos informasão sobre os outros estrangeiros: dise-nos que só conhecia uns 11 que com ele tinhão ficado prizioneiros, pelos quaes se responsabilizava, ignorando se os demais erão dezertores ou prizioneiros. Neste cazo unimos a nós os primeiros, e deixámos os outros no suterraneu, providenciando, para se lhes fornecer rasão, e guarda-los em seguransa. Apareceu-nos neste

comenos o brigadeiro Rapozo com o 1.º ten. da marinha Roderigo Vas, dizendo, que nos ião soltar, e contando o acontecimento da vitoria de 23 em Almada, evacuasão de Lisboa pelos Miguelistas, e ocupasão desta cidade pelo duque da Terceira, o que de certo modo nos orientou. Manifestamos-lhes nosos agradecimentos por de nós se lembrarem; fizemos-lhe ver que tinhamos tomado alguma ordem, sujeitando-nos voluntariamente a um comandante, com a determinasão de nos conservar naquele posto, até ser guarnecido por tropa fiel, preparando-nos para no entanto o defendermos d'alguma supreza.

Lembrados dos tormentos que o infame Branco nos avia feito sofrer com suas denuncias, quizerão alguns vingar as afrontas padecidas; umilhado porem o indigno se lansou aos pés dos srs. Pereira e Melo e Pereira do Carmo, os quaes espozerão a baixeza de semelhante ente, que, em memoria de tão elevado acontecimento devia ser votado ao desprezo commum. Salvou-se-lhe a vida, e foi metido na caza forte. O descarado Pineti, que então morava só na Torre do Farol, e podia

a seu salvo ter-se evadido com a guarnisão, ou depois, teve o despejo de nos vir sair ao encontro no terreiro da Fortaleza dando *vivas*: a sua prezensa, e mais ainda a petulancia, com que tomava em sua imunda boca nomes para nós tão sagrados, irritou de tal modo os primeiros que o virão, que não podendo conter-se o lansárão por terra, onde pagou com a vida os acerbos tormentos, que a tantos inocentes cauzára.

Andava a esquadra bicolor ao mar em calmaria, defronte da barra: determinámos dar-lhe algum sinal pelo qual conhecesem que na Torre avia gente amiga; corrêrão uns a arranjar bandeira constitucional, que se formou, cozendo pedasos d'azues, que encontrámos de sinaes, com outros brancos, e isando uma na bateria do telegrafo, e outra no farol, as firmámos com uma salva de 21 tiros, a que a nau respondeu com outra. Na Torre do Bogiu, dependencia da de S. Julião, ao ouvir a salva, mandou o governador, que era um certo major Manuel Joze Ribeiro, dar outra, ignorando porem o motivo a que aquela se referia, e despediu o ten. d'artilheria

Torres, que lá estavaa destacado, a indagar o occorrido. Xegou este; e pelo que referiu, viemos no conhecimento, de que lá não sabião a evacuasão de S. Julião, e rezolveu-se escrever ao tal governador inteirando-o do que avia de novo, e intimando-lhe a dependencia, em que devia considerar-se desta fortaleza. O cazo porem devia ser manejado com alguma arte, pois a guarnisão ainda era composta d'uns 100 omens d'infanteria, e artilheria bem armados; oferecêrão-se para esta empreza os srs. Correia Guedes, Moura Coutinho, Fonceca Sepulveda, Crus e Silva, e outro, os quaes armados, o melhor que pôde ser, metêrão-se em um barco pequeno, e forão demandar o Bogiu, onde entrárão, tomando a todos de sobresalto. O sr. Correia Guedes entregou o oficio do sr. Carreti ao governador, o qual, depois de o ler, entrou a titubear, sem se atrever a deliberar; no entanto já os companheiros avião enfronhado os soldados, a quem encontrárão bem dispostos, e conjuntamente respondião e entoavão vivas á Carta, e Rainha. Neste cazo pouco restava ao governador, man-

dou formar a guarnisão, fes-lhe sua arenga, mostrando porem em suas maneiras a má vontade, com que dava semelhante paso, e rematando em lhes dizer, que devião ceder á forsa. A maior parte da guarnisão queria nesa mesma tarde pasar para S. Julião; mas o barco era pequeno, e não foi posivel trazer mais do que o bom sargento Garcês, de 16, do qual já tenho falado, alguns poucos soldados, com que ao anoitecer xegárão os nosos companheiros. No seguinte dia de manhan vierão varios outros soldados, que incorporamos a nós com o tal ten. Torres, que não tinha voltado. Desta arte ficou a entrada da barra inteiramente franca, pois ainda que ali não tivesemos guarnisão de plena confiansa, tinhamos conseguido desguarnece-la, tirando de lá a tropa, sem a qual inutil ficava a artilheria por então.

Despediu-se para Lisboa o sr. Antão Garcês partecipar ao novo governo ali estabelecido o estado em que ficava a fortaleza, a fim de prover dos meios, de que podese dispôr, para sua melhor seguransa. Aproveitamos o escaler, em que viera o Rapozo, para nele enviar

avizo á esquadra, o que foi cometido aos srs. Gualdino Ferreira, Amor, Batista Figueiras, Perdigão, Ferragudo, e Xula, que, como pesoas costumadas ao mar, de bom grado se prestárão, posto que ela andase muito ao largo. Mais tarde se lhes foi unir o sr. Altavila, o qual se meteu em um bote, e teve trabalho para alcansar o escaler, e todos muito mais para se aproximarem da nau. Entanto que por lá se demoravão, darei conta do que na tarde se pasou.

Encontrámos pelos quarteis algumas espingardas, poucas em bom estado, baionetas, e poucos tersados, com que uns se armárão. Vimos que só tinhão os rebeldes encravado a artilheria do baluarte do Perdigão, que jogava para terra, e tinha montadas umas 8 bocas de fogo, das quaes pudemos dezencravar sinco com um pé de cabra. Trousemos para este baluarte mais uma pesa montada d'uma das baterias do mar: faltavão-nos cordas para a puxar; encontramos por acazo uma d'esparto, que se quebrou, quando ela ia no meio da rampa, e tivemos de pôr peitos ás rodas

para a suster no meio dela, em quanto se concertou a corda, e se forão buscar alguns espeques, com que se conseguiu mete-la em bateria. Todos trabalhavão, dirijidos pelos srs. Amaral, Pinto Carneiro, Maxado, oficiaes d'artilheria, e marinha. Ajudárão a este trabalho os ten. d'artilheria Torres, e Rozendo, que tambem se avia prezentado.

Continuámos a dar salvas ao meio dia, e pôr do sol. A esta ora veio demandar a barra um naviu, que depois soubemos ser o Camões, que vinha da India, e trazia bandeira rebelde: falou-se-lhe com o porta-vós: arreou a bandeira, e vendo a tripulásão que na Torre estava arvorada a bicolor, respondeu com entuziasmo aos vivas que entoámos, entrando a barra ao som deles.

Puzemo-nos á postos, guarnecendo as baterias de terra, e porta da fortaleza, a fim de nos podermos defender, cazo o inimigo voltase de noite, pois então ainda ignoravamos o caminho, que avia tomado: postárão-se sentinelas em os logares convenientes, ou para melhor dizer todos estivemos de sentinela, porque esa noite ninguem dor-

miu, posto que algum se deitase. A cama era tão boa como a ceia, e o jantar avião sido; nada avia de comer, pois os donos de todas esas cazas, que dele nos provião, tinhão abandonado a fortaleza, e tivemos de nos reduzir a algum pedaso de pão com queijo ou manteiga, que acazo algum tinha. O prazer porem, que em nosas almas trasbordava, nos satisfazia de maneira, que nem fome, nem sono se nos fazia sensivel. Breve pasou a noite, que todavia nos pareceu grande, pois anelavamos pela manhan, esperando que então viese alguem de Lisboa, que nos orientase do que avia sucedido, e do estado, em que se axava o negocio. Logo ao romper d'alva se lembrárão os companheiros, que tinhão flautas, de nos mimozear com muzicas, que lembranсas gratas nos recordavão: tocárão os inos constitucionaes, a cujo som todos se lhe reunirão em torno, deslembrados dos pasados trabalhos. Com uma salva foi arvorada a bandeira, e repetidos vivas anunciavão o regreso do dia, que era o primeiro que em gozo da liberdade para nós, á mais de sinco anos, amanhecia.

Tendo indagado do sr. Gama Lobo, e alguns outros dos prezentados, o que dera motivo á retirada da guarnisão, vim a colher em suma: = Que ás 5 oras da madrugada avia xegado á Torre um oficial de cav, 7 com uma circular do duque de Cadaval, na qual ordenava a todos os comandantes das fortalezas, e baterias do Tejo encravasem a artilheria, inutilizasem as munisões, e se retirasem com a guarnisão para Quelus. Ao receber ésta circular, convocou o Santa Barbara os oficiaes a conselho, e parecendo entrar em duvida sobre a fé que devia dar ao oficio, determinou mandar um oficial de confiansa a vereficá-lo: ofereceu-se para isò o barão de Tondela, coronél de milicias da Guarda, concordando, no entanto, em mandar formar a tropa, e estar com ela pronto, quando viese a resposta. Ora a Torre estava então mui bem guarnecida d'artilheria, e munisões, pois, segundo um inventario, que á mão colhi, asinado por Santa Barbara a 25 de junho, tinha montadas 74 pesas de diferentes calibres, 9 morteiros, 8 obuzes, 15984 balas, 1472 bombas, e granadas, 1761

lanternetas, 274 piramides, 71 planquetas, 50056 cartuxos, 26264 embalados, 818 arrobas e 24 arrateis de polvora em grão, com a correspondente, e sobrecelente palamenta, e mais de 800 omens de tropa, e com alguma rezolusão podião muito bem meter respeito; o Santa Barbara porem logo se acobardou, e não menos os seus vis oficiaes.

Vierão estes formar a tropa, que insubordinada se embriagou pela maior parte, e príncipiárão a divagar pela fortaleza, dando vivas ao seu rei; o que nós em a prizão confuzamente ouvimos, gritando alguns dos realistas de Portalegre dirijidos por um seu capitão, — *vamos matar os prezos antes de sairmos.* — Ouviu isto o sr. Francisco Soares da Gama Lobo, ten. de 19, agora capitão d'artilheria, e interino major da prasa; manda logo os mais fasanhozos e gritadores destes soldados, a titulo de piquete, para a Crus do Alqueivão; vem á prasa, ouve ao alf. Mira d'inf. 7, que os grilhetas estavão armados, e que o ten. Freitas tinha carregado uma pesa de calibre 3 a metralha para asasinar os prezos. Orrorizado destes preparati-

vos, a que os ditos oficiaes davão calor, vai dar parte ao governador, e este o manda remediar tão preverso atentado. Corre o sr. Gama ao oficial da guarda do revelim, tira-lhe as xaves das prizões, leva-as ao governedor para as esconder, pasa á guarda principal, vê os grilhetas sem correntes, e já armados: pode conseguir dezarma-los, e com auxilio da guarda mete-los novamente em a prizão, disparando ainda neste ato um deles a espingarda, que á ninguem ofendeu.

Tendo na Feitoria doente no ospital seu irmão o sr. Joze da Gama Lobo Soares, ali corre a ver de que modo o salve, e bem asim o medico sr. Aquino e Silva com os demais facultativos, e outro enfermo, que lá estavão, dando por quazi dezesperada a sorte dos que ficavão nas prizões. Insta-lhe, pede, e roga o sr. Aquino e Silva, juntamente com o sr. J. da Gama Lobo, para que ele volte á Torre continuar a vigiar, e estorvar que se perpetre tal atrocidade em 240 omens dezarmados, e sem a menor desconfiansa de que pelo fiu d'um cabelo estava pendente a vida de todos;

evitando, quanto fose posivel, que se abrisem as portas das prizões para dar os almosos, ensejo que os malvados querião aproveitar para entrar de tropel, e fazer a seu salvo a premeditada carniceria. Presta-se ele a estes saudaveis conselhos, volta á Torre, ficando os da Feitoria meio mortos, nem só pelo seu perigo pesoal, mas por aquele, em que vião seus companheiros, e amigos, sem lhes poder valer, nem pelo menos preveni-los. Xega o bom Gama a tempo de tolher se abrão as portas para os almosos, trazendo da Feitoria a guarda que lá se axava; vê a dezordem em maior auge; o barão não tinha voltado. nem voltou; veio noticia ao governador de que Lisboa fôra evacuada da tropa; que ali estava proclamada a Senhora D. Maria II, e que contra a Torre marxava grande forsa constitucional. Atemorizado o Santa Barbara com estas noticias, dá-se presa a cumprir a ordem que recebera; é então que manda encravar a artilheria, de que nós demos fé; sáe com a guarnisão, deixando as xaves das prizões em uma comoda, do que preveniu o juis de fora d'Oeiras

para que, pasada meia ora, nos viese soltar. Manda o sr. Gama á guarda, que da Feitoria tinha trazido, com mais alguns soldados, cubrão as bagagens, e formem a guarda da retaguarda, esconcondendo-se ele com o preteisto de vêr, se algum soldado ficava na fortaleza. Certo d'estarem aqueles a distancia de não se avistarem, vai com um soldado de 13, que por fiel sempre junto a si conservára, um cabo d'esquadra d'artilheria, e o noso corretor Cacada, buscar maxados, e pés de cabra, com os quaes se encaminha ás prizões do revelim; dando vivas *á Senhora D. Maria II*, *ao Senhor D. Pedro*, *e á Carta*, como com o sr. Aquino e Silva avia concertado a fim de não nos asustar, a arrombar as portas, e dar-nos em ves da morte, que seus infames camaradas nos preparavão, a precioza liberdade.

Grandiozo serviso, que este benemerito e sensivel oficial praticou a favor da omanidade! Ato digno de perpetua memoria, e que nosos corasões tem enxido da mais bem merecida gratidão! O nome de noso bemfeitor em nosos peitos ficará sempre gravado; merecen-

do na posteridade um logar distinto. Receba ele nestas poucas linhas os puros agradecimentos das vitimas que salvou, e que tanto me comprás poder tributar-lhe. Oxalá a minha pena se tivese antes empregado em a narrasão destas asões, qne na de tantos tormentos, martirios e cruezas, que por tão largo espaso de tempo forão nosa excluziva partilha! Quão pouco pensavamos nós em que semelhante atrocidade se tramava contra uosa mansa e pacifica ezistencia! Promovida então por omens que, á pouco, de nosos companheiros acabavão de receber a vida na terrivel molestia, de que os avião tratado. Monstros que servem d'oprobrio á especie omana! Ese Mira, que ultimamente com doces palavras nos tratava, era um dos Canibaes na ecatomba mais encarnisado. Parabens, ao saber desta negra perfidia, á nosa sorte démos, por nem, ao menos, termos tido o mais leve receio de que ouvesem almas capazes de se ocupar de tão nefando projeto. A maior parte contavamos mais de 5 anos de prizão; eu prefazia justamente neste memoravel dia 24 de julho, cinco anos e dois mezes,

ou 1888 dias, sendo 51 mezes e 13 dias de Torre: e que dia final se nos preparava para remate de nosas angustias! Oprobrio eterno aos autores de tão atrós, quanto orrorozo projeto!!! Estamos dele livre, bemdigamos o autor de nosa salvasão, e afastemos de nosa memoria tão acerba ideia.

Voltárão de noite os nosos emisarios maritimos, que mui bem acolhidos forão a bordo da nau D. João VI por todos, e mui especialmente pelo duque de Palmela, e almirante Ponza, trazendo daquele o oficio seguinte:

„ Ilustrisimo e Escelentisimo sñr. — Os portadores deste prezentárão-se aqui oje vindos, como dizem, das prizões de S. Julião, onde me informão que V. E. estava com outras pesoas mais. Eu contava que a esquadra da Rainha entrase oje no Tejo, e para isto tem feito o almirante todos os esforsos; o vento porem acaba de faltar inteiramente, e é nos por iso imposivel o entrar oje; espero pode-lo efeituar na proxima madrugada. No entanto, não sendo posivel dar daqui outras providencias, espero que V. E. queira reu-

nir todos os bons Portuguezes, que aí estão, e que todos concorrão, e tratem da seguransa desa fortaleza. — Deus guarde a V. E. — Bordo da nau almiranta na entrada do Tejo 24 de julho de 1833 ás 7 oras da tarde. — Duque de Palmela. — Ilustrisimo e Escelentisimo sr. Francisco Joaquim Carreti. „

Deu-nos muita satisfasão este oficio, por todos os motivos. De Lisboa tambem recebemos resposta da comisão do sr. Garcês, segurando-nos que se ião tomar as providencias para se mandar guarnisão. No outro dia de manhan prezentárão-se-nos os ten. Danim, Pontes, o ajud. Borges, um alferes dos realistas de Portalegre, 3 Sargentos das milicias que estavão em Cascaes, muitos soldados e alguns outros oficiaes, uns dos fortes vizinhos, outros da guarnisão, que avia acompanhado o governador. Ter-se-nos-ião reunido umas 70 ou 80 prasas, quazi todas de primeira linha, Veio de bordo o sr. Manuel Antonio Velês Caldeira, secretario do duque de Palmela, confirmando o que este no seu referido oficio tinha dito. Por este benemerito magistrado-militar (pertencia ao

corpo academico de que trazia farda) sube noticias de meu irmão, que vierão dar um novo realse ao prazer, que na alma me trasbordava.

Pela volta das 11 oras veio das embarcasões de guerra um destacamento de 60 soldados inglezes, comandado por um capitão, para tomar pose da fortaleza, e guarnece-la. Fomos recebe-los á entrada, que fizerão por entre alas que formamos, precedidos dos nosos companheiros que tocavão flauta, os quaes os acompanhárão, tocando o ino constitucional. Meteu-se na pose da fortaleza o capitão, ao qual entregámos as prasas reunidas, d'oficiaes, e soldados, em quanto o governo deles não dispunha, e bem asim os prezos estrangeiros; e vendo que já era suficiente guarnisão, determinámos retirar-nos para Lisboa, o que fizemos depois das 3 oras da tarde, concordando reunir-nos em o cáes do Sodré, para dali irmos em corpo prezentar-nos ao duque da Terceira; ficando na Torre os srs. Altavila, e João Pedro da Silva, aquele para servir d'interprete aos Inglezes, e este para o coadjuvar em procurar viveres.

Reunimo-nos com efeito no caes, pela volta das 6 e meia, quazi todos, porque bem poucos se avião retirado antes, em consequencia de sua idade, ou molestia. Ao dezembarcar fomos recebidos nos brasos d'um numerozisimo concurso de povo, que ali se avia apinhado para ver eses entes resuscitados! Todos nos querião tocar, apalpar; muitas pesoas nos abrasavão, e beijavão, lavando-nos as faces com suas lagrimas. Asim fomos levados pela rua do Alecrim, cujas janelas estavão xeias de senhoras, e omens, que, fazendo ondear os lensos brancos, atroavão os ares com vivas aos caros objetos, pelos quaes tantos e tamanhos martirios aviamos padecido. Esta especie de triunfo dilatava as nosas almas, que, por muito insensiveis que estivesem ao bem e ao mal, não podião deixar de ser tocadas d'uma sena tão dezacostumada, quanto patetica. Dirijidos pelo sr. Carreti nos encaminhámos ao quartel do duque da Terceira, o qual com muita urbanidade, e maneiras cortezes nos veio receber, desculpando-se de não admitir, e falar a todos pelo acanhamento, e pouca comodidade das

cazas, que em verdade estavão atulhalhadas de gente, não só prezos, mas outra muita que por toda a parte nos seguia. Despediu-nos com afabilidade. agradecendo o serviso que acabavamos de prestar; findo o que, cáda um se recolheu a seu apozento. Os que em Lisboa tinhão morada e familia consumárão logo o prazer de a ver e abrasar: os demais ainda por mais tempo tiverão de devorar esa saudade.

Poucos dias não decorrêrão, que S. M. o Imperador não viese coroar com sua prezensa o jubilo em que trasbordava o corasão de tantas vitimas, que das diversas prizões de Lisboa tinhão saido, e anciozos se abrasavão reciprocamente, sendo deles o maior numero que entulhava as ruas da capital; cujos moradores em verdade manifestárão com sinaes não equivocos os transportes de sua alegria. Apareceu o Imperador, a 28, quando menos esperado era, e ao 2.° ou 3.° dia quis ver os desditozos prezos da Torre, que recebeu com sua natural, e costumada bondade, mostrando ter em muita conta os martirios, que sofrido avião por sua inalteravel fidelidade á

cauza do legitímo governo constitucional, e da Rainha. Apelidou-os *Martires da fidelidade*, e lhes prometeu que a Rainha teria em memoria os seus padecimentos, e não deixaria de os galardoar como merecião; palavras que n'alma nos ficárão impresas, parecendo que com elas até a memoria do pasado avia de todo dezaparecido. Em tempo competente, terão, por certo, seu devido complemento, pois não é de tão grande principe deixar de fazer corresponder as obras ás palavras.

Viemos então a saber do bem merecido fim do malvado Teles, Comandava este estupido general a divizão dos rebeldes que avia pasado ao sul do Tejo, e que nos campos da cova da Piedade, e estradas d'Almada fôra no memoravel 23 de julho batida, destruida, e aniquilada por um punhado de bravos, que da divizão do ezercito libertador do Algarve, comandados pelo seu digno general, o duque da Terceira, tinha com uma audacia e rapídes, que tanta onra a xefes e soldados fas, franqueado todo o Alemtejo, e vindo prezentar-se em frente de Lisboa. Fugia o cobarde,

seguindo o resto dos seus, que em debandada procuravão alguns barcos para atravesar o Tejo, e evadir-se para Lisboa. Já estava no cáes d'Almada, quando ali foi conhecido por um soldado, que ia perseguindo os fugitivos, participa-o ao sr. Romão Joze Soares coronel de Casadores n.º 2, o qual lhe atira um golpe d'espada á cabesa, que o deita por terra, onde pelo mesmo soldado e outro o mandou acabar de matar. Asim acabou o monstro mais atrós, que por tão aturado espaso de tempo avia atormentado uma boa porsão de desgrasados, cujo crime era amar o bem da sua patria, e ser fieis a seus juramentos! Tão odiado era este barbaro, que, apenas divulgada a noticia da sua morte, foi seu cadaver feito em pedasos por aqueles mesmos que da sua tirania não tinhão sido vitimas. Todos querião vingar os tormentos, que este xefe de Canibaes a omens probos, e prezos avia inflijido! Ainda depois d'enterrado algumas pesoas forão certificar-se por seus proprios olhos, se era certo ter o mundo ficado livre desta fera, que tanto dezonra a especie omana. Tamanha era a eze-

crasão que sobre si ele avia acarretado! Pagou com a vida os males que cometera, deixando sua memoria para todo sempre manxada; e a todos, que tivemos a desgrasa d'estar sob seu ferreu mando, pedindo ao ente supremo, que se formos condenados ao fogo do inferno, não nos dê Teles Jordão para diabo da nossa guarda. Seu digno filho foi mais felis; pouco antes se avia escapado, constando ter pasado o Tejo, e unido-se ao outro bando de rebeldes, que com o traidor duque de Cadaval nesa noite evacuou Lisboa. A sombra do páe lhe devorará as entranhas, e naquele ezemplo verá o tigre a sorte que o aguarda. O mau cedo ou tarde paga os crimes, e atrocidades que tem cometido: jámais pode viver em pas comsigo mesmo aquele que posterga as leis do dever, e do decoro: roedor remorso o mina; e por fim vem a servir d'ezecrasão até aos mesmos maus. Deixemo-los cobertos do oprobrio que merecem, amaldisoando para todo sempre sua preversa memoria.

CAPITULO XV.

Pasatempos dos Prezos na Torre de S. Julião.

Encerrados em tão orrorozas masmorras, e privados da livre comunicasão com suas familias e amigos, tratárão os prezos de procurar, e criar meios de se distrair e divertir a imaginasão, afastando dela, quanto posivel fose, as tristes recordasões de suas desoladas mulheres, filhas, mães, e ate amantes. Em tempo do Simões, e ano de 1828, poucos erão ainda, avia franqueza de falar com quem os ia vizitar; era livre a entrada de livros; estava-se em principio, e levava-se o tempo, como se tivesem ido a uma romaria: depois porem que na Torre apareceu ese monstro de sempre ezecravel memoria, foi mister criar pasatempos. Entrávão, é verdade, alguns livros, mas nem todos são dados á leitura, nem todo o tempo se pode empregar em ler; carecia-se d'alguma

outra diversão, e cada qual escogitou a maneira, que melhor lhe ocorreu d'empregar o tempo: avia porem absoluta carencia de toda e qualquer ferramenta, porque a sua entrada era absolutamente proibida; as facas, navalhas, canivetes, e tizoiras só entravão pela manhan ao almoso, devendo sair depois de jantar, tendo de se esconder, com muito risco, qualquer destas coizas, com que alguma obra se quizese tentar.

Nas abobadas do revelim fes o sr. D. Cristovão Jurado um jogo de xadrês, cujo taboleiro era de papelão, e as figuras de miolo de pão amasado á mão, que tomavão consistencia tal, que parecião petreficadas; e com algumas tintas e vernis vierão a ser d'esquizito gosto. Da mesma masa fes outras diversas coizas não menos delicadas, entre elas uma estatua equestre com gradamento, á maneira da do Terreiro do Paso em Lisboa, com todas as suas partes, obra prima e delicada, e muito mais por ser obra prima e delicada, e muito mais por ser dedicada ao imperador do Brazil, cujo busto era o primeiro ornamento da obra. Quando saiu solto para eva-

cuar o reino, levou-a na mão, e na revista a ezaminárão miudamente os oficiaes, engolindo a pirula, de que era a estatua d'elrei D. Joze. Tambem fes alguns bonecos, com os quaes, e outros de papelão, entretinha algumas noites os companheiros com uma especie de sombrinhas: e já os avia aumentado, e feito algumas embarcasões de papelão para variar o entretenimento, e reprezentar o ataque, e destruisão dos Miguelistas na Ilha Terceira, quando por certa denuncia dada pelo malvado Branco, que as mais inocentes coizas envenenava, forão removidos para o suterraneu alguns dos companheiros.

Nesa mesma ocazião e pela mesma denuncia tambem ficou sem efeito o entremês, que alguns estavão para reprezentar na festa do Natal de 1829, para o que já avia o pano de fundo, e bastidores, feitos de papel pegado com masa em canas, e pintados pelo sr. Souza Ramos com uma mistura de carvão e vermelhão; mas como fosem mandados para o suterraneu dois dos reprezentantes, e o baxá pedise os papeis que se avião distribuido, ficou o entretenimen-

to reduzido aos ensaios. Quando o malvado deixou o governo da Torre, tornou a lembrar este entretenimento pelo entrudo de 1833, e então se levou a efeito, como fica dito. Novos ensaios e preparativos se estavão fazendo para repetir na Pascoa, mas o regreso do urso tudo inutilizou.

Comesou o sr. padre Fabião a fazer algumas caixas de papelão, que logo forão imitadas, variadas, e levadas a alto grau de perfeisão. Fizerão-se carteiras, estojos de barba, papeleiras, urnas, taboleiros de gamão, caixas de costura, e toucadores com varios repartimentos, e escaninhos, forradas, no interior e esterior, de papel pintado, seda, marroquim, e até veludo, conforme os diversos gostos e feitius, que seus autores lhes davão, vindo a ser o mais abil nestas obras o sr. cor. Paula em o paiol, e nas abobadas do revelim Joze Nunes Amado. Deu-se a fazer pastas do mesmo o sr. Augusto Cezar da Silva, as quaes tambem depois se forão aperfeisoando com variedade de feitius. Proibiu-se em dezembro de 1829 a entrada destas coizas, que de Lisboa se

mandavão vir, e então veio a fazer-se o papelão com camadas de papel pardo, pegado com goma, suprido o papel pintado com o branco borrado com infuzão de cebola, e alguns outros ingredientes, que se podião alcansar. Por grasa especial concedeu o baxá ao malandro Garcia o monopolio de papelão e varias outras coizas em 1831, e então se renovou a mesma especie d'obras, xegando a comprar-se a folha de papelão por 180, e a de papel pintado, a 160 e 200 reis, quando em Lisboa custava aquele a 60 reis, e este a 40, e 20.

Na guarda principal superior propôsse o sr. Verisimo Antonio Ferreira da Costa a dar algumas lisões de geografia, para o que compôs uns elementos, e para melhor elucidasão fes um globo de papelão, trasou-lhe os circulos maximos, e os contornos das 5 partes do mundo, e lhe meteu as letras o sr. Antonio Atanazio dos Santos. Vindo para as abobadas do revelim, e aparecendo os globos, que naquela se avião feito, varios se derão a imita-los, levando-os a maior perfeisão, principalmente um do sr. padre Eleuterio, que foi torneado, e re-

duzido a perfeito globo, com seus piões nos polos, pelo sr. Aparicio, o qual tambem lhe trasou os circulos maximos; sendo perfilado, iluminado, e marcados os pontos principaes das capitaes, rios, e montanhas pelo sr. Raimundo Alves Martins de Menezes, ten. d'inf., e xeio da letra pelo referido padre. Forão montados em suas peanhas igualmente de papelão, forradas de papel pintado, e enriquecidos da ecliptica, em que se gravavão os signos. Devo um á amizade do sr. Gualdino Ferreira, que o fes em todas as suas partes com a maior perfeisão.

Sendo proibidas as cartas de jogar, que formavão uma parte d'entretenimento, se deu a faze-las o sr. Venancio de Figueiredo com muito gosto; e estando o sr. Lara em a cazamata n.º 23 pediu ao xaveiro Carvalho lhe mandase comprar um baralho para se entreter com o sr. Carreti, com o qual estava só, respondeu-lhe o bruto que mandase buscar contas para rezar. Fes aquele então o cartão, e pintou as cartas, servindo-se de misturar vinho, sumo de limão, cebola, e salsa para as diversas tintas.

Fundirão-se algumas obras de xumbo e estanho; do primeiro foi um tinteiro d'uma só pesa em quadrado com parte da tampa, obra de merecimento, fundido pelo sr. Iscar: do segundo fizerão-se muitas duzias de bilros para os teares d'obras de cabelo, sendo os mais perfeitos os que torneou o sr. Aparicio.

Urdírão-se e tecêrão-se lindos xales, mantas, e indispensaveis de malha de rede, feitos de seda frôxa de diversas cores, e lan de camelo, de lindo gosto. Tendo sido prohibida a entrada da seda e lan, mandou o sr. Manuel Francisco de Jezus Paiva fiar uma pouca do seu colxão, da qual fes um xale; e outra porsão fiou ele mesmo á roca com um fuzo de pau de carqueja, de que fes uma cinta de malha com agulhas do mesmo pau de carqueja.

Em picados de papel se empregárão muitos em varias epocas, para os quaes fazia magnificos dezenhos o sr. Garrido.

Na cazamata n.° 14 derão-se os srs. Gualdino Ferreira, e D. Joaquim de la Reina a fazer uma caixa de madeira, para prezervar alguns papeis da umidade, que tudo consumia. Não podião

obter ferramentas de qualidade alguma: apenas uma faca, de que fizerão serra, e uns pedasos de vidro, com que aplanavão a madeira, lhes servírão para tal obra. Tinha ela dois e meio palmos de comprido, um e meio de largo, e 4 polegadas d'altura, com 4 escaninhos na grosura da madeira, cada um dos quaes podia conter um caderno de papel. Era de madeira de pinho da terra, proveniente de certos caixotes groseiros de munisões, de polegada e meia de grosura; mas toda folheada de madeira do Brazil, com laminas mui delgadas, tiradas com a predita serra de faca d'uma taboa de polegada de grosura, a qual sacárão d'uma banca, que em outro quarto avia, e que sustituirão com outra taboa ordinaria das barras. As fixas erão de lata, e os feixos dos escaninhos feitos de ferro, que com indizivel trabalho podérão forjar no mesmo quarto em fogo do fogageiro.

Nas abobadas do revelim continuou o dito sr. Gualdino a fazer estojos de barba, da madeira das caixas dos xarutos, em quanto se permitiu a entrada. O primeiro que nestas obras se empre-

gou foi o sr. Iscar, e varios outros depois imitárão, e fizerão escrevaninhas, teares para obras de seda e cabelo, bilros, etc. merecendo neste genero a primazia o estojo de barba, que fes o sr. Entillac com varios entalhes, abertos somente com um pequeno e insignificante canivete, e alguns pedasos de vidro. Em outro genero teve o primeiro logar a caixa feita pelo predito sr. Reina na abobada n.° 120. Esta caixa, de dois e meio palmos de comprido, e pouco mais d'um de largo, reprezentava, aberta, o interior da mesma abobada em miniatura, com tarimbas, quartos lateraes á entrada, sobrados nos estremos com seus engradamentos, e competente escala; tudo feito com as mesmas ferramentas, d'uma faca e alguns pedasos de vidro. Por esta linda pesa mostrou o maior empenho o sr. Bernardo Luis Fernandes Alves, a ponto que o dono, tendo-a no maior apreso, lhe fes prezente dela. Não sei como veio isto ao conhecimento do baxá, o qual em uma ocazião, que o mudou da abobada n.° 132 para o suterraneu, mandou que lha prezentase, e como tivese, com receio

da revista, deixado na dita abobada o bau, em que tinha a caixa, deu suas desculpas, que não forão atendidas, e teve d'ir busca-la, e leva-la ao bruto, que a fes em pedasos.

Não merece menos recomendasão o torno que fes nas abobadas do revelim o sr. Gualdino Ferreira, o qual foi armado d'um pedaso de barrote de pinho, sendo os pontos de dois garfos quebrados, cabesos e esperas do mesmo barrote, serrado e preparado tudo com uma faca velha reduzida a serra. As ferramentas, com que torneava, forão por ele mesmo feitas de pedasos de fuzís, e navalhas de barba, com as quaes fes os cabos para as mesmas, outros para penas d'escrever, alguns dos quaes erão d'oso, tabolas de gamão, e por fim até botões de madre perola. Quando trabalhava, era atado com um cordel a uma banca, em que pouca firmeza podia ter. Este torno. pesa importante no seu todo, foi desmanxado, e guardadas todas as suas pesas, quando a 24 de marso de 32 se deu ordem para pôr na rua todas as barras e bancas.

No fim do governo do Pinheiro. e

no de Santa Barbara, como não avia tantas proibisões, fes o mesmo sr. Gualdino outro torno fixo, em que fes várias obras curiozas. Barrote tambem tinha então armado outro, em que trabalhava, e ambos servião de bastante entretenimento, pois muitos ali ião esperimentar a sua abilidade; varios dezenvolvião seu engenho; e gabar os que melhor trabalhavão, motejando os menos aptos era um pasatempo, que ás vezes nos fazia divertir não pouco.

Nestas obras de torno excedia o sr. Aparicio, pois em verdade, era dotado de muita abilidade, e tinha alem diso boas ferramentas, que a muito custo e despeza sempre avia obtido. Entre outras obras de merecimento que fes, tem distinto logar o tear para obras de cabelo, com embutidos, e roldanas de marfim, de que fes presente ao sr. Coutinho da Mota. O tinteiro de pedra, que torneou, tambem era obrà de gosto. Tinha sido encontrado um pedaso de pedra calcarea compata em a cazamata n.° 9, e dele tomárão alguns varios pedasos, dos quaes este foi um. Outros tambem ao canivete algumas obras fize-

rão da mesma pedra, e em bom estado tinha o sr. Verisimo um tinteiro, quando, por encontrar uma veia de pedra estranha, se lhe quebrou.

As obras de cabelo tiverão diversas epocas, pois tambem foi proibida a sua entrada, que por vezes se iludiu, vindo estendido dentro das mangas das camizas, cozido com um ponto. e de diversas outras maneiras. Fizerão-se obras lindas e delicadas, como pulceiras, cordões, cintos. colares, aneis, brincos, etc.: nisto muitos trabalhavão com perfeisão, e as obras desta qualidade erão de muita estima para as familias, a quem se remetião. Alguns deixárão crescer o cabelo da cabesa, e por baixo da barba, trazendo este mui escondido para o Teles não ver, ou não lhe ser denunciado, porque então estava a descompostura, pelo menos, certa, e mandado cortar; destes cabelos se fes liga para aneis, e alguns cordões mui delgados; não sendo pouco digno de memoria o fazerem-se alguns aneis dos poucos cabelos d'um calvo, a que ele com grasa xamava os seus abitos da legião d'onra. Destas obras, e das de lan e seda não ficou só

na pratica o divertimento; pasou-se á teoria: fizerão-se estampas dos teares, com as suas competentes esplicasões; delas se formárão uma especie de folhetos encadernados, cujas folhas, em que as estampas estavão dezenhadas, erão guarnecidas com bonitas tarjas e vinhetas, feitas pelos srs. Caldas, filho mas velho, Barrote filho, e Manuel Joze Rodrigues.

De misanga algumas, ainda que poucas obras, se fizerão: a sua entrada era absolutamente proibida, mas vinha de Lisboa misturada no arros, ou em farinha de milho, donde com muita paxorra depois se tirava.

Tambem de palha de centeio se fizerão algumas caixas, e paliteiros, sendo necesario tirar a palha dos xergões, porque o baxá não permitia a entrada, nem mesmo para renovar os xergões, que, depois de sinco anos de continuo serviso, não só para dormir, mas para estar de dia sentado, tinhão sido reduzidos ao mais simples denominador.

Em bordados a branco se entretinha o sr. Iscar por vezes; e em telagarsa a cores ensinou a varios o malfadado sr.

Joaquim Tomás de Mendonsa, e bonitas obras fizerão os srs. Farinha, Corujo, e Rego. O sr. Atanazio fes varias penas de prata para escrever. De penas brancas de pombo, e uns pedasos de panino azul fes o sr. Antonio Inacio da Silva lasos nacionaes, de que forão providos os que da sua prizão saírão para Elvas. Com uma pesima faca fes M. F. de J. Paiva uma ordem de dentes d'oso, de que ás vezes uzava. O sr. Iscar com outra semelhante fes uma d'oso, polida com um pedaso de pedra; igualmente se fazião agulhetas, dados de jogar, e outras coizas, sendo de notar, que estas obras d'oso erão dos que vinhão em a carne do asougue. A proibisão d'entrar sabonetes, por vezes, suscitou a ideia de os fazer menos mal. Para a janela da ultima caza, que não tinha portas, e no inverno sobremaneira incomodava com o friu, se fes um bom encerado. Compotas, geleas, doces de varias qualidades tinhão não poucas vezes seu cabimento, asim como pastilhas d'esencia de carne. Matárão-se alguns carneiros, de cujos cornos se fizerão colheres, das tripas cordas, e do sangue

certa esperiencia de quimica levou a efeito o sr. Entillac, nesta profisão asás abil, o qual com absoluta falta de quazi todas as coizas necesarias ainda se divertia em alguns procesos, conseguindo entre outros rezultados obter o azul da Prusia.

Na prizão da guarda principal inferior se distilou agua ardente, e se fizerão bem bons licores, servindo de lambique uma cafeteira de lata.

Varios fazião calsas, camizas, gorros, de diversos feitius, coletes, jaquetas, sobre cazacas, e cazacas que eles mesmos cortavão, sendo o mais abil nestas obras de costura o sr. Moura Coutinho, que a um bom alfaiate em nada era inferior. Quando algum vestia roupa nova, pela primeira ves, vinha dar-se em amostra pela prizão, gritando os que o acompanhavão, — *mete gente* — de cuja ceremonia nem os mais serios escapavão. Não faltava tambem quem a roupa marcase. Outros concertavão e fazião sapatos e botas, sendo nestas obras o mais eminente o sr. Joze Sebastião d'Azevedo, ten. d'inf. 16, e muito mais faltando as quazi indispensaveis ferramentas: a

necesidade, e abilidade tudo supria. A cortar cabelo, e fazer a barba aos que não sabião, se prestavão outros, sem que de qualquer destas coizas tivesem anterior ensino. Enfim, para que ninguem se empregase só em aquilo, a que estava abituado, e fazia a sua profisão, tinhamos nas abobadas do revelim o Espanhol Joaquim Nieves, ferrador estabelecido em Estremos, que trocando o puxavante pela navalha, punha na cara d'alguns, que não sabião barbear-se, as mãos que por seu oficio costumava, quando solto, pôr nos pés das bestas que ferrava.

Por muito tempo nos serviu de galante pasatempo o celebre triumvirato composto d'uma cadelinha, que, por nascer nas abobadas do revelim, se xamava *revelina*, uma coelha mansa, e um pombo. Brincavão estes tres animaes em a mais perfeita armonia, como se fosem da mesma especie. A coelha saltava sobre a cadelinha, que ás vezes se estendia como morta, para que a coelha a puxase de rastos: o pombo metia-se de permeio, e ora a uma, ora a outra saltava. Erão tão domesticos estes ani-

maes, que a todos davão mão; quando porem entravão os janizaros para as revistas, imediatamente se metião por baixo das camas, esvoasando os pombos com o maior dezasocego em quanto eles estavão dentro das prizões. Até os proprios animaes fujião destoutros que, pelo instinto, conhecião que erão mais ferozes e selvajens! Mandou-se vir um coelho para acompanhar a femea, e então esta, antes amiga inseparavel da cadela, se torna a mais encarnisada inimiga. O ciume a devorava; lansava-se á cadela, como uma fera; e ela, paciente, ainda retribuia com meiguices as mordeduras que a outra lhe jogava; arreganhando-lhe varias vezes os dentes. O funesto fim da cadelinha, do qual já dei conta, pôs termo ao divertimento. Os coelhos tambem forão proscritos; porque fazião covas debaixo das camas; e os janizaros, vendo-as nas revistas, pensárão ser alguma mina para nos evadirmos, e derão ordem para serem mortos, ou postos na rua.

Tinhamos nesta prizão grande uma manada de gatos. Todos os que nascião ficavão, e nos prezervavão dos ratos;

que, onde não avia gatos, erão maiores do que coelhos. Estes mizeros animaes já não parecião feras, tinhão despido esa fereza de tigre, que a natureza lhes deu, estavão mansos como cordeiros; e na verdade, alguns podião ser canonizados como martires, porque martirios sofrião. Logo de pequenos erão ensinados a sentar-se, fazer-se mortos, dar a mão, saltar ao ombro, e outras semelhantes grasinhas, o que com alguns mimos, e afagos lhes custava muita forsa de pancadas para tomar ensino. Não poucos forão remetidos para Lisbòa, onde erão os mimozos das familias. O sr. Velho Costa mandou um para Mesejana, e de lá foi ao Algarve. Pombos, perdizes domesticadas, tambem delas cada um fazia prezente a suas familias, que estes animaes em muito prezavão. Enfim tivemos tambem nosa galinha, que xocou, e lá mesmo tirou os pintos: pertencia ao sr. João Pedro da Silva, que, para não incomodar os companheiros, tinha a paxorra de desmanxar a barra da cama todas as manhans, e com as taboas dela fazer uma especie de tanque, em que os metia com a galinha, por não anda-

rem soltos pelas cazas. Logo que ouve noticia de ter xegado o bixo, forão mandados em uma condesa para sua caza em Lisboa.

Não se empregava menos o tempo em outros ezercicios uteis. Uns se derão ao dezenho civil, militar e natural: deste ultimo deu algumas lisões o sr. Garrido aos que as quizerão tomar; e tirou alguns retratos, sendo um deles o do sr. Muñoz Torrero, 8 dias depois de sair moribundo da abobada n. 131, na qual ambos estavão; e dizião os que ali o conhecêrão que era o mais bem parecido posivel. A'çerca deste retrato é que ele teve a questão, que deixei referida, com o Raimundo, o qual não lho quis restituir. Constou-me depois, que, quando foi removido em janeiro de 33 para o Castelo, o reclamara por via do ministro da sua nasão, e lhe fora então restituido. O sr. Souza Ramos tambem tirou alguns retratos, singularizando-se muito em apanhar bem o trajo e atitude ordinaria dos sujeitos. Os paineis, que ás vezes pintava com carvão nas paredes das prizões, manifestavão asás o seu genio nesta arte. O que dezenhou

na cazamata n.° 13, reprezentando D. Inês de Castro, na asão de se prezentar com os filhinhos a elrei D. Afonso IV, mereceu os elogius dos que o vírão: o mesmo baxá o ezaminou com atensão, e posto que muito o gabase, não deixou de o mandar apagar, quando em 1831 deu ordem para caiar todas as prizões. Na abobada n.° 132 comesou ele a dezenhar com folha d'oiro sobre vidro, no qual ainda ezecutou um dezenho; mas não pôde continuar por falta d'agua-rás, que não se permitia entrar, e tambem pela demaziada umidade da caza, que não deixava enxugar a goma. Não tendo porem os elementos previos, como os dois precedentes, mostrárão a mais congruente aptidão para esta arte os srs Barrote, e Lucas Vieira, os quaes tirárão varios retratos, em que o primeiro indicava o melhor gosto.

A reminiscencia local, de que a natureza os dotara, patenteárão asás os srs. D. João Calvete na planta de Barcelona, que nas abobadas do revelim dezenhou; Alvarenga na da cidade de Lagos; Gualdino Ferreira nas de Faro, e Pará; estando, á 8 anos, auzente des-

ta ultima; não tendo antes, mormente este, principios alguns de dezenho; pois a primeira obra, que empreendeu deste genero, foi a copia das cartas topograficas das campanhas de Napoleão nos anos de 1812, e 13, escritas pelo barão Fain, que para a minha tradusão me fes favor d'estarjir. Tirou tambem as plantas das prizões do revelim, e do suterrancu, que vão anexas a esta obra,

Omens já d'idade avansada aprendêrão a ler, escrever, e contar; outros se aperfeisoárão. Muitos aprendêrão o Frances, não poucos o Ingles, e alguns o Italiano. Como não ouvese na prizão pequena do revelim livro algum ingles, deu-se o sr. Lara a formar uns rudimentos desta lingua, e um vocabulario para ensinar aos srs. Pereira e Melo, e Deslandes, escrevendo algumas orasões, de cujos significados tomavão apontamento, ao paso que traduzião; e metidos em ordem alfabetica formárão o predito vocabulario, que vi com perto de quatro mil vocabulos.

Prestava-se cada um a ensinar o que sabia: os que aprendião, pasavão logo a ensinar a outros, que de novo entra-

vão, as lisões, que, á pouco, avião aprendido. pondo-se aqui em efetiva pratica, e com bom suceso o metodo do ensino mutuo. Nem só os rapazes se derão a este estudo das linguas, mas ate omens de maior idade, franqueando-se todos reciprocamente os poucos livros, que cada um posuia, com especialidade os dicionarios, que sempre andavão em continuo giro pelas mãos de todos.

Tanto e tamanho proveito tirárão não poucos, que varios dos que aqui mesmo comesárão a aprender, traduzirão algumas novelas, anedotas, cartas, e trasos d'algumas desas poucos obras que avia, pois, como já dise, desde novembro de 29 nunca mais entrou um só livro.

Na prizão inferior da Conceisão deu lisões de geografia D. Joze Duran, para o que compôs uns elementos, que se postilárão, e com que ainda depois continuou. Este omem, de bastantes conhecimentos, e bom saber, lansou em si uma nodoa indelevel, que como istoriador não devo ocultar, posto que a sua publicasão bem magoa me cauze: foi denunciante de seus companheiros, e d'alguns mesmo que o avião beneficia-

do. A fraqueza d'animo o fes caír neste desdoiro. Já dise que tambem o sr. Verisimo deu a outros lisões da mesma siencia.

O sr. Alvarenga compilou um bonito compendio de geografia, e fes uma Discrisão topografica, e estadistica do Algarve, com seu roteiro, tudo com suficiente ezatidão, pois estando reunidos muitos Algarvius, cada um dizia o que sabia das suas terras, e vizinhas. O sr. Mendonsa Pesanha compôs, e traduzui do Frances, e Ingles varias obras militares, que, publicadas, mui uteis poderão ser a esta profisão. — Alem das Cartas á Mocidade Portugueza, fes o respeitavel sr. Borges Carneiro um estrato das melhores Cartas do conde de Chesterfield: escreveu um Tratado de gramatica e ortografia portugueza. — O sr. padre Inacio Joze de Macedo escreveu com a sua singular e não comum facilidade um opusculo sobre principios d'istoria portugueza; e outro que intitulou Recordasões Literarias. O sr. Pereira do Carmo, alem do seu diario dos nosos padecimentos nas prizões da Torre, empreendeu escrever a istoria d'Inglaterra por metodo e forma sua

particular, que levou até á conquista de Guilherme de Normandia, sendo inibido de continuar uma obra tão util como interesante, por se mandar trancar a janela da caza, em que dormia e trabalhava. Estratou as Cartas de Chesterfield com reflesões e notas, que tornão aquela obra muito mais precioza, pois sem elas não deixa de ser, em certas partes, talves perigoza a sua doutrina para alguns incautos. Fes varios estratos d'alguns nosos bons clasicos, que por ali aparecêrão. — O sr. Bramão tambem colijiu varios apontamentos dos principaes maus tratos que sofremos do perfido governo, inflijidos por seus barbaros subalternos. — Eu traduzi do Ingles a Istoria de Inglaterra por Goldsmith, edisão de 1817. Compus uma Gramatica e Sistema de Neugrafia da Lingua Portugueza; com um Dicionario adaptado á mesma Neugrafia. Compendiei alguns estratos de certas frazes do Portugues mais puro d'alguns nosos Clasicos. Traduzi tambem do Ingles o 1.° vol. da Istoria de Carlos V. por Robertson; porque dos mais não se pôde conseguir licença para a entrada.

Do Frances traduzi as campanhas de Napoleão nos anos de 1812, 13, e 14, até á abdicasão de Fontainebleau, escritas pelo barão Fain: a campanha da Italia ditada pelo mesmo Napoleão em Santa Elena ao general Montholon: os Feitos mais memoraveis da Istoria da Turquia por Durden; e formei um Estrato do Memorial de Santa Elena pelo conde Las Cazas, que se o tempo, e a vida me permitir irei sucesivamente publicando. Estas Obras, e varios outros cadernos erão logo postos em broxura, ou encadernados por outros companheiros, no que alguns mostravão muita abilidade, principalmente os srs. Alvarenga, e Ezequiel Pedro Maria.

Algumas destas tradusões, principalmente as campanhas de Napoleão nos fornecêrão materia para o entretenimento dos serões do inverno; pois nos juntavamos de noite para conferir a tradusão com o original. A esta leitura concorria, como ouvintes, uma grande parte da prizão; eu lia a tradusão; asistião, com o original prezente, os srs. Pereira do Carmo, Figueiredo, Verisimo, Mendonsa Pesanha, e varios outros. Ques-

tionava-se sobre a boa, ou má apropriasão d'um termo, ou fraze: disputava-se; argumentava-se; concordava-se d'ordinario no mais aprovado; servindo-nos este entertenimento não só de distrasão, mas d'util, e instrutivo recreio, que introduziu o gosto das tradusões, e estudo das linguas a que muitos se derão. Durava este serão ora e meia até duas; e até os mesmos malandros não faltavão a ele, dando folga neste espaso á sua espionagem, e não fazendo disto objeto de suas denuncias, quando coizas muito mais triviaes tomavão á má parte.

Não faltava tambem quem dado ás Muzas escrevese suas poezias: os srs. Jardim, Bandeira, Lara, Marsal, e Rodas, aliás Queirós, varias de suas produsões escrevêrão: e o sr. Lara algumas das suas, feitas nos segredos n.° 16 e 23 em perto de quatro mezes, que esteve só, encadernou, pondo-lhe uma capa de papel pintado com agua de casca de cebola, e tinta d'escrever; e como não ouvese ali coiro de qualidade alguma, serviu-se d'um papo de perú, do qual lhe pregou lombos e cantos. Seus discipulos teve a muzica vocal, e

por ultimo a instrumental, depois que se relaxou a proibisão de tocar instrumentos. Da primeira davão lisões os srs. Borges Carneiro, e A. J. da Costa Lamim, e da segunda este. Nos ultimos tempos tivemos concertos de boa muzica, em que cantavão, e tocavão os que já em competentes logares deixei referidos, o que nos servia de bastante distrasão e entretenimento. Na principal inferior quis o sr. Joze Joaquim Queiroga, cap. d'inf. 13, aprender alguma coiza de muzica, arranjou com o sr. Luis Manuel Teixeira Guimarães, sarg. de 16, um teclado de papel, em que tocavão com os dedos a escala de piano, e algumas balsas.

Em Arimetica, Algebra, e Geometria alguns tambem se instruírão, e tirárão proveito das esplicasões do sr. Fialho: não podendo outros mais aproveitar-se, porque avia uma só Arimetica de Bezout, uma Algebra do mesmo autor, e uma Geometria d'Euclides. No jogo das armas alguns se ezercitárão, tomando lisões, em florete, dos srs. Fialho, e D. João Carlos de Lencaster, e d'espadão do sr. Amor Ribeiro, servin-

do de floretes uns juncos cobertos de fius de barbante.

Aqui se verificava comnosco o conto, com que as velhas nos embalavão, das covas de Salamanca, para as quaes entravão os discipulos, sendo servidos e tratados sem ver por quem, saindo por fim doutrinados em varias materias depois de largos anos de recluzão. Nós estivemos nas tocas da Torre de S. Julião da Barra de Lisboa, onde nem só fizemos baxarel, mas entramos no seisto ano para fazer atos grandes, que com efeito podemos fazer em sofrimentos, rezignasão, paciencia, e constancia de carater, sem receio de deixar de ser plenamente aprovados, salvo, se nestas materias faltarem ezaminadores, o que talves acontesa. Nestas covas, tempo ouve, em que fomos servidos magicamente, vendo so baionetas, e espadas deses escravos fardados, que a orrenda escravidão á bem regulada liberdade preferem; ouvindo de continuo correr ferrolhos, arrastar correntes, e dezentoados gritos dos satelites do mais ezecrando e atrós despotismo.

Pode afoitamente afirmar-se que no

meio de tantas privasões, angustias, vexames, injurias, e tristes recordasões da familia, mui poucos forão os prezos, que da sua mesquinha desventura não tirasem, tanto quanto era posivel, o melhor partido. Reluzia no rosto de todos a mais placida serenidade, e cada qual aguardava com estoica rezignasão o termo do seu fado. Era belo, e interesante o painel, que prezentava a prizão das abobadas do revelim, onde estavão aferrolhadas perto de 200 pesoas, mormente desd' as 10 oras da manhan até ás 2 da tarde, pouco mais ou menos. Neste intervalo raro era aquele que avia dezempregado. Aqui estava um urdindo xales de lan ou seda; ali outro dezenhando; acolá fazia aquele obras de cabelo; este picava papeis; uns tiravão ou copiavão plantas; perto um ou mais cantando entoada ou dezentoadamente; logo ao pé outro estudando, ou dando lisão daquilo a que se aplicava; esioutro torneando, aqueloutro escrevendo junto; pouco distante um fogareiro com a panela ao lume; o de dia ao ranxo escamando o peixe, lavando a loisa, ou cortando a carne; proximo algum

deitando uma tomba ou cozendo as solas dos sapatos, outro remendando o lensol ou a camiza; este cortando umas calsas, dois ou tres em pé emendando o corte, travando argumentos sobre se se devia gizar por aqui ou por ali; uns cortando papelão, pegando papel pintado, gabando a nova ideia que tinha tido d'uma urna. Mostrava este os farrapos a que toda a suá roupa estava reduzida por cauza da umidade da prizão em que tantos anos jazera: dias ou mezes não erão tidos em monta alguma; ali se via a manta, vestido ou farda, podre, caindo-lhe pedasos ao mais leve toque. Enfim era um vasto arsenal, onde esta variedade d'artifices se empregava simultaneamente em diferentes e mui diversas coizas, estirados no xão, sem pelo menos ter, nos ultimos 9 mezes de 32, uma só cadeira, banco, barra, ou meza, em que se sentasem, escrevesem, ou comesem!!! Outras vezes parecia um arraial de feira, sentados aos magotes, uns no xão, outros sobre as camas, que enroladas trazião á memoria fardos de fazenda. Ali nestes magotes alguns, e não poucos, principalmente quando al-

gum vinha de novo, repetião as des-
composturas, que tinhão levado do Maia,
e outros semelhantes verdugos, mostran-
do uns as cicatrizes que nos dedos lhe
deixárão impresos os anjinhos, com que
lhos garrotárão; outros os vergões das
arroxadas, com que algum dos malvados
os brindara; prometendo tirar estes acer-
ba vingansa, se nas unhas lhe viese a
cair o dezalmado, que tão barbaramente
oprimira e maltratara o inerme e des-
venturado.

Com pequenos matizes asim corria
o tempo sempre esperansados no ventu-
rozo dia de nosa redensão: nesta prizão
maior, e de mais gente, mais variados
tambem erão os entretenimentos; nas
outras com mais monotonia em enjoo
se pasavão os dias. Algumas avia, em
que nem um só livro se encontrava, e
esta absoluta proibisão em perto de
quatro anos privou a todos d'adquirir
maior soma de conhecimentos uteis,
pois em verdade o gosto do estudo,
com o ezemplo d'alguns a ele costuma-
do, tinha medrado no animo dos rapa-
zes, que uns dos outros tomavão esti-
mulo: asim mesmo não contraiu a mo-

cidade em tão prolongada rezidencia nas prizões aqueles vicios, que nelas d'ordinario se contraem; antes pelo contrario todos adquirírão alguma coiza util, e melhorárão de costumes, tomárão certo briu e carater, que no resto de sua vida lhe á de ser proficuo. A par do mal quazi sempre corre parelhas o bem.

CAPITULO XVI.

Concluzão.

TENHO alfim terminado a tarefa, a que me propus: tenho patenteado aos meus concidadãos, e ao mundo inteiro, a serie de tormentos, vexames, prepotencias absurdas, semrazões, e martirios, que as vitimas da fidelidade á sagrada cauza da liberdade, e ao legitimo governo, a que avião jurado obediencia, sofrêrão pelo estirado espaso de mais de sinco anos, encerradas nas lugubres, e insalubres masmorras da Torre de S. Julião da Barra de Lisboa, sob um governo tiranico e absoluto, que não ten-

do a audacia de se desfazer por uma ves de tão avultado numero d'omens, os queria ir fazendo definhar, e, na fraze do ezecrando Leite de Barros, apodrecer nas prizões, entregando-os a ferós, e torpe brutalidade d'um Teles Jordão, de negra memoria, o qual, mui a seu sabor, por acinte, e talves por encomenda, lhes irrogou toda a qualidade de maus tratos, a fim de lentamente, e a picadas d'alfinete ir dando cabo de sua amargurada ezistencia, com esa selvagem alegria, que aos Canibaes se atribue, quando em suas famintas garras cae a preza d'omana carne, que asodados retalhão para devorar.

No que escrevi não entra a ezagerasão; são verdades puras, testemunhadas por mais de seiscentas pesoas, que em tão orrorozos calaboisos tiverão morada. Não prezenceei todos os feitos que relato, mas um grande numero; os demais forão-me aseverados pelos que os sofrêrão, e corroborados por companheiros, testemunhas oculares, e fidedignas: pode aver alguma equivocasão, ou falta em qualquer incidente, ou circunstancia, mas não em o esencial.

Prolongado foi em verdade o martirio; e só uma rezignasão tão estoica, como aquela, de que nos revestimos, nos poderia fazer rezistir, e ser sobranceiros ao tropel não descontinuado dos males e angustias que nos oprimírão. Nesas sepulcraes catacumbas, em que estivemos aferrolhados, ostentamos sempre com animo sereno portentoza corajem aos iniquos e rudes tratamentos, que os vis partidarios da uzurpasão a suas vitimas de continuo inflijião, conservando sempre acezo o lume sagrado, que á Europa com refulgente clarão mostrava a sorte, que rezervada estava aos que não opozesem os maiores esforsos á superioridade, que a liga aristocratica, e ecleziastica se debatia por conservar aos governos arbitrarios e absolutos, esmagando a magestoza liberdade, que da terra querião proscrever.

Grande foi sem duvida a lisão. Oxalá ela aproveite! Por bem empregados dou todos os tormentos e martirios de que fui vitima, se em rezultado deles, e das privasões, flagelos e tiranias, que a todo o malfadado Portugal forão comuns, colhermos a presioza vantajem de

sabermos defender com valentia os sacrosantos direitos do omem livre, por nós tão menosprezados. O painel é orrorozisimo: este é um pequeno canto, mas ese bem ás claras demostra quanto é preferivel morrer antes com armas na mão em defeza dos sagrados, e preciozos direitos da liberdade, do que curvar sumisos o colo para, a troco de taes ou quaes comodidades que se nos antolhão, ter de beber a longos tragos a morte diaria, de cujas agonias a maior parte dos Portuguezes forão atormentados, e por tão comprido espaso! Nós careciamos desta lisão. Oxalá, torno a dizer, ela aproveite! Por duas vezes deixamos escapar a liberdade que em noso poder tinhamos. A primeira conquistada, ou antes mostrada por meia duzia d'omens ouzados, a cujo brado todo o Portugal gostozo despertou do letargo, em que jazia entorpecido, para se desfazer d'um governo militar estrangeiro, que sopeava e acabrunhava todas as faculdades dos mofinos, desvalidos, e orfãos Portuguezes. O genio do mal não podia sofrer porem que Portugal gozase da elevada gloria, que lhe rezultava, de ter

feito uma revolusão sem par na istoria, transtornando a forma atual de seu governo, ou, para mais com verdade falar, restituindo-o áquele grau d'esplendor e energia, que fes a gloria de nosos tempos eroicos, tempos em que servimos de asombro e pasmo a toda a Europa, que com respeito e acatamento nosa amizade e aliansa solicitava! e então sem derramar uma só gota de sangue, quando entre nós avia tantos Migueis de Vasconcelos, que d'altas janelas devião ser arrojados!!!

A sizania cedo entre nós sob prazenteiras formas se insinuou: a inveja comesou a caluniar uns, e deprimir outros: estes pouco se lhe dava do bem publico, com tanto que empolgasem o alvo da sua ambisão. *Desce para eu subir* foi a mola que dirijiu o modo de proceder da maior parte dos omens: a desmoralizasão foi ganhando terreno; seguiu-se a dezunião e desconfiansa entre todos; a liberdade baqueou aos golpes daqueles mesmos que tinhão jurado mante-la! Omens, que sempre gostão de mudansas, porque em aguas turvas se pesca o melhor peixe, aproveitárão

o ensejo para se elevar, e tirar proveitos particulares; o povo, que tinha visto mais teoria do que obras, e sempre amigo da novidade, ficou insensivel á mudansa do estado da liberdade, de que pouco gozara com aqueles aproveitamentos que se lhe prometera, e tornou a curvar a cervís ao jugo do despotismo, que já por abito não lhe era pezado. A dezunião entre os omens dotados, por estudo e convisão, do verdadeiro espirito da liberdade, aplanou o caminho, pelo qual os astutos marxárão dezembarasados e sem estorvos, xegando a final á meta que tinhão em olho.

Não nos valeu de nada a lisão, porque pouco sofremos: ouve algumas perseguisões, mas moderadas; não por falta d'instigadores, sim porque o genio do governo não dava para ese lado; e porque precizava ter um partido, que não encontrava nos promotores mais asinalados do trama; e por iso ia fazendo a boca doce ao suplantado, para, em cazo de necesidade, dele se valer, pois contava com a sua mansidão.

O principe magnanimo, que o trono portugues em 1826 veio ocupar, conhe-

cedor de quanto é preferivel dirijir, e estar á frente, como o primeiro, de suditos livres, do que governar com ferrea mão vasalos escravos, benigno, e sabio nos outorgou a liberdade, que rejeitado e asasinado por nosas mãos aviamos. Com uma especie d'indiferensa e frieza foi esta dadiva celestial por nós recebida. Os do partido dezorganizador não a podião bem encarar, como oposta a seus principios de privativa pose d'onras, empregos, e riqnezas: os do liberal vião a par dela um estorvo não pequeno ao gozo desa porsão que a Carta afiansava. O infante D. Miguel devia, um dia, ser marido da erdeira declarada do trono: já se avia visto quanto ele, posto que então por mão oculta impelido, trabalhara por derribar do solio seu proprio pae: a ambisão de reinar cedo nele despontou; e bem conhecido era já seu carater violento. A politica deste cazamento era fina, e delicada; recordar podia as iluminadas intensões do Salomão d'Inglaterra, Enrique VII, unindose á erdeira da caza d'Yorck, para terminar, e confundir d'uma ves as pretensões desta familia, e da de Lencaster

á coroa ingleza; mas a istoria já ao mundo revelado avia o crime de Ricardo III, que dos cadaveres de seus sobrinhos tinha formado os degraus para montar ao trono britanico (1). E de que não é ca-

(1) Duarte IV d'Inglaterra deixou por sua morte dois filhos, o mais velho, de 12 para 13 anos, que foi proclamado rei com o nome de Duarte V. Por manhas e ardís tomou a tutoria do rei menor e a rejencia do reino, com o titulo de protetor, seu tiu o duque de Gloucester, irmão do rei defunto. Em pouco tempo se prevaleceu do governo para se apoderar do rei, seu pupilo, e um irmão menor, de idade de 7 anos, os quaes encerrou na Torre de Londres, fe-los declarar bastardos, e com refalsada ipocrizia se fes rogar para tomar o titulo de rei com detrimento de seu sobrinho, a quem tinha jurado entregar o reino, quando xegase á idade da maioria. Não contente com este crime arrojou-se a outro maior. Encomendou a morte de seus sobrinhos ao governador da Torre, o onrado Brakenbourg, que orrorizado recuzou tinjir as mãos no sangue dos inocentes; não faltou porem instrumento proprio. Foi demitido do governo o virtuozo Blakenbourg, e sustituido por Tyrrel, o qual na mesma noite, em que tomou pose, entrou no quarto dos meninos, que dormião profundamente, sufocou-os entre dois traveseiros, e enterrou-os debaixo d'uma escada, onde forão encontrados os cadaveres no reinado de Izabel!!! O mesmo monstro levado ao patibulo no seguinte reinado por varios outros crimes orrorozos confesou este. E não axaria D. Miguel outro Tyrrel para fazer o mesmo á inocente Rainha, se por desgrasa caise nas suas garras?

pás a ambisão e sede de governar! *Lupus pilum mutat, non mentem.*

Todos se comprimírão: as mesmas Camaras, o mesmo governo comesou a fazer odioza distinsão entre os constitucionaes de 20, a que xamavão democratas, e os de 26 que se reputavão mais aristocratas; fermento de dezunião, a que os verdadeiros constitucionaes não opozerão a forsa que devião, antes por uma especie de condescendencia, ou dezejo de conciliasão, de certo modo auxiliárão, declarando por palavras e obras que a Carta de 26 não era a Constituisão de 20. O governo depresa afrouxou, e deu ansas a que a intriga estrangeira acelerase o dezenvolvimento do drama, á muito, projetado. Foi por ultimo confiado o governo ao futuro espozo da Rainha, e logo á sua primeira entrada no reíno deu bem claros sinaes de suas sinistras intensões; e bem depresa, ajudado d'indignos magistrados, cobardes municipalidades, e traidores fidalgos e bispos, deitou por terra o edificio constitucional, sem a menor opozisão da parte dos cidadãos armados ou dezarmados.

O Porto, primeiro, o inclito Porto, foco da liberdade portugueza, e depois o Algarve, ainda tentárão opôr alguma barreira ao despotismo levantando-se do berso já com o vigor de gigante: a falta d'união de forsas e sentimentos destruiu e aniquilou os esforsos dos verdadeiros patriotas, que vendo-se sós tiverão d'abandonar a empreza. emigrando uns, omiziando-se outros, e os demais tendo de sofrer a dura e acerba sorte de ser amontoados em orrorozas masmorras. Os sequestros, os confiscos, as perseguisões, os roubos, os insultos, e os patibulos enxêrão de terror o animo de todos os que em seus peitos abrigavão qualquer semente d'amor da patria. Em todos os calaboisos, de que o malfadado Portugal foi coalhado, se prodigalizou aos prezos os mais barbaros e acerbos tratamentos. Os que deixo relatados não teem par na istoria das perseguisões, por sua intensidade, e crueza. Nunca em Portugal se viu em tempo algum tão avultado numero de pesoas entulhando os carceres. A Fransa, na crize das suas oscilasões politicas, sob o governo do Diretorio, contando mais de 30 milhões

d'abitantes, apenas tinha em cadeias nove mil prezos d'estado. Portugal, o desventurado Portugal, contando apenas tres milhões, amontou só em Lisboa perto de sinco mil, no tempo do governo uzurpador, governo a que os satelites do despotismo apelidavão paternal e justo! A mesma Fransa, feita imperio, com perto de sincoenta milhões d'abitantes então, tendo pasado por uma serie d'oscilasões, partidos, diferensas de governo, tinha nas prizões d'estado, ao tempo da primeira abdicasão de Napoleão, 250 pesoas (1): Portugal, o mesquinho Portugal, só nas abobadas do revelim da Torre de S. Julião da Barra, onde estas linhas são escritas, contava, no 24 de julho, 202 individuos!!! O termo de comparasão asás demostra a diferensa de governo.

Os males, que, no espaso de sua durasão, cauzou este fatal governo, escedem a todo o calculo; e só alguma comparasão podem admitir com a invazão dos Godos e Sarracenos. Ezistia porem acezo o faxo da liberdade lá nese pina-

(1) V. Memorial de Sainte Elene par le comte Las Cases. Tom. V. Prisons d'Etat.

culo das ondas batido, A Ilha Terceira consolador abrigo prestou aos onrados Portuguezes, que da salvasão da patria não dezesperárão; lá vão reunir-se todos os que podem de tão monstruozo e tiranico jugo evadir-se, iludindo a vigilancia dos Argos, que a morte inflijem aos que esa afortunada mansão demandão. Lá os olhos tinhamos fitos; lá a taboa de nosa salvasão contemplavamos. Ali nosos benemeritos compatriotas, todas as privasões e perigos arrostando, frustrárão os nefandos projetos dese aleivozo gabinete, que com forsa já os avia de suas costas feito retroceder, e valentes destruírão e aniquilárão a poderoza armada, com que o uzurpador queria de todo acabar com os mesquinhos e desvalidos restos do eroismo luzitano. Baldadas não forão nosas esperansas. A ese mesmo roxedo acudírão os errantes Portuguezes, que profugos da patria, a qual, como severa madrasta, de seu ninho os arrebesava. ião engrosando a nuvem, que um dia nos avia de trazer a doirada xuva. A eles com tenues socorros em numero de brasos, mas fortes com sua companhia, se uniu o pae da

adorada Rainha, disposto a correr os mesmos riscos, que o menor de seus compatriotas. Limpo d'escravos ese famozo arquipelago, e plantado em todos os seus angulos a arvore da liberdade, demandou ouzado o torrão clasico, donde esa liberdade em Portugal brotara. O Porto, o magnanimo Porto, gostozo e ufano os brasos lhe abriu, e dando ospitaleiro gazalhado aos bravos que o acompanhavão, foi testemunha e companheiro das fasanhas que um punhado d'omens livres é capás de fazer contra o sem numero d'escravos, a quem, sempre batidos, fizerão recuar.

Finalmente, com a ocupasão do Algarve, tomada da esquadra miguelista, e entrada em Lisboa por uma bem diminuta porsão dos mesmos eroes, esperimentamos os benignos bafos da amiga deidade; fomos dezenterrados, e á patria restituidos! Afoitamente se pode segurar que a boa cauza, que o ceo proteje, está vencida, embora mais alguns mezes a luta dure, nos quaes ainda terão de renovar-se em algumas terras os males d'uma invazão de barbaros. E se remontarmos á verdadeira cauza,

fonte e manancial, de que decorrem, ainda encontraremos a falta d'união, o ciume e discordia entre certos empregados. Abrâmos pois os olhos por uma ves; vamos unidos debelar a idra do poder arbitrario, que no fanatismo dos povos ainda tem um esteio de não pouca considerasão: deixemos deslocadas puerilidades e ciumes; sufoquemos por entanto noso amor proprio; ajudemos as autoridades, ainda que nelas algumas inconsequencias, ou erros mesmo, conhesamos; desculpemos certas indolencias, ou negligencias; lembremo-nos de que eles são omens e não anjos, e teem por tanto os defeitos proprios do omem; guardemo-nos para tempos mais serenos; não lhes deixemos então escapar a menor; tenhamos o valor e a dignidade de os acuzar em publico, deixando-nos de lhes morder na sombra; indaguemos, e com esmero, a infrasão da lei que cometêrão, e produzamos a acuzasão em forma perante o competente tribunal; não receemos ser menoscabados com o epiteto de denunciante: denunciante não é aquele que produs em publico a acuzasão contra o empregado dilapidador,

venal, corrompido ou concusionario; antes é omem onrado e cidadão probo, porque prefere o bem publico, o bem da sua patria a toda e qualquer outra considerasão.

Grandes e estirados teem sido nosos padecimentos: não é posivel que se risquem de nosa memoria: eles nos devem servir d'escarmento, e d'estimulo a nosos filhos para jamais deixarem escapar das mãos este preciozo dom da liberdade, apanagio inapreciavel do genero omano. Unir em masa, e opôr a mais forte e decidida rezistencia a qualquer que dela nos queira despojar, deve ser a nosa diviza. Tenhamos no corasão ese principio sancionado nas primeiras constituisões francezas: — *Opór á tirania é o primeiro dever do omem livre*; — e opôr-se-lhe logo ao principio que ela desponte, antes que lanse raizes, e se fortalesa; porque então muito mais custa, ou se torna quazi imposivel esmaga-la. Acordem os indiferentistas, esa clase d'omens, que todos os governos tolera, e a todos serve, com tanto que não se lhes toque: pouco se lhes dá dos males dos outros, asim não os sofrão eles.

Muitas vezes teem sim o corasão dilacerado dos padecimentos do amigo, parente, ou conhecido; falece-lhes porem o animo para concorrer ao seu alivio ou livramento. Lembrem-se do continuado susto, em que neste periodo teem vivido; dos sacrificios que forão obrigados a fazer com receio de não ser tocados ou molestados; dos donativos, dos emprestimos que lhes forão arrancados, sem que a muitos iso valese para deixarem d'ir, depois d'esgotados de meios e paciencia, aumentar nas masmorras o numero daqueles, para cujas cadeias serem forjadas seu dinheiro avia servido. Esta qualidade d'individuos é tanto, ou mais, prejudicial á sociedade, do que aquela que, ás claras, o mesmo partido opresor tem abrasado. Não sendo maus por principios, fazem o mal comum, e para ele concorrem. Se o que lhes foi estorquido para conservar o despotismo, eles em perfeita união tivesem empregado para quebrar os grilhões que a patria manietavão, serião estes por ventura tão duradoiros? Por certo não. Oh! quanto é saudavel aquela lei de Solon, que em Atenas obrigava, no tempo de

comosões politicas, a cada cidadão abrasar um dos partidos, não se permitindo a qualquer o ficar neutral! Neste cazo, nem só o omem de bem toma o partido justo e da razão, mas o tibio encosta-se ao dos omens probos; e então de necesidade decae o outro, que só fica composto dos que do suor alheio se querem manter. Estes omens para nada prestão, devem ser olhados com o desprezo e insensibilidade, com que eles teem visto os males de seus concidadãos. Aproveitemos a lisão, não fique ela de todo perdida, não me canso de o repetir.

Dêmos todos as mãos para sarar e cicatrizar as grandes ulceras do estado: profundas são elas em verdade, mas não incuraveis: temos muitos recursos; tudo consiste no melhor ou peor aproveitamento, que deles se posa fazer. Por fortuna, um suceso, raro outrora, mas não pouco comum em nosos dias, veio meter entre nós o doador de nosas liberdades, ese principe magnanimo e infatigavel, o qual, tomando em suas nervozas mãos as redeas do governo dos estados de sua filha, que por interese noso, por gratidão, e na forma da Carta

clara e indubitavelmente, como seu parente mais proximo, lhe pertence, se afadiga, e tem trabalhado, com o auxilio dos valentes que a boa cauza teem abrasado, para resgatar das garras do uzurpador o malfadado Portugal. Cumpre dize-lo, que com uzura tem purgado a culpa, dado que inocente, de confiar ao lobo a guarda do rebanho. Muito está feito: pode dizer-se que a cauza está ganhada; é mister agora, nem só que ela não torne a sucumbir, mas que prospere. A sua boa vontade, o empenho que tem mostrado para que medrem, e não definhem de todo eses poucos recursos que encontra, são palpaveis e bem notorios: importa que todos os empregados publicos imitem o seu zelo, atividade e energia, e não seja ele só o unico que tenha amor pela cauza que a todos pertence.

A ocazião é a mais oportuna de os escolher bons: neste conflito bem estremadas ficárão as coizas e os individuos. O edificio está por terra; não se trate de o concertar, poupando alguns pedasos velhos em resguardo á antiguidade; reconstrua-se de novo. Molas vetustas,

ferrugentas ou carunxozas não prestão para fabricas novas; estorvão o andamento; paralizão e entorpecem a asão das novas, ás quaes cedo comunicão a mesma ferrugem. Quando alguns pedasos dos muito bons, que se posão encontrar, se queira aproveitar, vão ao cadinho; dê-se-lhes nova tempera, adaptem-se á maquina, e então tudo como novo andará a paso igual; e ás mil maravilhas. Aprendamos do pasado. Em 1820 quis-se conciliar intereses antigos com modernos (o que ainda era desculpavel), asim mesmo nada medrou: o mesmo bom, que ia pasar por aqueles velhos canaes, saía com um certo tedor, que lhe tirava o encanto da novidade, e tudo infecionava, de sorte que nada bom se pôde conseguir. O mesmo se praticou em 1826 com menos desculpa, e identicos rezultados. Alsou o colo o governo ozurpador; cortou a eito, sem resguardo nem considerasão alguma a direitos adquiridos, ou compaixão; empregou gente sua, e bem sua; e a despeito da mizeria, angustias, desgosto, pobreza, a que tudo e todos se vírão reduzidos, caminhou ávante: e os der-

radeiros arrancos, com que se debate, ainda são de gigante. E porque? Porque todos são esencialmente empenhados na manutensão da sua obra. Dezenganemonos; não sejamos teimozos contra a experiencia, que é a mestra da vida. Quem serve a todos os governos, não ama nenhum: quem serviu a Miguel, ainda que mal, não pode servir bem a Maria. *Quis non est pro nobis contra nos est*, dise o divino mestre; e ele bem sabia o que dizia. Não duvido que aja onrozas escesões; porem agora não é tempo de as atender; ele xegará. Vão ao cadinho, torno a dizer; tomem nova tempera, e então se fará a amalgamasão. Napoleão, quando a fes em Fransa, estava tudo disposto para ela; todos avião sofrido, e muito; e então aproveitou quem dali por diante quis ser bom Frances; e pouco se enganou. Nós não estamos ainda nas mesmas circunstancias: uns sempre teem dormido em camas de rozas, outros em espinhos: não digo que aqueles pasem para os espinhos, mas baixem um pouco para as de palha, em quanto estes provão, se quer, algum bocado bom, que nunca lhe xegou á boca.

Ora nem tudo é para todos, nem todos são para tudo. A escolha deve ser escrupuloza. Não se busquem os empregos pingues para os omens, só porque estes tenhão quem lhe acenda pelo menos uma bugia na caza da Meca: procurem-se os omens congruentes para os empregos: para tudo á, porque são muitos os perseguidos em todo o genero de perseguisão; na escolha é que está a delicadeza do olfate. Mas como poderá o governo conhecer a aptidão de cada um, quando quazi todos são gente nova, cujo prestimo não é conhecido? E' verdade que, ao primeiro intuito, parece não ter resposta esta objesão; mas lembro-me de que, abrindo-se concurso publico para cada emprego, e publicando o nome dos pretendentes, se poderá acertar mais facilmente com o melhor; porque vendo o sujeito que se fazia publica a sua pretensão avia de acanhar-se de solicitar emprego para que não tivese a suficiente capacidade; ficava com a boca tapada vendo tambem em publico o nome, servisos, e idoneidade de quem o preferiu; e não gritaria, e ás vezes com razão, que era patronato, empe-

nho, prezente, etc. etc. O ministro avia de ter menos arguisões bem ou mal fundadas: os empregos avião de ser mais bem dezempenhados, e não dava tanto azo á murmurasão. Não sei o que tras comsigo certa especie de misterio nestas coizas, que não coaduna bem com o sistema constitucional, o qual demanda franqueza e publicidade em quazi tudo. Que vantajèm não colhe a Inglaterra de se prezentarem candidatos a solicitar os logares de deputados ao parlamento? A' por vezes alguns disturbios proprios do carater e indole do povo ingles, mas o rezultado, pela maior parte, é de ser o logar ocupado pelo mais digno.

Ora, empregos á que não admitem concurso, eses na verdade a poucos se podem limitar; talves aos mais elevados, que dependem da sagacidade do principe ou ministro em escolher os individuos mais aptos para os ocupar; e ese talento de conhecer os omens não deixa de ser bem raro, e demanda muita penetrasão, e um estudo particular. O noso D. João segundo, que ensinou a ser rei aos reis do mundo, tinha um canhenho proprio, em que lansava os no-

mes daqueles com quem conversava, e em quem descobria algum discernimento; e destes, na ocazião, escolhia para empregar naquilo para que mais geito lhe encontrava: raras vezes se enganava; porque a eleisão era fruto de suas observasões, e do que por si colhia. O inclito marquês de Pombal era insigne neste talento: ninguem conversava com ele debalde, e sem que ele o aproveitase para o que mais convinha: qualquer omem de merecimento, que ezistise nos confins do reino, era dele conhecido. e empregado em objetos analogos á sua capacidade: não se esquivava pois de conversar com os pretendentes, porque só asim podia vir no conhecimento da aptidão do sujeito; e para tudo tinha tempo, estando sobrecarregado com a diresão dos negocios de todo o reino! O grande Napoleão posuia em sumo grau o conhecimento de saber apropriar os omens aos empregos para que erão mais prestadius; e afirma ele nas Memorias de Las Cazas, que poucas vezes deixou d'acertar; porque os sondava primeiro na conversasão, e não confiava de todo nos que seus ministros lhe pre-

zentavão, sem que antes os metese em palestra, e ouvise discorrer na materia proposta. Desta arte escolhidos não influe a paixão, ou o empenho do amigo, ás vezes bem intencionado.

Depois da capacidade, e probidade, qualidades indispensaveis em todo o empregado publico, atender-se deve aos servisos e padecimentos pela cauza das liberdades patrias. Merece toda a preferencia aquele que tem andado esposto aos azares da guerra, e nela tem sido mutilado, perdendo braso ou perna, ou sofrido lezão em seu corpo: seguem-se os desvalidos que, perdendo todos, ou a maior parte de seus cabedaes, estiverão encerrados nas infernaes masmorras de S. Julião da Barra, Trafaria, Almeida, Estremos, Elvas, e outras não menos ediondas e insalubres, espostos á sanha, crueza e prepotencia de torpes e brutaes carcereiros, que de continuo os atormentavão com privasões e martirios que encurtárão sua magoada e penoza ezistencia, sem jámais curvar o colo ao infame governo, querendo antes sofrer os tormentos e injustisas, do que implorar grasas do uzurpador: os omi-

ziados, que vivendo entre as feras dos matos, escondidos em tocas, asustados ao mais leve rumor, faltos muitas vezes de meios de subsistencia, nunca deixárão d'atisar o sagrado fogo da liberdade, cauzando sustos e convulsões ao tirano, não o deixando socegado um momento no meio da mais vil quanto abjeta cafila de monstros que o rodeava: os emigrados, que não ficárão amuados, aguardando para ver em que parava o negocio, como S. Pedro na paixão de Cristo, aquecendo-se á fogueira de Pilatos, e que só agora veem arrotar servisos d'arromba para empolgar os mais pingues empregos, a titulo de que vírão Fransa, Inglaterra, Arabia, Persia, India, Japão, e Xina; ali estudárão, e ouvírão os melhores profesores em tudo o que se pode aprender, entanto que seus compatriotas, e alguns estrangeiros andavão ás mãos, brandindo as espadas com os inimigos da patria, e espondo a vida para a libertar do duro cativeiro, em que sumergida jazia. Estes, que tanta repugnancia mostravão ao xeiro da polvora, e zunido das balas, bombas, e granadas, quanta sofregui-

dão pelos empregos, e que tendo tão bom corpo, como aqueles, andárão sempre com ele direito e esbelto, ralhando e mofando de tudo o que por seu conselho não era feito, agoirando até mal do suceso da cauza, porque as forsas erão pequenas, ou porque seus conselhos não erão pedidos, talves sejão os que importunos vènhão agora entulhar as salas dos minisrros, e alardear do que não fizerão. Por estas, e muitas outras, bom sèria que se fizèsem publicos os nomes e servisos dos pretendentes, a fim de que todos conhecesem a sua veracidade, se desem por satisfeitos quando se visem preferidos por pesoas de merecimento, e até louvasem a eleisão.

Não devemos recear que a estas clases, prezos, emigrados benemeritos ou omiziados, se anteponhão aqueles que dormírão a sono solto em fofas camas, servindo o governo uzurpador, e contribuindo para a desgrasa de seus concidadãos. Seria ese o maior dos escandalos; e um ministerio, que tamanhos e tão gloriozos servisos á cauza nacional tem prestado, não afrontaria asim a opinião publica, deixando na mizeria aque-

les que tudo teem perdido, para dar seu favor a parazitas que a todo o idolo dobrão o joelho. O principe, que empunha as redeas do governo com tanta dignidade, não permitirá que aqueles que a seu lado tem visto denodadamente espôr a vida, e os macilentos e esfarrapados que admitindo á sua prezensa apelidou *Martires da fidelidade*, prometendo-lhes que a sua Rainha teria em conta e galardoaria seus padecimentos, não permitirá, digo, que mendiguem o pão quotidiano em desprezo, ao paso que rodem em doiradas seges, e gozem lautas mezas á custa dos dinheiros publicos os que não tiverão parte atíva ou pasiva em debelar o inimigo comum, avendo aliás entre aqueles omens esperimentados, que saberão tão bem, ou melhor que estes, dezempenhar os encargos publicos, que lhes forem encomendados. Não receemos pois que nesta parte aja desviu consideravel da parte da autoridade, que bem saberá escolher as mãos firmes, a quem deve confiar a administrasão publica, e não quererá perder por tão pouco a boa opinião que tem grangeado. Bem sabido é por todos

o quanto ela é melindroza, e o esmero com que aquele, que teve a dita de a adquirir, se deve portar para a conservar, sendo igual em todas as partes do seu proceder. Qualquer nonada basta para a perder; e perdida custa muitó a ganhar outra ves. Em atos administrativos não á encontros; não se comparão os bons com os maus, e se dá preferencia ao maior numero. *Bonus ex integra causa, malus quocumque defectu.*

A par dos empregados publicos, ou acima destes, como primeiros, andão os deputados da nasão. Tem eles diversa origem, e na sua escolha, que toda é nosa, deve aver o maior esmero, pois na sua bondade se estriba a salva guarda do estado. Em muitas e mui atendiveis materias tem trabalhado com acrizolado desvelo a rejencia; porem muito á ainda que fazer, e não é pouco rever o mesmo que está feito. Muita circunspesão devemos pois empregar para que a eleisão recaia em omens probos, de juizo claro, despidos de prejuizos de corporasão, que tanto, em verdade, tem infecionado omens aliás dignos, que nada veem bom, senão em colegas da sua

profisão, os quaee a seus olhos sempre teem desculpa nas maiores irregularídades. Cídadãos somos todos, quer sejão uns ecleziasticos, outros baxareis, outros militares: a distinsão de clases deve dezaparecer, aliás todos querem sim a reforma. mas não em aquela clase de que são membros: lembremo-nos que antes de ser ecleziastico, militar, magistrado ou negociante, somos cidadãos portuguezes, titulo primordial que mais nos onra do que o acesorio. Os omens, que nos são precizos, devem ter os olhos cerrados ao odio, ou amizade, somente ocupados do bem geral da nasão, e não dos individuos em particular; que tenhão, como omens d'estado, o corasão na cabesa; omens vigorozos, dados ao trabalho; e que não tenhão em demaziado a mania de querer ostentar erudisão, e semear seus discursos das flores da eloquencia. A verdade não carece d'enfeites: o dizer muito em poucas palavras, é verdade que é um dom da natureza: felis aquele que o posue para o empregar em utilidade publica, e não para deslumbrar os que o escutão. Por fim os omens mais proprios, e que mais

azados são para esta nobre tarefa, devem ter o cunho do mais acrizolado amor da patria em seu corasão estampado, devem ter por ela padecido, ou sofrido, devem ser daqueles de que fala o noso Sá e Miranda:

„ *Omem de um só parecer*, „
„ *D'um só rosto, uma só fé*, „
„ *D'antes quebrar, que torcer.* „

Daqueles que não teem em olho o agradar ao poder, e que a despeito dele tenhão a corajem de propôr o bem, e insistir nele sem dobrar o colo a promesas, onras ou riquezas: tenazes em seus propozitos, que o bem comum só devem ter por fito; sabedores das necesidades de suas provincias para solicitar os melhoramentos de que carecem, e promover os meios mais adequados d'estirpar os abuzos da autoridade, fomentar a industria, acorsoar a moribunda agricultura, dar energia ao comercio, remover os obstaculos que se opõe ao livre giro dos generos d'uma para outra provincia ou logar, facilitar a instrusão ás clases menos abastadas e do geral estado,

lembrando-se de que ela é a principal baze da liberdade. O povo instruido ama-a de todo o corasão, porque conhece os seus bens; o estupido e ignorante só pelos uzos é guiado, e nada vê bom, senão aquilo que já encontrou quando nasceu.

De tudo carecemos; em tudo é mister meter a mão, e mui profundamente. A Carta, que devemos ao magnanimo restaurador das nosas liberdades, era a melhor que ele então nos podia outorgar para não despertar o ciume dos governos da Europa, que de qualquer inovasão se asustavão. Como Solon, bem conhecia ele que não nos dava uma boa Constituisão, porem a melhor que as circunstancias permitião. Asim mesmo asás trabalhado tem esa liberticida junta apostolica para que ela não medrase: em parte seu fim conseguírão por ese não curto espaso de tempo, em que acabrunhados temos tido de gemer sob ferreu e tiranico jugo. Mudárão os tempos; está o reo feito autor; mãos á obra; conservar o bom, estirpar o mau; nada de privilegios para rasas; tudo para os omens que merecerem, na forma do §.

13 do art. 145, que mui terminantemente dis:

» *Todo o cidadão pode ser admitido aos Cargos Publicos, Civis, Politicos, ou Militares. sem outra diferensa, que não seja a dos seus talentos, ou virtudes.* »

Não nos envergonhemos de tomar das Constituisões estrangeiras o que elas teem de bom: não temamos opozisões, que, sendo mal fundadas, não nos devem acobardar, nem entibiar o zelo do bom deputado, que afoito tem obrigasão d'apontar o mal, dê em quem der. Sirvanos a lisão. No pouco tempo que durou o regime constitucional em 1826, e principios de 27, vimos a maneira de paralizar alguma medida boa que se propôs, e que a ter sido convertida em lei, e posta em ezecusão, talves não fose tão facil a uzurpasão com as cores que se lhe prestou. Se tivesemos camaras constitucionaes, guardas nacionaes, estinsão d'altos tribunaes, não faria o servil senado de Lisboa, com um *In-Digno Par* á sua frente, a espozisão de 25 d'abril de

1828, que as demais camaras, dirijidas pelos decantados juizes de fora, seus prezidentes, ou corregedores que lá se forão encaixar, copiárão tão baixa quanto indignamente. Se tivesemos guardas nacionaes, não nos poria a espada ao peito esa pretoriana, quero dizer, a da Policia de Lisboa, para nos curvar ao despotismo, que insolente se firmou com apoio de suas baionetas. Aja muito embora duas camaras legislativas, mas sejão compostas d'omens que meresão a confiansa publica; que se interesem pelo bem comum; que não tenhão de defender inveterados privilegios, e supostos direitos de carcomidos pergaminhos. O senado do Brazil, e a camara dos Pares de Fransa são bons espelhos.

Em tudo, torno a dizer, temos de meter a mão. A Fazenda publica demanda a mais seria atensão: economia, e respeito aos contratos são as bazes mais esenciaes, em que se estriba o seu credito e diresão. Zangãos fora para prosperarem as abelhas. Pague-se bem a quem servir, e castigue-se ezemplarmente o que prevaricar: despenda-se o necesario, e corte-se pelo suntuozo e

superfluo. Não basta que o povo não sucumba, é mister que ele goze e prospere. Demos preferencia ás coizas necesarias; sigão-se as uteis, e depois pasaremos ás de menor monta. Tratemos d'interesar em a nova ordem de governo o maior numero posivel de cidadãos: cuidemos d'aumentar o dos proprietarios, pois só estes é que propriamente teem patria, e amão o governo que lhes afiansa o melhor gozo do que é sua propriedade: os não proprietarios gostão da novidade, pois nela sempre lucrão, e nada perdem, porque nada posuem que posão perder. Avultada é a soma dos bens nacionaes; não podem, nem devem eles ficar administrados por conta do governo: a sua venda no prazo de pouco tempo pouco produziria, por iso que entrava d'uma ves grande quantidade deles no mercado, o que junto ao mizeravel estado de pobreza, a que estamos reduzidos. faria mingoar, e reduzir a quazi nada o seu produto; e iria tudo amontoar-se nas mãos de poucos capitalistas, ou uzurarios, que a 90 por 100 teem rebatido os vencimentos dos desgrasados. A propriedade asim acu-

mulada não é tão util ao estado, como retalhada por muitos. Ezemplo, a Inglaterra e Suisa; naquela poucos grandes proprietarios, o estado geral do povo pobre; nesta, quazi nenhuns grandes proprietarios, porem posuindo todos alguma coiza. Muito á-de sobejar ainda das indenizasões; distribua-se ese sobejo, ou parte dele, pelos não proprietarios, que mais servisos tiverem feito á cauza publica, a titulo de foro remivel em certo numero d'anos, recebendo-se-lhes prestasões, que em proporsão vão diminuindo a pensão do foro. Enfim, receba a clase menos abastada de proprietarios alivio em seus gravames; esperimentem estes logo e logo os bens da Constituisão, sem que o mais do tempo se gaste em teorias, porque o povo nada entende delas; quer obras, e não palavras. Nas duas epocas constitucionaes pouco, em verdade, provou ele dos bens a que tinha direito, porque tambem para mais não ouve tempo: agora bem que sofreu, e está sofrendo das calamidades do despotismo, mas como se lhe tem dado licensa para roubar, e se lhe mostrava ao longe a pro-

priedade do rico, que até se lhe prometia, pouco se lhe dava dos males que este e alguns dos seus sofrião; porque, sendo naturalmente inimigo deles anelava pelo momento de gozar pasando de pobre a rico, unica ambisão que o devora, e para a qual tende de mui bom grado, custe o que custar. O aumento da clase de proprietarios em Fransa pelà venda dos bens nacionaes foi, sem contradisão, a melhor baze das liberdades publicas: a conservasão destas dependia, ou dava as mãos á firmeza daquelas. Bem se viu como Luis XVIII garantiu a pose dos bens nacionaes aos que os avião adquirido; asim mesmo reinava nestes a desconfiansa, que só dezapareceu com a revolusão de julho.

Deixemos a nosos filhos bem firme e consolidado o gozo da liberdade, seguransa de pesoa e bens; saibão eles o que nos custou o podermos-lhes deixar ese legado preciozo, mais facil lhes será o conserva-lo; terão de sofrer menos lutas, porque a idra do despotismo tem a cabesa meio esmagada. Em Portugal ficou esgotada a maior parte dos esforsos dos cabesas da santa aliansa; bem

teem trabalhado eles para aqui o despotismo arraigar: tanto asim o julgárão já de todo seguro que levárão a audacia a ponto de querer dar em Fransa o garrote á liberdade com os sempre memoraveis decretos de 25 de julho de 1830, os quaes fizerão rebentar com esplozão espantoza a contramina, que os amigos da omanidade não se avião descuidado de lhe ter preparado. Com ela ficárão atordoados os membros daquela liberticida junta, mas não descorsoados: reduplicárão d'esforsos, e seguem com porfiada obstinasão em sua obra, sem se lembrarem que contra a *Opinião Publica*, esa rainha do universo, não á dique, por mais forte e poderozo, que posa refrear e conter o progreso do seu andamento á prol das ideias liberaes: elas são o cunho do seculo, em que vivemos, e a final ão-de vír a dominar, por mais que esa ferrugem do feudalismo, poder sacerdotal e aristocratico ligados, se afadiguem para as fazer retrogradar ou sopear. Oje em dia a Europa toda, não só Portugal, encerra dois partidos inimigos, sanhudos, encarnisados, e irreconciliaveis, que renhirão, e an-

darão em rixa perpetua até que um talves xegue a esterminar o outro. O triunfo do noso, isto é, o das ideias liberaes, é infalivel; o rezultado da luta não pode ser duvidozo: as luzes, e o cunho do seculo não retrogradão.

Eia pois, brioza e valente mocidade portugueza; o mais está pasado, que são os tormentos e martirios lentos, sofridos a pé quedo. Combater o inimigo no campo de batalha, posto que seja de mais perigo, não é tão custozo por certo. Muitos de vós sofrestes com a mais estoíca rezignasão as injurias, ultrajes, e maus tratos, que nosos barbaros carcereiros a todos nos irrogárão. De vós mesmos não poucos já teem mostrado que não desmerecem a onra de combater a par de seus irmãos d'armas, que, desde que dos Asores sairão, não teem desmerecido, um só apice, os elogius e estima da patria: segui a nobre carreira que tão gloriozamente encetastes: a cauza é mais vosa do que nosa, porque por vosa idade tendes mais bem fundada esperansa de colher os frutos, e gozar coroados de loiros os beneficios d'uma bem entendida liberdade. Manejai

a arma, brandi a espada para de todo aniquilar ese vil rebanho d'escravos, que preférem arrastar infames grilhões á ufania de serem omens livres, e não reconhecer outro soberano sobre a terra, que não seja a lei emanada da unica e legitima autoridade popular segundo nosas politicas instituisões modificada. Não embainheis o alfange, em quanto em noso desventurado país a liberdade não estiver bem firme e consolidada. A vida é nada, quando se pasa em ferros da escravidão: é o melhor dos bens, quando o omem a logra em pás, livre dos caprixos dos tiranos, e seus satelites. Por esperiencia muitos já padecestes os rigores do governo absoluto e despotico, no qual a lei é a vontade dos tiranos e seus valídos: outros sofrestes os incomodos e trabalhos d'uma prolongada emigrasão; tendes visto com vosos proprios olhos os males d'uma guerra civil: os que por sua tenra idade não tiverão parte nestes trabalhos, padecêrão não pouco da orfandade, a que ficárão abandonados; nestas paginas poderão ler a pintura dos acerbos e duros martirios, que seus páes sofrêrão de tão barbaro e

nefando governo, e em outros escritos de mais abil pena as privasões que a emigrasão acompanhão, os sustos e temores das omiziasões, as penas e vexames dos esterminios, as amarguras dos que no patibulo selárão com seu sangue a futura liberdade da patria, que na ultima ora lhe encomendavão, qual outro Tebano, com a vingansa. Não dezistais pois da comesada empreza. Acautelai-vos porem de não romper jamais o seio da mesma patria, que o ser vos deu, para serdes de suas liberdades defensor, e não asasino. Odiai o oficio das guardas pretorianas em Roma, e desa infame da policia em Lisboa, que para terror de seus abitantes era conservada.

Tendes em vosas mesmas fileiras ese principe felismente organizada pelo supremo artifice do Universo para discernir a verdadeira gloria, de que se poderia cobrir: soube a tempo afastar-se do carril de seus antecesores, e contemporaneus da Europa, preferindo ser amado a temido: com rosto sereno de duas corôas se despoja, e entre nós vem repartir os perigos, e trabalhos do ultimo soldado para firmar as liberdades de

sua patria. Quem sabe os destinos a que um dia com ele podereis ser xamados? Ele parece ser aquele dezignado pelo maior e mais estraordinario omem do noso seculo, quando no roxedo de Santa Elena a seus fieis amigos e companheiros de trabalhos dizia: — „ *O principe qve na primeira convulsão politica abrasar de boa fé a cauza dos povos, ver-se-á á frente de toda a Europa, e poderá empreender o que quizer.* „ — O mundo politico está prenhe de grandes sucesos. União pois, que dela rezulta a forsa. *Vis unita fortius agit.*

Lisboa 24 d'agosto de 1833.

FIM.

P. S.

Devo comemorar aqui com gratidão a benignidade, com que S. M. I. se dignou acolher esta obra, logo que soube, quando poucos dias depois da sua entrada nesta capital, foi vizitar as prizões da Torre, que eu a avia escrito. Recomendou-me a brevidade da impresão, e onrou-me suscrevendo com 50 ezemplares, ordenando por Portaria do Ministerio do Reino, abaixo transcrita, que fose impresa na Tipografia Nacional o mais breve posivel: infelismente porem tem sido retardada até ao prezente (julho de 1834). O primeiro estorvo que encontrei foi falta de dinheiro na Tipografia para a compra do papel; amigos me facilitárão o dinheiro, e forneci o papel: faltava dinheiro para a feria dos operarios, e tive d'aprontar dinheiro para este fim, pagando mais de metade da despeza do 1.° volume. Vendo porem, que asim mesmo não tinha a obra o andamento recomendado, parei com a importancia da feria, aproveitando nesa parte o favor da Portaria para aplicar

esa quantia á compra do papel. Era porem Obra minha, e comsigo levava impreso o mofino fado do autor, que nem mesmo a boa vontade de S. M. I. tem podido minorar, até mandando por segunda Portaria cumprir a primeira.

Onra pois e gloria ao Principe Inclito, que deste modo fomenta a publicasão d'Obras, que, pondo em claro os atrozes procedimentos d'um governo iniquo, tirano, e opresor, posão infundir nos povos o orror, com que o devem olhar e detestar; e rasgar de todo a mascara da falsa religião, com que pretendia encobrir seus embustes.

1.ª *Portaria.*

Manda o Duque de Bragansa, Regente em Nome da Rainha, remeter ao Administrador da Impresão Regia o manuscrito incluzo que constitue o primeiro volume da Obra intitulada *Cativeiro dos Prezos*, *etc.*, a fim de que pela mesma Imprensa se tirem os ezemplares que seu autor dezejar, no tipo e papel que ele escolher, e com a posivel brevidade, devendo o autor pagar a des-

peza pela venda da Impresão. O mesmo autor se prezentará ao Administrador da Imprensa Regia para se entender com ele em tudo o que respeita a este asunto. Palacio das Necesidades em 26 d'agosto de 1833. — *Candido Joze Xavier.*

2.ª *Portaria.*

Manda o Duque de Bragansa, Regente em nome da Rainha, que o Administrador da Imprensa Nacional dê imediatamente ezecusão á Portaria de 26 d'agosto do ano proximo pasado, imprimindo com toda a brevidade a Obra intitulada, — *Istoria do Cativeiro dos Prezos d'Estado na Torre de S. Julião da Barra* — por João Batista da Silva Lopes. Palacio de Quelús em 29 de junho de 1834. — *Bento Pereira do Carmo.*

NOTA.

O autor desta istoria persuadido de que algumas obras, que compôs e traduziu nas masmorras em que esteve aferrolhado, e que ficão anunciadas a p. 133, podem ser uteis a seus compatriotas, sendo publicadas em a lingua materna, pelas materias de que tratão, se delibera a faze-las imprimir sucesivamente, comesando pela Istoria d'Inglaterra, que tem aumentado até á ultima reforma do parlameto, e com a discrisão geografica do Imperio Britanico, sua Constituisão, Posesões, Rendas, Forsas, etc.

Esta Iitoria é propria para em nosas atuaes circunstancias ser lida e meditada, por quanto mostra os esforsos e sacrificios do povo inglês, embates e lutas que teve de sustentar para conquistar e manter sua precioza liberdade.

Aqueles senhores que para esta, ou qualquer das outras quizerem suscrever poderão dirijir seus nomes á loja do sr. Joze Dinis Omem, em Lisboa, Rua dos Fanqueiros n.° 24, e ao sr. Gandra no Porto, livre de porte, sendo pelo correio.

O preso de cada volume se anunciará ao paso que se for imprimindo, e só então no ato da entrega de cada volume se receberá.

DOCUMENTOS ILUSTRATIVOS.

N.° 1.

Lista dos Prezos falecidos na Torre de S. Jutião.

D. Diogo Munhós Torrero, faleceu a 16 de marso de 1829: no Ospital. — Sem proceso.

Antonio dos Santos Viegas, a 17 ab. 29. No Ospital. Em devasa.

Domingos Antonio Pinho, a 17 nov. 29, no Ospital. — Absolvido em agosto dito.

Francisco Joze de Sá, a 18 nov. de 29, no Ospital. — Em devasa.

Manuel Ferreira Gordo, a 21 jan. de 30, no Ospital. — Em devasa.

Caetano Joze de Carvalho, a 24 de mars. de 30, no Ospital. — Sem proceso.

Joze Antonio de Brito Cansado, a 4 de maio de 30 na Prizão grande do Revelim. — Despronunciado.

Francisco de Paula Cabreira, a 5 de maio de 30, no Ospital. — Em devasa.

Enrique Pereira da Silva Seixas, a 17 ag. 30, no Ospital. — Em devasa.

Joaquim Joze Caldeira, em a noite de 23 para 24 de set. 30, na cazamata n.° 10. — Sem proceso.

João Tavares d'Almeida, a 24 outub. de 30, na principal superior. — Sem proceso.
João d'Almeida, a 16 nov. de 30, no Ospital. Em devasa.
Tomás d'Aquino Barros Quadros, a 19 nov. de 30, no Ospital.
Pedro de Melo Breiner, a 29 dez. de 30, no Farol. — Sem proceso.
Joze Joaquim de Magalhães, a 7 ab. de 31, na Prizão grande do Revelim. — Sem proceso.
Nicolau Antonio Vieira, a 21 ag. de 31, no Ospital. — Espiada a culpa com a prizão por sentensa de 14 de maio de 30.
João Severino dos Reis, a 25 d'ág. de 31, no Ospital.
Joze Bernardo dos Santos, a 24 nov. de 31, na Prizão grande do Revelim. Em devasa.
Antonio de Melo Sárria, 8 maio de 32, na principal superior. — Absolvido por sent. d'agost. de 30.
P. Manoel Antonio da Silva Arvelos, a 4 jul. na Prizão grande do Revelim. — Sem proceso.
João Correia Guedes Pinto, a 18 ag. de 32, na Prizão grande do Revelim. — Concluiu a sentensa da prizão a 5 nov. de 31.
P. João Climaco Xavier de Melo, a 19 out. de 32, na Prizão grande do Revelim. — Sem proceso.
Francisco Joaquim Nogueira Mimozo, a 17 set. de 32, na Prizão grande do Revelim. — Em devasa.

Francisco Carneiro Omem Souto Maior, a 20 out. de 32, na Prizão pequena do Revelim. — Em devasa.

Felis Joze Freire Corte Real, a 24 outub. de 32, na cazamata n.° 17. — Sem proceso.

Joaquim Verisimo Jardim, a 3 nov. de 32, no Ospital do Farol. — Sem proceso.

Joaquim Rozendo Ludovici, a 4 nov. de 32, no dito Otpital. — Sem proceso.

Antonio Cutrin de Vasconcelos, a 17 nov. de 32, no dito Ospital. — Absolvido.

Vicente Guido Verisimo, a 20 dez. de 32, no dito Ospital.

Francisco Antonio Pinto, a 13 jan. de 33, em uma caza da prasa. — Senteneado a 22 de set. de 29 em um ano para Palmela.

Manuel Alexandre de Carvalho, a 19 marso de 32, na Prizão da conceisão inferior. — Em devasa.

Vicente Lourenso, a 21 ab. de 33, na Prizão grande do Revelim. — Sem proceso.

João dos Reis Leitão, a 1 de set. de 32, na camata n.° 23, sent. por mortes e roubos.

Falecidos no Ospital da Feitoria por efeito da colera-morbus em 1833.

Luis Rodrigues da Mota, aliás P. Antonio Xavier de Seixas e Vasconcelos. Adoeceu a 27 maio. Faleceu no 1 de jun. — Sem proceso.

Joze Loíreiro de Mesquita, ad. a 27 maio, f. a 28 dito. — Sem proceso.

P. Manuel Gomes Barata Feio, ad. a 28 maio, f. a 29 dito. — Sent. para Africa por matador.
Francisco Rodrigues Fundango, ad. a 27 maio, f. a 31 dito.
Luis Luzano, ad. a 28 maio, f. a 12 jun. — Sent. a degredo.
Antonio Teixeira Torgã, ad. a 27, f. a 31 dito. — Sent. a degredo.
Luis Mario Pereira de Souza Canavarro, ad. a 28, f. a 29 maio. — Sem proceso.
Manuel Antonio de Souza. f. no 1 jun. Sent. a degredo.
Joze d'Almeida Mendonsa Corte Real, ad. a 28 maio, f. a 28 dito. — Em devasa.
Enrique Luis da Fonceea Alvarenga, ad. a 28 maio, fal. a 4 jun. — Em devasa.
Luis d'Albuquerque Rebelo, ad. a 28 de maio, f. a 2 jun. — Sem proceso.
Joze Antonio Fernandes, ad. a 28 de maio, f. a 30. — Tinha cumprido a sent. de prizão.
Manuel Venancio Deslandes, ad. a 28 de maio, f. a 2. jun. — Sem proceso.
Fr. Caetano de Santa Catarina Macedo, ad. a 28 de maio, e faleceu no mesmo dia.
Bazilio Joze da Silva, ad. a 28 de maío, faleceu no mesmo dia. — Sem proceso.
Pedro Batista Teixeira, ad. a 28 de maio, f. a 31.
Francisco de Figueiredo Sarmento, ad. a 28 de maio, f. a 2 jun. — Sem proceso.
João Guilherme Picati Berlinque, ad. a 28 de maio, f. a 2 jun. — Sem proceso.

Joze Joaquim Alves de Carvalho, ad. a 28 de maio, f. a 2 jun.
Joze Ricardo Xarrua, recaiu a 28 de maio, f. a 6 de jun.
Joaquim Tomás de Mendonsa, ad. a 29 de maio, f. a 31. = Sem proceso.
João de Magalhães Coutinho da Mota, ad. a 29 de maio, f. a 30.
Francisco Cezario Rodriges Moaxo, ad. a 30 de maio, f. a 31. — Despronunciado em 1829.
Simão Pedro Neves e Melo, ad. no 1 de junho, f. a 5. — Sem proceso.
Antonio Epifanio Sicard, ad. a 2 de jun., f. a 4. — Sem proceso.

Falecidos no Ospital de Cascaes.

João Luciano. Ad. a 29 de maio, f. a 30.
Domingos Antonio Alves, ad. a 29 de maio, faleceu no mesmo dia. = Absolvido.
Clemente Joze Ferreira, ad. a 29 de maio, f. a 5 de junho.
Antonio Joaquim da Roxa Prado, ad. a 29 de maio, faleceu no mesmo dia. — Cond. a degredo por furtos.
Joze Inacio Antunes Pereira, ad. a 31 de maio, faleceu no 1 jun. — Sem proceso.
Joze Joaquim Faria, ad. a 31 de maio, f. a 2 jun.
P. Joze Lopes de Faria, ad. no 1 de jun., faleceu no mesmo dia.
Miguel Aparicio de Melo Artiaga, ad. a 2 de

jun., faleceu no mesmo dia. — Sem proceso.

Manuel Correia de Castro, ad. a 3 de jun., f. a 4. — Sem proceso. — Veio ordem de soltura no dia da morte.

Fr. Joaquim de N. S. da Boa Morte, ad. a 3 de jun., f. a 5. — Sem proceso.

P. Joaquim Joze Brasco, ad. a 9 de jun, f. a 10. — Sem proceso.

Manuel Bernardo de Melo, ad. a 11 de jun., f. a 14. — Em proceso.

Severino Joze da Costa, ad. a 11 de jun., f. a 16. — Sem proceso.

João Tavares, ad. a 19 de jun., f. a 2 de julho. — Sem proceso.

Manuel Borges Carneiro, ad. a 30 de jun. f. a 4 de jul. — Sem proceso.

N. B. Forão para este Ospital 53 enfermos: 8 a 29 de maio; 7 a 30; 10 a 31; depois do que comesou a diminuir a molestia.

Forão removidos para o Ospital do Limoeiro, onde falecêrão.

Antonio de Freitas Velozo. — Em devasa.

Antonio Pedro de Loireiro Kruse. — Dito.

Marcelino Joze Alves. — Dito.

João Omem da Fonceca Tavares. — Sem proceso.

Recapitulasão.

Na Torre - - - - - - - - - - - - -	34
Na Feitoria - - - - - - - - - - - -	25
Em Cascaes - - - - - - - - - - - - -	16
No Ospital do Limoeiro - - - - -	4
Total - - - - - - - - -	79

Destes erão 2 Malandros, o padre Baratá matador, e o padre Brasco, pouco menos.

N.° 2.

Minuta do Requerimento do sr. Padre Serra, e bilhete que o acompanhava.

Amigo. — Escrevi quazi *currente calamo* o papel incluzo tal e quejando, que V., o doutor Bento Pereira, e o doutor Figueiredo reverão, e sendo por todos aprovado, e depois pelo sr. Serra, que o á-de asinar, poderá pòr-se em papel bom para ser prezentado ao governador. Pode ser aumentado, ou cortado, e corrijido como bem lhes parecer: mas quero que este borrão fique na sua mão para me ser entregue a seu tempo, e não quero pasar por autor *propter malandrinorum impudentiam.* Saude e recados a todos, e Adeus, etc.

Ilustrisimo Senhor Governador desta Torre

de S. Julião, — O prior Fernando Antonio de Carvalho Serra, estando prezo na conceisão de cima, onde estavão mais de 24 pesoas apertadas, e quazi unidas sobre as tarimbas, mandou fazer uma bara de quatro taboas, pela qual pagou 1280 reis, para ser colocada em um vacuo no fundo da prizão, suprindo-se asim a falta da tarimba naquele logar, e modificar d'algum modo o incomodo dos prezos, que tinhão as camas unidas umas ás outras. Logo depois da retirada de V. S. desta Torre foi o suplicante com seus companheiros transferido para a abobada n.° 137, mas não lhe foi concedido levar a sua barra, e requerendo ao Escelentisimo Senhor governador faculdade para a mandar vir, teve por despaxo: — *Não é permitida a sua entrada, mas será entregue a quem determinar.* — E' verdade que o ten. Marinonio, então xaveiro da dita abobada, dise que a barra estava guardada na caza da arrecadasão com outra igual barra, que o padre Velozo tinha mandado fazer á sua custa, e então fazendo o suplicante novo requerimento, dezignando a pesoa, a quem devia ser entregue a sua barra, teve em despaxo: — *Como pede.* — Este requerimento asim despaxado entregou o suplicante ao cap. Carvalho, já então xaveiro daquela abobada, para lhe dar o devido cumprimento, o que nunca dele se conseguiu, dezobedecendo asim formalmente ás ordens do seu superior, surdo sempre ás representasões do suplicante, que diariamente lhe requeria que cumprise aquela respeitavel ordem. Eis a pura verdade deste fato. Como ouza agora

o cap. Carvalho negar este fato, afirmando que tal requerimento não lhe fôra entregue, nem diso sabia coiza alguma, quando tudo se pasou por muitos dias, e á vista de tantas testemunhas quantas erão os vinte padres, e alguns seculares ali prezos? O suplicado cap. Carvalho tem o arrojo de xamar ao suplicante: *Traidor ao noso amabilisimo soberano, e que por tal está prezo.* Asim o escreve na informasão, que a V. S. deu no cazo da barra em 11 de junho, (que por atabalhoado escreve a V. S., quando devia data-la de 11 do corrente julho), descarada, e caluniosa imputasão que fás ao suplicante, o qual está prezo sem ter procéso, nem teve atégora perguntas; mas o sabio jurista Carvalho, erguendo-se em juis do suplicante o declara na sua sentensa não menos que — *Traidor ao noso amabilisimo soberano!* — Mas isto (com permisão de V. S.) ficará para ser disputado no juizo competente em um libelo d'injuria atrós, que o suplicante protesta oferecer contra o suplicado.

Mas não admira que o cap. Carvalho asim se comporte, e, conhecido o seu carater, asim fale contra os prezos ecleziasticos, de quem é figadal inimigo, quando apenas V. S. pôs o pé fóra da Torre se dirijiu com uma escolta á igreja, onde o digno padre Forte (que tantos servisos tinha feito nesta Torre, principalmente na quaresma) estava celebrando o santo sacrificio da misa, e em acabando lhe dirijiu a seguinte descomedida apóstrofe: — *Venha cá sô mariola: cuida que ainda está no tempo, em que fazia*

tantas patifarias? pois ese tempo já lá vai. Sargento leve lá este mariola para o revelim pequeno. — O meigo e caridozo padre Forte respondeu, que lhe ficava muito obrigado pelo bem que o tratava. Inimigo jurado contra os eclesiasticos fes tudo quanto esteve ao seu alcanse para os malquistar com o sr. governador; e para melhor o conseguir seduziu o padre Brasco (que já lá deu contas a Deus) coluiando-se com elle para lhe denunciar quanto os prezos não fazião, nem dizião; e para melhor conseguir o seu intento deu ordem em nome de S. E. — Que o padre Brasco era juis da prizão, com poderes indefinitos, e absoluto, até para mandar para o suterraneu quem lhe dezobedecese, ou insultase. Mas como todos os espias teem a qualidade de dobles, pelo dito padre se soube depois, que o cap. Carvalho tinha ido a Lisboa a rastrear os pasos do padre misionario frei Antonio, deixando ali por confidente quem lhos comunicase. E com efeito, declarando-se a epidemia, por conselho dos facultativos mandou S. E. abrir as portas esteriores das abobadas, beneficio de que partecipárão os eccleziasticos só por tres dias, pois findos eles, veio o cap. Carvalho á abobada, dizendo em nome do sr. governador; — *Que ele era quem governava esta Torre, e não o misionario frei Antonio lá de Lisboa.* — Fexou logo a porta esterior, que mais se não abriu até ao instante da partida para Cascaes, a 28 de maio pasado, o que foi cauza de se comunicar ali a epidemia, protestando o dito xaveiro, que não abriria a porta,

ainda que todos morresem, não entregando a S. E. os requerimentos de queixa, que lhe fazião. Como o ar que na prizão se respirava, era mefitico, e empestado, atacou o padre Luis Rodriges, que, indo á igreja, saiu dela nos brasos dos companheiros, o que observou S. E., que por acazo estava no adro, e pedindo-se-lhe socorro de facultativos, mandou o dito padre para o revelim grande, onde estes ezistião. Mas o padre Luis não podia ir por seu pé, e então o padre Menezes muito respeitozamente reprezentou ao sr. xaveiro Carvalho, que seria necesario vir uma maca para transportar o doente. Mas que responderia o sr. xaveiro? — *Leve-o vosê a cavalo.* — O padre Menezes lhe dise que não era besta; o sr. xaveiro lhe tornou: — *Mais que besta é vosé.* — E porque o padre Menezes se retirou precipitadamente para dentro, rezultou daqui ao dito padre oito dias de segredo!

Levado o padre Luis para o revelim grande com a molestia precursora da sua morte (que pouco depois teve logar na Feitoria), seguiu-se a doensa de frei Caetano; nem podia ser d'outra sorte, estando a porta fexada, e agravandose de dia em dia xegou ao ultimo ponto; o que partecipando-se á noite ao sr. xaveiro, respondeu que não abriria a porta por nenhum cazo, proibindo, se-lhe batese, e recomendando ao juis Brasco que tal não consentise. Mas o doente, vendo xegada a sua ultima ora, requereu sacramentos, e então, desprezadas as ordens Brasquico-Carvalhozas, todos os prezos, á uma, batêrão á porta, pedindo sacramentos. A sentinela

deu parte; e xamando-se o sr. xaveiro Carvalho, respondeu: — que estava na cama suado!!! Gritou-se, e clamou-se de dentro contra tão barbaro proceder, derão parte a S. E. que mandando abrir a porta, veio o cura com o sagrado viatico, e unsão, que lhe administrou, depois de o confesar. Acabada a liturgia religioza, vierão os facultativos, que, depois de sangrado o doente, e outros remedios, foi nesta mesma noite (já de madrugada) transferido para o ospital da Feitoria; onde se finou no dia seguinte. Nem por iso se abriu a porta esterior, e respirando-se ali por esta cauza ares corrutos, seguiu-se dali dzenvolver-se a colera em Cascaes nos padres Faria, e Brasco, que fenecêrão no ospital militar daquella fortaleza; nos padres Silva Reis, Eutequiano, e frei Antonio Bastos, que felismente escapárão.

Seria não acabar nunca, se o suplicante pretendese referír todas as atrocidades, e cruezas praticadas pelo xaveiro capitão Carvalho, indignas d'um cristão, d'um militar valente, e d'um omem bem nascido, e bem criado; não avendo a quem seja comparado, a não ser aos mais vorazes monstros da Ircania! A' vista da longa, mas veridica, serie d'atrocidades deste xaveiro, conhecerá V. S. quaes são os sentimentos de seu ferino corasão para o conceituar conforme o seu merito. E pelo que toca á questão da barra, não pode o suplicante dispensar-se de a requerer a V. S., pois que lhe é necesaria para dormir sobre ela no revelim, onde á falta delas, atendendo V. S. a que o suplicante é um paro-

co idozo, com molestias, e que muit o necesita de descanso para conservar a saude e vida a, que por direito natural, e divino é obrigado. — Asim o espera o suplicante da retidão, cristandade, e omanidade de V. S. — E. R. M.

INDICE.

Dos malvados, que no decurso desta Obra mais asanhados se mostrárão em atormentar a sorte dos infelizes, que tiverão a desdita de lhes cair nas garras.

N. B. Os algarismos romanos indicão o volume, os arabicos a pagina.

Antonio da Orta Branco, pasador de roubos, capatás dos malandros. I. — 107. — Denunciante do simpatico na prizão grande do revelim. — 197. Denuncía varios. — II. — 26. Cauza de sermos despojados das barras. — 255. — Salva-se-lhe a vida, e fica na caza forte. IV. — 89.

Antonio Joze Batista Pereira Sá Carneiro, gov. de Lagos, promove a insubordinasão no 1.° batalhão do 2.° d'infant. — I — 3. — Tinha acompanhado a Silveirada em 1823, pelo que pasou então a coronel, estando reformado em ten. coronel. Em 1826 portou-se bem no tempo da revolusão do reg. n.° 14 em Tavira. Este omem transtornou-se muito depois deste procedimento de 1826; e em 28 estava de todo no primeiro partido que avia abrasado, a ponto de dar contas ao Palmeirim dos que reputava constitucionaes, principalmente do sr. Maldonado, comandante do bat., o qual por iso foi xamado a Tavira. Foi ele quem transmitiu ao referido sr. Maldonado a ordem do Palmeirim para formar o batalhão em parada, e dar vivas ao uzurpador, rei absoluto; o sr. Maldonado recuzou se com muita onra dar os vivas, nem ainda tendo-lhe sido ordenado segunda e terceira ves, o que vendo o governador os foi ele mesmo entoar no centro do batalhão, que nesa ocazião com muito poucas vozes respondeu. O sr. Maldonado recolheu-se com o batalhão ao quartel sem lhe fazer a continencia do costume. Este omem, e o corregedor Coutinho forão cauza da insu-

bordinasão do batalhão, e das dezordens que alguns da ralé do povo fizerão, levados por outros fasanhozos bem conhecidos.

Antonio Pedro Magalhães, escrivão do geral em Lagos, omem devaso em bebedeiras, promoveu a minha prizão. I — 5. — Testemunha contra mim tambem em 1828. — II — 35.

Antonio Xavier Bustorf, tenente de Veteranos, prezo um 1826, anistiado, ficou com baixa, restituido porem em 1828: a ele escreveu o Sarria a carta. I — 4. Minha testemunha na devasa. II — 35.

Bandeira, brigadeiro de cavalaria, acorsoa em Estremos a asoada do povo miudo contra os prezos. — II — 286.

Bernardino Enriques de Souza Sodre, major da prasa da Torre; seus manejos I — 74 por condescendia com o alf. Valeriano mete no segredo o sr. Caldeira Pedrozo. 81. — Denuncia o dinheiro do sr. Melo. — 89.

Bernardo Antonio d'Abreu Vieira, juis de fora d'Almada, procede indignamente contra o sr. Pereira de Melo e outros: acelera a morte de sua senhora. — II — 105.

Carlos Joze Pinheiro. Insensibilidade deste fizico mor. — IV. — 36.

Cazimiro Candido de Lacerda, capitão de veteranos, serve de major da prasa; xupista e ladrão como rato. — I — 123, 229, e varias outras.

Cristiano Joze Garsão de Carvalho, ajud. do brig. Tiago, meeiro nos roubos que nos fazem. — IV — 22. — Proteje o roubo das bagagens.

Lista dos Senhores Suscritores.

S. M. I. o Duque de Bragansa - - 50 Ezemp.

Il.mos e Es.mos Senhores e Senhoras.

Abel Maria Jordão Paiva Manso.
Alberto Francisco Maria Perfumo.
Albino Francisco de Figueiredo Almeida.
Alexandre Autonio de Souza Freitas e Sampaio.
Alexandre Luis Gonsalves da Costa.
Alfredo Garrido.
Alvaro Bernardino Cabral.
D. Ana Rita de Melo.
P. Anastacio Verdelho, Prior do Torrão.
Angelo Maria Martins dos Santos.
Aniceto Cardozo da Lus.
Anonimo.
Anselmo da Silva Franco.
Antão Garcês Pinto de Madureira, cor. do 21.
Antonieu.
Antonio Atanazio dos Santos.
Antonio Augusto Gonsalves.
Antonio Caetano d'Azevedo. Neg., 4 ezemp.
Antonio Caetano da Costa.
Antonic Cardozo de Carvalho.
Antonio Cipriano Carreira.
Antonio Emidio Marques.
Antonio Emidio Ribeiro.
Antonio Eustaquio da Silva.
A. E. F. Gorjão.
Antonio Ferreira.

Antonio Filipe de Barros.
Antonio Gabriel Pesoa. Cons. da Pr. da Estr.
Antonio Gomes Tavares.
Antonio Gonsalves Lamarão.
Antonio Ipolito Costa. Tenente General.
Antonio Joaquim da Costa.
Antonio Joaquim da Costa Lamim.
Antonio Joaquim da Costa Quintela.
Antonio Joaquim Mendes.
Antonio Joaquim Raimundo Bésa.
P. Antonio Joaquim dos Reis.
Antonio Joaquim Sá Dias.
Antonio Joze d'Almeida Moura Coutinho.
Antonio Joze Alves.
Antonio Joze Dique da Fonceca.
Antonio Joze Gonsalves Serva.
Antonio Joze Leite.
Antonio Joze de Lima Leitão. Medico.
Antonio Joze de Moraes Pimentel.
Antonio Joze Nunes.
Antonio Joze Pereira Basto.
Antonio Joze Ribeiro.
Antonio Joze Rodriges Guimarães.
Antonio Joze de Souza Neto.
Antonio Joze Vás. Gov. d'Ouguela.
Antonio Joze Vieira.
Antonio Lopes.
Antonio Manuel de Souza Migueis.
Antonio Maria Agard. Neg.
Antonio Maria Farinha.
Antonio Maxado Junior. Neg.
Antonio Mendes Ribeiro Salgado.
Antonio Montes Garcia. Neg.

Antonio d'Oliveira Amaral Maxado.
Antonio da Paixão Costa Craesbeck.
Antonio Pedro da Silva Pedrozo.
Antonio Pereira Quinland. Cor. gov. de Setubal.
Antonio Pereira Vilela.
Antonio Pimentel Maldonado. Maj. d'inf. 1.
Antonio Ribeiro Neves.
Antonio Rufo Alves d'Amorim.
Antonio da Silva Canedo.
Antonio de Souza Coutinho. Cap. de cas. ref.
Antonio Tomás d'Aquino e Silva. Medico.
Antonio Xavier Luis d'Andrade.
Antonio Zimermam.
Augusto Calás.
Augusto da Costa.
Augusto Joze de Carvalho.
B. Crillanocies.
D. Balbina de Souza.
Baltazar Cavaleiro Lobo d'Abreu e Vasconcelos.
Baltazar Joze Ribeiro d'Alvarenga.
Baltazar Moreira de Brito Velho Costa.
Batalha.
B. M. d'Oliveira Borges.
Bento Joze de Miranda. Verif. da Alf. das S. C.
Bento Pereira do Carmo. M. e S. d'Estado dos N. do R.
Bernardino Antonio de Carvalho Paxeco. Cirurg.
Bernardo Joze da Maia.
Bernardo Luis Fernandes Alves. Neg. 10 Ez.
Bernardo Manuel Gomes.
Caetano Alberto Pereira da Costa.
P. Caetano Gomes Leitão.
Carlos Hutcheus.

Carlos Ivanoff Razewich. Cons. da Rusia.
Carlos Joaquim Monteiro.
Carlos Joze da Silva.
Carlos Marques Batista. Neg.
Carlos de Sales Melo. Neg.
D. Carlota Guilhermina Antunes da Silva.
Cazimiro Luis Viegas.
Claudio Berthelot.
Claudio Joze Marrocos, Sobrinho. Neg.
Condesa de Sub-serra D. Izabel.
Condesa de Sub-serra D. Maria.
Constantino Verisimo dos Santos.
Cristovão da Costa. Maj. de cav.
Custodio Joze Alves.
Custodio Joze de Carvalho.
Diogo Antonio Correia de Sequeira Pinto.
Diogo Hog.
Diogo João Mascarenhas Neto. Cor. de M. ref.
Diogo P.
Diogo Smith.
D. F. S. Coutinho.
D. M. R. St.
Domingos Francisco d'Abreu.
Domingos Joze Afonso. Boticario.
Domingos Joze Gonsalves Pereira.
Domingos Joze de Paiva.
Domingos Martins da Cunha.
Domingos d'Oliveira Roza.
Domingos Pires Monteiro Bandeira.
Domingos Ribeiro de Faria. 4 Ezemplares.
Duarte Cardozo de Sá. Neg.
Duarte Joze Ventura. Verif. da Alf. das S. C.
Eduardo Joze dos Santos.

Eduardo Ramos Coelho.
Eduardo Ventura da Pás.
E. M. Bonanati.
P. Eleuterio Francisco Castelo Branco.
Enrique Setaro.
Ermenegildo Joze da Silva Neto. 2 ezemplares.
P. Eutiquiano Joaquim Rogado da Silva.
D. Euzebia Eleuteria e Silva.
F. A. de Souza.
F. Joze de Paiva Magalhães.
Feliciano Joze Colares.
Felis Estanislau da Cerveira.
P. Fernando Antonio de Carvalho Serra.
Fernando Luis Pereira de Souza Barradas.
Fernando Vitor da Fonceca.
Filipe Buzue.
Filipe Joze Brandieu.
Francisco Alexandre Lobo. Cap. de cas.
Francisco Antonio d'Almeida Moraes Pesanha.
Francisco Antonio Gonsalves da Silva.
P. Francisco Antonio da Pureza.
Francisco d'Asís e Souza.
Francisco Benedito Ferrugento.
Francisco Carlos Xavier.
Francisco Cazimiro Judice Samóra.
Francisco Gomes Velozo d'Azevedo.
Francisco Guilberme da Silva Coutinho.
Francisco H. S. Freire.
Francisco Joaquim Carreti. Brig. d'inf.
Francisco Joze d'Almeida.
P. Francisco Joze Bento da Silva Reis.
Francisco Joze Lopes da Fonceca.
Francisco Joze Pereira Soares.

Francisco Joze Soares.
Francisco Joze Sutil.
Francisco Ladislau Alvares d'Andrada.
Francisco de Lemos Betencourt. Cons. do T. P.
Francisco Neri Caldeira. Cap. de cas.
Francisco de Paula Botelho do Vale.
Francisco Rodriges Grilo. Neg.
Francisco de Sá Magalhães.
Francisco da Silva Melheiro.
Francisco Silvéstre de Macedo. Boticario.
Francisco de Veiga Velozo. Ajud. d'inf. n.º 1.
Francisco Xavier Teles da Silva.
Frederico Jacob Bivar Gomes da Costa.
Frutuozo de Paiva Cardozo.
Gaspar Bignoni.
Genezio Joze d'Araujo. Esc. do J. de D. de Viz.
D. Gertrudes Valdês.
G. R. de la Guisaune.
Gregorio Vitorino da Silva.
Guder.
Inacio Joaquim.
Inacio Joaquim da Cunha.
P. Inacio Joze de Macedo.
Inacio Vilhena de Barboza.
Izaac. C.
J. J. Stelling.
Jacinto Joze Guerreiro. Cirurgião.
Jacomo Morelo.
Januario Antonio de Macedo.
Januario Antonio de Souza Monteiro.
Jeronimo Corvetto.
Jeronimo Joze Carneiro. Pref. do Algarve.
Jeronimo Joze Ferreira Duarte. 2 ez.

João Alves Guerra.
João Antonio dos Reis.
João Antonio de Souza Gomes.
João Antonio da Silva. Cir. M. do B. d'art. 4.
João Aquiles Ripamonte.
João Augier.
João Batista dos Santos Cadet.
João Batista Sivori. C. de Toscana.
João Carlos Forman. Cap. de cav.
João Carlos Lara de Carvalho.
D. João Carlos de Lencaster. Ten. d'inf.
João Enriques de Sima.
João Esteves da Crus. Escrit. da Alf. das S. C.
João Evangelista Guerreiro. Boticario
João Francisco Valouise. 2 ez.
João Ferreira Sarmento.
João Gaudencio Pereira.
João Inacio da Crus Forte.
João Joze Dias da Cunha.
João Joze de Mesquita.
João Joze da Silva Malafaia. Ten. d'inf.
João Joze Teixeira Leal.
João Lopes Bento Teixeira Pinto.
João Manuel Alves da Costa.
João Manuel da Camara Berqui.
João Martins Falcão.
João Miguel Bakkerstee.
Sir. João Milley Doyle. Mar. de campo. 4 ez.
João Nepomuceno Pestana Girão.
P. João Neves de Jezus Xavier.
João Nogueira Gandra.
João Pedro da Silva.
João Pinheiro Leal.

João Pinto Carneiro. Cap. da brig. da M.ª
João Vitoriano da Porciuncula.
João Willy.
Joaquim Antonio d'Almeida.
Joaquim Antonio de Carvalho.
Joaquim Antonio da Costa Sobrinho.
Joaquim Antonio Nunes.
Joaquim Antonio Pereira.
Joaquim Antonio do Rego.
Joaquim Bernardo Coxado. B. em Leis.
Joaquim Felis Moreira.
Joaquim Garcia da Cunha.
Joaquim Gregorio Ferreira Ribeiro.
Joaquim Joze d'Araujo. Escrit. da Alf. das S. C.
Joaquim Joze Cardozo e Sá.
P. Joaquim Joze Carneiro. 2 ezemplares.
P. Joaquim Joze Cavaco.
Joaquim Joze d'Oliveira.
Joaquim Joze Pereira de Melo.
Joaquim Jozc Rodriges Bandeira.
Joaquim Joze dos Santos Carneiro.
Joaquim Joze da Silva.
Joaquim Joze da Silva Rego. Cap. de vet.
Joaquim Joze Verdelho. Medico do Torrão.
Joaquim Lopes Guimarães. Ten. de cas. n.º 2.
Joaquim Maria de Carvalho.
Joaquim Pedro Judice Biker. Cad. de cav.
Joaquim Pedro Judice Samóra.
Joaquim Pinheiro da Silva.
Joaquim Pinheiro das Xagas.
P. Joaquim de Sant'Ana Negrão.
Joaguim Tomás de Souza Ramos. Cad. d'artilheria.

P. Joaquim Vitorino do Espirito Santo.
Joaquim Xavier de Souza.
Jorge Could. 2 ez.
Joze Alvares da Silva. Cap. d'inf. n.° 4.
Joze Antonio Alves Basto.
Joze Antonio da Crus. Meir. da Saude de Faro.
Joze Antonio de Freitas.
Joze Antonio Lisboa.
Joze Antonio da Silva.
Joze Banha da Costa. Cap. de cav.
Joze Bento d'Araujo. Neg.
Joze Bento Pereira. J. do S. T. de Com.
Joze Bras Corujo. Cirurg.
Joze Bruno Lopes Carreira.
Joze Correia Beles.
Joze Dinis Omem. 2 ez.
Joze Eduardo da Silva Alves.
Joze Elerton.
Joze Eleodoro de Castro.
P. Joze Ferrão de Mendonsa e Souza. Dep. da Junta do M.
Joze Firmino de Miranda.
Joze Fortunato d'Azevedo Coutinho. Maj. do B. de Com.
D. Joze Francisco de Noronha.
Joze Francisco Parreira de Vilhena. Bax. em Leis.
Joze Francisco Valorado. Medico.
Joze da Gama Lobo Soares. Ten. de Cav.
Joze Gonsalves Teixeira.
Joze Gregorio de Gouveia.
Joze Gregorio de Mesquita.
Joze Gualdino Ferreira. Asp. no Tez. Pub.

Joze Guilherme de Figueiredo.
Joze Inacio d'Andrade.
P. Joze Izidoro Gomes da Silva. M. Esc. da Sé de Lisboa.
P. Joze João Teixeira. Prior d'Aljezur.
Joze Joaquim Dias.
Joze Joaquim Moreira de Brito Velho Costa. Sub-Pref. da Com. d'Ourique.
Joze Joaquim da Nobrega.
Joze Joaquim dos Reis
Joze Joaquim da Silva Xaves. Prov. d'Almada.
Joze Joaquim de Vila Lobos. Cap. d'inf. n.° 1.
Joze Judice Biker. Prov. de Portimão.
Joze Judice dos Santos. Neg.
Joze Justiniano dos Santos Nazareth.
Joze Laureano de Mendonsa.
Joze Luis da Costa. Quartel M. do 2.° B. M. do Porto.
Joze Luis Cordeiro de Matos Zagalo.
Joze Manuel Correia de Lacerda. J. da R. de Lisboa.
Joze Maria de Lia.
Joze Maria Macé.
Joze Maria Pereira.
Joze Maria da Silva Calvete. Medico.
Joze Maria Soares da Camara Zarco. Cor d'Evora.
Joze Maria de Souza.
Joze Marques da Costa Soares. Neg.
Joze Marques Moreira.
Joze Martins de Medeiros Xaves. Of. da Alf. das Sete Cazas.
Joze Mendes da Veiga. Neg.

Joze Miguel Torres.
Joze Nicolau d'Azevedo Salgado. 2 ez.
Joze de Paiva Magalhães.
Joze Paulo Serpa.
Joze Perestrelo Marinho Pereira. Cap. d'inf.
Joze dos Santos Coutinho.
Joze dos Santos Mafra.
Joze da Silva Dias.
Joze da Silva Leal.
Joze Silverio Gomes.
Joze de Souza Castelo Branco.
Julio Cezar Augusto de Mendonsa. Est. do J. de D. de Tondela.
D. Justina Benedita Roza da Costa.
Justino Xavier d'Oliveira Guerra.
J. J. Rebelo.
L. B. Gardanne.
Ladislau Barbuda.
Leonardo Gomes.
Lino Antonio Rodriges de Faria. Verif. da Alf. das Sete Casas.
Lourenso Felis Sardinha. Cirurgião Dir. do Osp. da Estrela.
Lucas Vieira de Sá.
Luciano Augusto Maximo.
Luis Antonio Maravilhas. Neg.
Luis Antonio Panarra.
Luis Cabral Soares d'Albergaria. Cap. d'inf. 18.
Luis Inacio de Seixas e Vasconcelos.
Luis Joze de Brito.
Luis Joze Gomes da Silva.
Luis Joze Maldonado d'Esa. Brig. ref.
Luis Pedro Lourenso.

Luis Pinto de Campos.
Luis Sauvinez.
Manuel d'Ambrozi Junior.
Manuel Antonio Velês Caldeira Castelo Branco. J. do S. T. de Just.
P. Manuel Antonio Xaves.
Manuel Baltazar da Silva.
Manuel Fernandes de Sá.
Manuel Freire de Faria.
Mánuel Gomes Monteiro.
Manuel Gonsalves Ferreira. Neg.
P. Manuel Forte. P. da F. dos Anjos.
Manuel Joze Fernandes da Cunha Soares.
Manuel Joze Ozorio.
Manuel Maria Metelo Corte Real. Sub-Pref. de Trancozo.
Manuel Melendes.
Manuel Mendes da Veiga. Neg.
Manuel Ramos.
Manuel Ribeiro Franco.
Manuel Ribeiro Guimarães.
Manuel Rodrigues d'Aguiar.
Manuel de Saldanha e Silva.
Manuel da Silva Mengo.
Manuel da Silva Oliveira.
Marcelino Joze Alves Macamboa. Del. do Proc. Reg.
D. Maria da Conceisão e Lima.
D. Maria Gertrudes Costa Genieux.
D. Maria Joaquina d'Aguirre.
D. Maria Petronilha Fidalga.
D. Maria Rita da Piedade.
Marquès de Santa Iria.

Marsal Enriques d'Azevedo Aboim. Sub-Pref. de Tavira.
Matias da Costa Araujo.
Matias Joze d'Oliveira Leite.
Mauricio Joze Sindim.
Miguel Gomes da Silva.
Miguel Joze Rodrigues.
Miguel Maria Salvo.
Onofre Lourenso d'Andrada. Alf. d'inf.
Paulo d'Ambrozi.
Paulo Vydal y Orta.
Pedro Alvares da Cunha.
Pedro Caetano Soares Mendes.
Pedro Carlos Gonsalves.
Pedro Luis Peissoneaux.
Policarpo Joze de Faria.
Ponceano Maria Biker.
Roberto Juness.
P. Roderigo Joaquim Lobo de Menezes. P. da F. do Castelo.
Roderigo Maria Cordeiro Vinagre. Ten. de cav.
Roderigo de Souza Castelo Branco. J. da R. de Lisboa.
Romão Joze Alves Ribeiro.
Roque Ribeiro d'Abranxes Castelo Branco. Pref. da Beira Alta.
Russel de Sá Viana.
Salustiano Joaquim Segurado.
Samuel Vindack.
Sebastião Joze Leal.
Sebastião Xavier Botelho.
Silverio da Silva Castro. J. de P. Cor. do Porto.

Silvestre Falcão de Souza Pereira Berredo. Prov. de Tavira.
Silvestre dos Santos Ferreira, Botic.
Silvino Luis Teixeira d'Aguiar e Vasconcelos. Proc. R. do S. T. de M.
Teotonio Xavier d'Oliveira Banha.
Tiago Joze Tirolete.
P. Timoteu Antonio da Silva Menezes. Capel. d'inf. n.° 18.
Tomás Constanci.
V. T. da Silva.
Verdier.
Verisimo Antonio Ferreira da Costa.
Vicente Vieira Galvão.
Vitor Garnée.
Vitor Jorge. Cap. de cav.

INDICE.

Erratas na Relasão dos Prezos no tomo 1.°

Falta. — Francisco Manuel de Magalhães Araujo Costa, baxarel em leis. — Entrou na Torre em fev. de 1829. — Rem. para a cadeia de Belem a 17 de jun. de 29.

N.° 7. Lea-se — Cond. em 10 an. para Bisau, comutada a sentença para Angola.

Os N.os 33, 39, 48, 56, 67, 73, 80, 115, 149, 153, 174, 177, 180, 182, 189, 197, 204, 211, 214, 222, 251, 256, 284, 299, 300, 302, 324, 354, 363, 368, 374, 403, 419, 422, 425, 427, 448, 467, 473, 481, 484, 498, 502, 503, 509, 554, 570, 592, 597 — Entrárão na Torre em 26 de junho de 28.

N.° 100 — P. a 15 de julho.

N.° 151 — Eutiquiano Joaquim da Silva Rogado. — Foi prezo em Badajos a 19 d'abril de 28; conduzido á raia em 19 de julho do mesmo ano para ser entregue ás autoridades portuguezas; pôde evadir-se, e foi prezo em Elvas no 1.° d'out. dito.

N.° 309 — Teve dois procesos, em que foi pronunciado.

N.° 448 — Luis Correia da Silva Milhão, N. de Braga.

Erratas do tomo 4.°

Pag.	19 l.	7	oferecen-se	ofereceu-se
	66	1	multo	muito
	82	5	eutender	entender
	116	23	fogageiro	fogareiro
	159	22	ozurpador	uzurpador
	161	11	olfate	olfato
	169	1	quaee	quaes
	177	19	liberaos	liberaes